



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 6 - SAFRA 2018/19- N. 2 - Segundo levantamento | **NOVEMBRO 2018**



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Fernando José de Pádua Costa Fonseca

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Waldenor Cezário Mariot

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Letícia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 6 - SAFRA 2018/19 - N. 2 - Segundo levantamento | **NOVEMBRO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 6 Safra 2018/19 -Segundo levantamento, Brasília, p. 1-142,
novembro 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Patrícia Maurício Campos (Suinf)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jactã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agropecuária do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: *Mês Agrícola* (1977-1991); *Previsão e acompanhamento de safras* (1992-1998); *Previsão da safra agrícola* (1998-2000); *Previsão e acompanhamento da safra* (2001); *Acompanhamento da safra* (2002-2007); *Acompanhamento da safra brasileira: grãos* (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

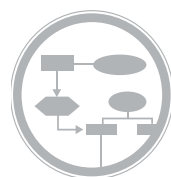
SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 10



2. Introdução ----- 12



3. Metodologia ----- 14



4. Estimativa de área plantada ----- 17



5. Estimativa de produtividade ----- 21



6. Estimativa de produção ----- 23



7. Crédito rural ----- 26



8. Prognóstico climático - Inmet----- 34



9. Monitoramento agroclimático----- 40



10. Análises das culturas----- 43

10.1. Culturas de verão -----	44
10.1.1. Algodão -----	44
10.1.2. Amendoim -----	49
10.1.3. Arroz-----	52
10.1.4. Feijão -----	60
10.1.5. Girassol-----	76
10.1.6. Mamona -----	77
10.1.7. Milho -----	79
10.1.8. Soja -----	85
10.1.9. Sorgo-----	95
10.2. Culturas de inverno -----	96
10.2.1. Aveia Branca-----	96
10.2.2. Canola -----	98
10.2.3. Centeio-----	100
10.2.4. Cevada-----	101
10.2.5. Trigo-----	102
10.2.6. Triticale-----	105



11. Vazio Sanitário ----- 107



12. Receita bruta ----- 111



13. Mercado de Insumo e Custos de Produção ----- 118



14. Balanço de oferta e demanda -----	121
13.1. Algodão -----	121
13.2. Arroz -----	122
13.3. Feijão -----	123
13.4. Milho -----	125
13.5. Soja -----	126
13.6. Trigo -----	127



15. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	130
--	------------







1. RESUMO EXECUTIVO

A produção total de grãos está estimada entre 233,7 e 238,3 milhões de toneladas para a safra 2018/19. Crescimento de 2,5% a 4,5%, respectivamente, em relação à safra anterior.

A área plantada está prevista a se situar entre 61,9 e 63,1 milhões de hectares, ou seja, crescimento de 0,3% a 2,2% se comparada com a safra 2017/18.

Algodão: crescimento na área de 12,1% a 21,4%, possibilitando uma produção de 7,6% a 16,5% superior à obtida em 2017/18.

Amendoim: a estimativa é de safra entre 519,7 e 536,4 mil toneladas, incrementada pelo ganho de 1,6% a 4,9% na área de plantio.

Arroz: a produção deverá ser menor que a safra passada, entre 8,8% e 2,1%, ficando entre 11 e 11,8 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: deverá ter redução de 7,9% a 4% na área em relação à safra passada, refletindo numa produção média de 1,1 milhão de toneladas, sendo 643,8 mil toneladas de feijão-comum cores, 294,5 mil toneladas de feijão-comum preto e 180,6 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: estima-se um aumento na área a ser cultivada de 0,5% a 3,5% sobre a safra anterior.

Soja: a cultura vem mantendo a tendência de crescimento na área cultivada. A estimativa aponta para

crescimento entre 0,6% a 2,8% em relação à safra 2017/18

Safra inverno 2018

Todas as culturas de inverno (aveia, canola, centeio,

cevada, trigo e triticales) tiveram resultados melhores do que na safra passada. A produção poderia ter sido maior se não houvesse adversidades climáticas nas principais regiões produtoras. A estimativa é de produção de 5,5 milhões de toneladas de trigo, 29,8% superior à safra 2017.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas,

abordam-se neste Boletim do Segundo Levantamento da Safra Brasileira de Grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta também o acompanhamento da safra de inverno 2018 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução da colheita e influência climática.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio. Neste levantamento, a informação de área a ser plantada é divulgada com intervalos (limite inferior e superior),

visto que as informações ainda são incipientes e tratam a segunda estimativa da safra. Além disso, visto que o plantio ainda avançou em todas as regiões produtoras, a Conab utiliza-se de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2018/19. Portanto, as informações de custo de produção, elaboradas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.





3. METODOLOGIA

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com diversos informantes, cadastrados por todo o país, a utilização de acompanhamento agrometeorológico e espectral (mapas e condição de vegetação), o conhecimento das informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, o acompanhamento sistemático da meteorologia e o uso de métodos estatísticos para consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo.

A metodologia aplicada pode ser assim resumida:

3.1. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A linguagem utilizada para os cálculos estatísticos é o “R”, um software livre que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (time-series analysis) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões desse estudo foram utilizados os pacotes “Forecast” e “Asts”.

Os dados utilizados são da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de dados utilizada contempla 20 anos, já que a partir de

1994 houve uma estabilização econômica, reduzindo a incerteza nas variáveis analisadas.

As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e prever o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Foi encontrado um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e

3.2. PACOTES TECNOLÓGICOS

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tomando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

A principal variável analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Inicialmente, tomando por base a área de abrangência dos custos,

3.3. MODELO AGROMETEOROLÓGICO E ESPECTRAL

A Conab tem buscado medidas eficazes para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas e, para isso, tem se empenhado na apropriação de ferramental diversificado.

Para tanto, tem sido utilizado recursos tecnológicos de eficiência comprovada, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, posicionamento por satélite (GPS), sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais, para estimar as áreas de cultivo e prever impactos à produtividade das lavouras.

A Companhia tem os mapeamentos das principais culturas de verão, de segunda safra e de inverno,

3.4. MONITORAMENTO DA SITUAÇÃO CLIMÁTICA

A variável climática é o maior risco na agricultura. Para o acompanhamento diário da situação climática se observa diversas informações geradas pelas principais instituições nacionais. No âmbito dos estados, as Superintendências Regionais da Conab também fazem o monitoramento local.

Unidade da Federação foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Essa é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor “real”. Para verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou. Isso se deve à natureza da série em questão, principalmente em estados do Norte e Nordeste e em culturas com pouca representatividade.

faz-se a sua relação com os roteiros preestabelecidos pela Companhia para visita em campo.

O passo seguinte é a sobreposição e a análise dessas variáveis com as culturas e os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

destacando o arroz, café, cana-de-açúcar, milho, soja e trigo, que oferecem meios para o monitoramento agrícola, através do acompanhamento das condições agrometeorológicas e espectrais (índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade) das lavouras.

As informações obtidas podem indicar os impactos, principalmente das precipitações e temperatura (climatologia e anomalias) no processo produtivo e seus resultados auxiliam na definição das áreas de plantio e de índices vegetativos que são utilizados para o acompanhamento da produtividade.

As principais informações pesquisadas dizem respeito às precipitações, temperaturas e suas anomalias, bem como outras, tais como umidade do solo, geadas e de modelos climáticos de prognósticos temporais. Tais informações são utilizadas para acompanhamento das condições das culturas ao longo de todo o seu ciclo de desenvolvimento.



3.5. METODOLOGIA SUBJETIVA

A metodologia subjetiva é realizada através de questionários junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores que, de uma forma geral, já procedem a primeira consolidação dos dados.

A metodologia adotada é a pesquisa amostral estratificada por roteiro em cada estado após a divisão do estado por grandes regiões, com coleta de informações por meio da aplicação direta de questionários aos detentores das informações dos órgãos pesquisados.

Para compensar as probabilidades desiguais de captação, são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto distinto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração dos fatores naturais de expansão consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, por meio de ajustes dos pesos naturais do dese-

no segundo informações de variáveis auxiliares da amostra.

As unidades de investigação são as áreas de jurisdição do município ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado e as visitas são realizadas pela equipe técnica da Companhia. Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

As variáveis investigadas podem ser resumidas em área, produtividade, estágio da cultura, condição da lavoura, qualidade do produto e outros dados da cultura como as pragas e doenças.

3.6. OUTRAS INFORMAÇÕES

O método utilizado para o acompanhamento e a avaliação da safra de grãos se complementa com informações que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como:

o crédito rural, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e as análises das perspectivas econômicas.

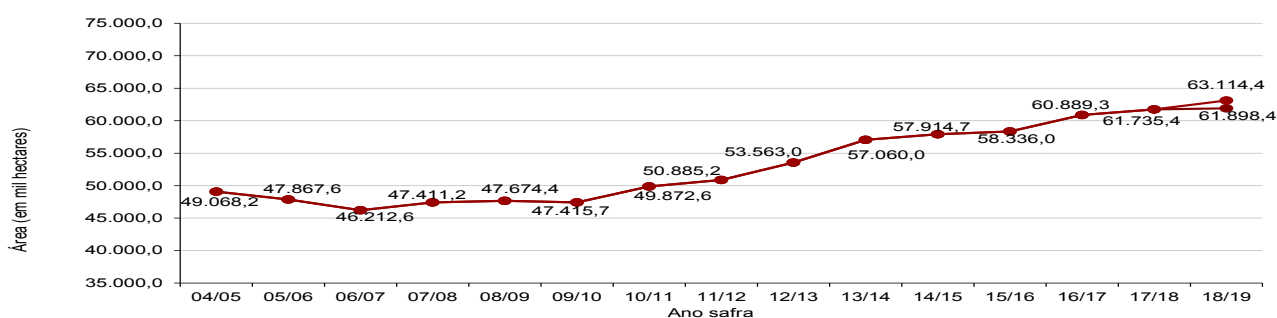




4. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Nesse segundo levantamento, a estimativa de área ainda se dá por limites inferiores e superiores. Essa estimativa tem como base as informações coletadas nas pesquisas atualizadas de campo, além do comportamento das séries históricas de cada cultura, constante no banco de dados da Conab. A perspectiva é de aumento de 0,3 a 2,2% na área para o plantio da safra 2018/19, que poderá variar de 61,9 a 63,1 milhões de hectares. Esse percentual equivale a um aumento de 163,6 mil a 1.379 mil hectares. Tal situação pode ser explicada pelo aumento na área de algodão e soja.

Gráfico 1 - Comportamento da área cultivada



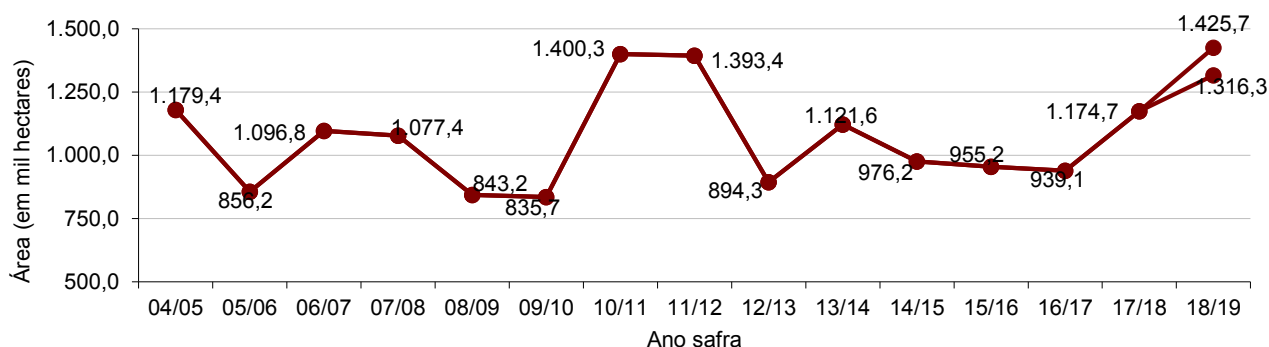
Fonte: Conab.

4.1. ALGODÃO

O bom desempenho das cotações da pluma tanto no mercado interno quanto no externo estimulou os produtores nacionais a investirem fortemente na lavoura, sendo esperado incrementos recordes na área plantada. Fatores como taxa de câmbio e a evolução dos preços nas principais praças produtoras e o bom ritmo das exportações deverão, a depender das condições climáticas nessa temporada, contribuir para a conso-

lidação desse quadro. A estimativa ainda prioriza uma intenção de plantio, visto que a semeadura se concentra em dezembro e janeiro, levando em consideração que o produtor adequa sua estratégia de plantio a fim de evitar que a colheita ocorra no período chuvoso, a expectativa é que seja alcançada a maior área plantada com a cultura no país, ora estimada no intervalo entre 1.316,3 mil e 1.425,7 mil hectares.

Gráfico 2 - Comportamento da área cultivada de algodão



Fonte: Conab.

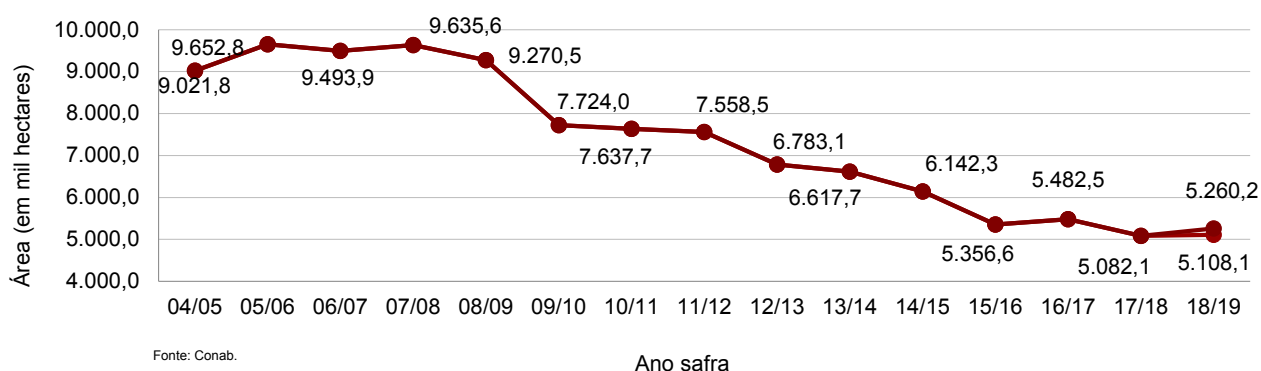
4.2. MILHO

A expectativa de normalização das chuvas, para a temporada que se inicia, é a grande aposta dos produtores do cereal em razão do promissor mercado que se vislumbra para o exercício que se inicia e que vem se fortalecendo a cada ano. As alternativas de exportação para o mercado chinês, os reflexos da taxa de câmbio, a fabricação de etanol a partir de milho, além do forte mercado interno produtor de proteína animal, são fatores que dão suporte às ex-

pectativas otimistas. A definição da área plantada ficará, portanto, condicionada à evolução do clima nos próximos meses, que estimulará, caso ocorra normalização do clima, o uso de um pacote tecnológico avançado, fato não ocorrido na temporada que se encerrou. Por essa razão, a estimativa da área de milho primeira safra deverá apresentar incremento, com um intervalo de 5.108,1 mil a 5.260,2 mil hectares.



Gráfico 3 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra



4.3.SOJA

A expectativa de um continuado suporte das cotações, reforçado pelas disputas diplomáticas envolvendo o maior produtor e o maior consumidor mundial da oleaginosa, consolida a soja como o principal produto na

evolução do agronegócio brasileiro. Essa cultura, que tradicionalmente impulsiona o incremento da área nacional produtora de grãos, deverá apresentar, neste exercício, intervalo de 35.359 mil a 36.125,1 mil hectares.

Gráfico 4 - Comportamento da área cultivada de soja

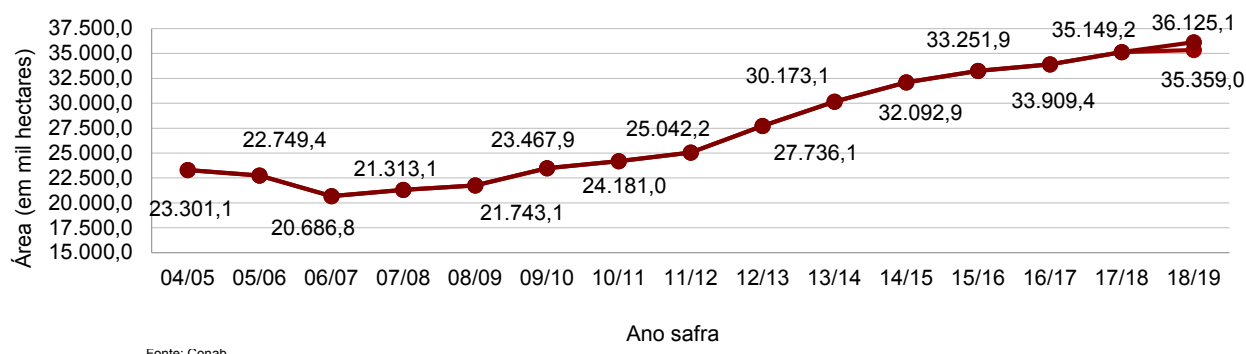


Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	1.174,7	1.316,3	1.425,7	12,1	21,4	141,6	251,0
AMENDOIM TOTAL	138,5	141,2	145,7	1,9	5,2	2,7	7,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	132,1	134,8	139,3	2,0	5,5	2,7	7,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	6,4	6,4	6,4	-	-	-	-
ARROZ	1.972,8	1.829,9	1.963,3	(7,2)	(0,5)	(142,9)	(9,5)
ARROZ SEQUEIRO	539,0	475,5	518,0	(11,8)	(3,9)	(63,5)	(21,0)
ARROZ IRRIGADO	1.433,8	1.354,4	1.445,3	(5,5)	0,8	(79,4)	11,5
FEIJÃO TOTAL	3.175,3	3.091,7	3.132,8	(2,6)	(1,3)	(83,6)	(42,5)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.333,9	1.258,4	1.281,7	(5,7)	(3,9)	(75,5)	(52,2)
FEIJÃO TOTAL PRETO	328,7	316,9	321,0	(3,6)	(2,3)	(11,8)	(7,7)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.512,7	1.516,4	1.530,1	0,2	1,2	3,7	17,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,6	970,0	1.011,1	(7,9)	(4,0)	(83,6)	(42,5)
CORES	462,4	386,9	410,2	(16,3)	(11,3)	(75,5)	(52,2)
PRETO	180,2	168,4	172,5	(6,5)	(4,3)	(11,8)	(7,7)
CAUPI	411,0	414,7	428,4	0,9	4,2	3,7	17,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.532,7	1.532,7	1.532,7	-	-	-	-
CORES	378,0	378,0	378,0	-	-	-	-
PRETO	131,4	131,4	131,4	-	-	-	-
CAUPI	1.023,3	1.023,3	1.023,3	-	-	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	589,0	589,0	589,0	-	-	-	-
CORES	493,5	493,5	493,5	-	-	-	-
PRETO	17,1	17,1	17,1	-	-	-	-
CAUPI	78,4	78,4	78,4	-	-	-	-
GIRASSOL	95,5	95,3	95,7	(0,2)	0,2	(0,2)	0,2
MAMONA	31,8	47,8	49,8	50,3	56,6	16,0	18,0
MILHO TOTAL	16.631,8	16.657,8	16.809,9	0,2	1,1	26,0	178,1
MILHO 1ª SAFRA	5.082,1	5.108,1	5.260,2	0,5	3,5	26,0	178,1
MILHO 2ª SAFRA	11.549,7	11.549,7	11.549,7	-	-	-	-
SOJA	35.149,2	35.359,0	36.125,1	0,6	2,8	209,8	975,9
SORGO	782,2	776,1	783,1	(0,8)	0,1	(6,1)	0,9
SUBTOTAL	59.151,8	59.315,1	60.531,1	0,3	2,3	163,3	1.379,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018(a)	2019		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	375,6	375,6	375,6	-	-	-	-
CANOLA	35,5	35,5	35,5	-	-	-	-
CENTEIO	3,7	3,7	3,7	-	-	-	-
CEVADA	111,9	111,9	111,9	-	-	-	-
TRIGO	2.036,7	2.036,7	2.036,7	-	-	-	-
TRITICALE	19,9	19,9	19,9	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.583,3	2.583,3	2.583,3	-	-	-	(2.583,3)
BRASIL	61.735,1	61.898,4	63.114,4	0,3	2,2	163,3	1.379,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



5. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

De acordo com a metodologia adotada pela Conab, a Companhia permanece se baseando nas análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada, uma vez que, no atual momento, o plantio da safra 2018/19 ainda está em andamento.

A análise estatística leva em consideração todas as variáveis das últimas safras (safra recorde, quebra de safra e penalizações de manejo e clima), indicando o comportamento dessa importante variável no período analisado. Essa avaliação é complementada com as análises dos pacotes tecnológicos levantados pela Conab, que são parâmetros fundamentais nessa avaliação e permite estabelecer as diretrizes da produtividade modal e a normalidade do processo produtivo.

A segunda intenção de plantio nos apresenta uma estimativa próxima do normal e em consonância com o pacote tecnológico utilizado. Tal situação será monitorada e avaliada a partir do momento em que o plantio se desenvolve e os diversos parâmetros que compõem a produtividade (por exemplo: clima e tecnologia) tenham condições de ser melhor avaliados.

Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS		VARIACÃO	
	17/18	18/19	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.560	2.456	(4,1)	(103,8)
ALGODÃO EM PLUMA	1.708	1.639	(4,0)	(68,5)
AMENDOIM TOTAL	3.693	3.681	(0,3)	(11,8)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.798	3.760	(1,0)	(38,7)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.541	2.003	30,0	461,8
ARROZ	6.119	6.015	(1,7)	(104,0)
ARROZ SEQUEIRO	2.409	2.092	(13,2)	(317,2)
ARROZ IRRIGADO	7.513	7.386	(1,7)	(127,7)
FEIJÃO TOTAL	981	1.011	3,0	29,6
FEIJÃO TOTAL CORES	1.379	1.449	5,0	69,3
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.489	1.572	5,6	83,0
FEIJÃO TOTAL CAUPI	520	528	1,6	8,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.216	1.129	(7,1)	(86,9)
CORES	1.728	1.615	(6,5)	(112,8)
PRETO	1.655	1.727	4,4	72,8
CAUPI	449	428	(4,5)	(20,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	793	841	6,0	47,9
CORES	1.268	1.383	9,1	115,2
PRETO	1.368	1.489	8,8	120,2
CAUPI	522	558	6,9	36,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.050	1.253	19,3	203,0
CORES	1.137	1.364	20,0	227,1
PRETO	677	671	(0,8)	(5,7)
CAUPI	593	682	15,1	89,6
GIRASSOL	1.489	1.588	6,6	99,0
MAMONA	631	564	(10,6)	(67,2)
MILHO TOTAL	4.857	5.407	11,3	549,9
MILHO 1ª SAFRA	5.275	5.160	(2,2)	(114,6)
MILHO 2ª SAFRA	4.721	5.518	16,9	797,2
SOJA	3.394	3.302	(2,7)	(91,6)
SORGO	2.731	2.497	(8,6)	(233,6)
SUBTOTAL	3.737	3.822	2,3	85,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIACÃO	
	2018	2019	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	2.334	2.334	-	-
CANOLA	1.349	1.349	-	-
CENTEIO	2.108	2.108	-	-
CEVADA	3.448	3.448	-	-
TRIGO	2.716	2.716	-	-
TRITICALE	2.809	2.809	-	-
SUBTOTAL	2.673	2.673	-	-
BRASIL (2)	3.693	3.775	2,2	82,4

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em novembro/2018.





6. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção estimada, nesse segundo levantamento, para a safra 2018/19, indica um volume entre 233,7 e 238,3 milhões de toneladas. Variação entre 2,5% e 4,5% maior em relação à safra passada. Esse resultado representa uma possibilidade de aumento na produção entre 5,7 e 10,3 milhões de toneladas.

A soja e o milho devem permanecer como as principais culturas produzidas no país. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja pode alcançar uma produção entre 116,8 e 119,3 milhões de toneladas, enquanto o milho pode chegar à produção de até 90,9 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira e segunda safras. Estima-se que a primeira safra de milho pode ser maior em relação à safra 2017/18 e alcançar entre 26,3 e 27,2 milhões de toneladas. A estimativa para a segunda safra de milho é de até 63,7 milhões de toneladas, mantendo-se a área da safra anterior.

Quem também deverá ganhar destaque, nessa safra, é o algodão. Nesse segundo levantamento, a estimativa é que a produção de algodão em pluma aumente entre 7,6% e 16,5% em relação à safra passada.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de amendoim, feijão, girassol e mamona.

Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	3.007,1	3.232,9	3.502,0	7,5	16,5	225,8	494,9
ALGODÃO - PLUMA	2.005,8	2.157,5	2.337,0	7,6	16,5	151,7	331,2
AMENDOIM TOTAL	511,4	519,7	536,4	1,6	4,9	8,3	25,0
AMENDOIM 1ª SAFRA	501,7	506,9	523,6	1,0	4,4	5,2	21,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,7	12,8	12,8	32,0	32,0	3,1	3,1
ARROZ	12.064,2	10.997,8	11.817,9	(8,8)	(2,0)	(1.066,4)	(246,3)
ARROZ SEQUEIRO	1.298,5	994,9	1.126,1	(23,4)	(13,3)	(303,6)	(172,4)
ARROZ IRRIGADO	10.765,7	10.002,9	10.691,8	(7,1)	(0,7)	(762,8)	(73,9)
FEIJÃO TOTAL	3.116,2	3.118,1	3.174,3	0,1	1,9	1,9	58,1
FEIJÃO TOTAL CORES	1.840	1.819	1.861	(1,1)	1,1	(20,6)	20,8
FEIJÃO TOTAL PRETO	490	498	505	1,8	3,1	8,7	15,1
FEIJÃO TOTAL CAUPI	787	801	809	1,8	2,9	14,1	22,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.281,6	1.090,7	1.146,8	(14,9)	(10,5)	(190,9)	(134,8)
CORES	799,0	623,1	664,5	(22,0)	(16,8)	(175,9)	(134,5)
PRETO	298,2	291,3	297,7	(2,3)	(0,2)	(6,9)	(0,5)
CAUPI	184,4	176,3	184,8	(4,4)	0,2	(8,1)	0,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.216,0	1.289,6	1.289,6	6,1	6,1	73,6	73,6
CORES	480,3	522,9	522,9	8,9	8,9	42,6	42,6
PRETO	179,9	195,6	195,6	8,7	8,7	15,7	15,7
CAUPI	555,9	571,1	571,1	2,7	2,7	15,2	15,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	618,7	738,1	738,1	19,3	19,3	119,4	119,4
CORES	560,5	673,2	673,2	20,1	20,1	112,7	112,7
PRETO	11,6	11,5	11,5	(0,9)	(0,9)	(0,1)	(0,1)
CAUPI	46,5	53,5	53,5	15,1	15,1	7,0	7,0
GIRASSOL	142,2	151,3	151,9	6,4	6,8	9,1	9,7
MAMONA	20,0	27,0	28,1	35,0	40,5	7,0	8,1
MILHO TOTAL	80.786,2	90.018,1	90.950,4	11,4	12,6	9.231,9	10.164,2
MILHO 1ª SAFRA	26.810,9	26.283,6	27.215,9	(2,0)	1,5	(527,2)	405,1
MILHO 2ª SAFRA	53.975,2	63.734,5	63.734,5	18,1	18,1	9.759,3	9.759,3
SOJA	119.281,7	116.770,7	119.266,7	(2,1)	-	(2.511,0)	(15,0)
SORGO	2.135,8	1.941,5	1.952,1	(9,1)	(8,6)	(194,3)	(183,7)
SUBTOTAL	221.064,8	226.777,1	231.379,8	2,6	4,7	5.712,3	10.315,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2018(a)	2019		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	876,5	876,5	876,5	-	-	-	-
CANOLA	47,9	47,9	47,9	-	-	-	-
CENTEIO	7,8	7,8	7,8	-	-	-	-
CEVADA	385,8	385,8	385,8	-	-	-	-
TRIGO	5.531,8	5.531,8	5.531,8	-	-	-	-
TRITICALE	55,9	55,9	55,9	-	-	-	-
SUBTOTAL	6.905,7	6.905,7	6.905,7	-	-	-	-
BRASIL (2)	227.970,5	233.682,9	238.285,6	2,5	4,5	5.712,3	10.315,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
NORTE	3.010,4	2.995,9	3.081,6	(0,5)	2,4	3.178	3.275	3,1	9.568,4	9.812,9	10.091,1	2,6	5,5
RR	67,3	67,3	67,3	-	-	3.941	3.949	0,2	265,2	265,8	265,8	0,2	0,2
RO	563,6	568,1	578,1	0,8	2,6	3.518	3.531	0,4	1.982,9	2.007,2	2.040,0	1,2	2,9
AC	44,1	44,5	44,6	0,9	1,1	2.116	2.089	(1,3)	93,3	92,9	93,2	(0,4)	(0,1)
AM	14,3	14,9	15,2	4,2	6,3	2.121	2.123	0,1	30,3	31,6	32,3	4,2	6,5
AP	24,7	24,7	24,7	-	-	2.538	2.462	(3,0)	62,7	60,8	60,8	(3,0)	(3,0)
PA	893,5	871,5	896,2	(2,5)	0,3	2.856	3.012	5,5	2.551,9	2.624,7	2.700,1	2,9	5,8
TO	1.402,9	1.404,9	1.455,5	0,1	3,7	3.266	3.366	3,1	4.582,0	4.729,9	4.898,8	3,2	6,9
NORDESTE	8.354,6	8.431,5	8.580,2	0,9	2,7	2.491	2.255	(9,5)	20.814,4	18.969,6	19.392,4	(8,9)	(6,8)
MA	1.818,6	1.836,4	1.863,6	1,0	2,5	3.071	2.817	(8,3)	5.585,6	5.166,4	5.254,8	(7,5)	(5,9)
PI	1.534,2	1.552,6	1.591,5	1,2	3,7	2.779	2.452	(11,7)	4.263,4	3.798,4	3.912,4	(10,9)	(8,2)
CE	946,6	946,6	946,6	-	-	570	514	(9,8)	539,4	486,6	486,6	(9,8)	(9,8)
RN	88,7	88,7	88,7	-	-	489	482	(1,4)	43,3	42,8	42,8	(1,3)	(1,3)
PB	220,6	220,6	220,6	-	-	614	447	(27,3)	135,4	98,5	98,5	(27,2)	(27,2)
PE	461,8	461,8	461,8	-	-	476	468	(1,7)	220,0	216,0	216,0	(1,8)	(1,8)
AL	67,2	67,2	67,2	-	-	1.285	1.243	(3,3)	86,4	83,5	83,5	(3,3)	(3,3)
SE	173,1	172,4	172,4	0,4)	(0,4)	1.281	3.913	205,5	221,7	674,6	674,6	204,3	204,3
BA	3.043,8	3.085,2	3.167,8	1,4	4,1	3.193	2.723	(14,7)	9.719,1	8.402,8	8.623,2	(13,5)	(11,3)
CENTRO-OESTE	25.355,6	25.620,9	26.074,7	1,0	2,8	3.950	4.073	3,1	100.156,0	104.509,1	106.026,5	4,3	5,9
MT	15.343,0	15.424,5	15.740,5	0,5	2,6	4.022	4.044	0,6	61.713,8	62.516,4	63.524,7	1,3	2,9
MS	4.544,7	4.628,5	4.698,3	1,8	3,4	3.608	4.011	11,2	16.395,7	18.580,5	18.826,2	13,3	14,8
GO	5.306,6	5.407,8	5.472,9	1,9	3,1	4.006	4.177	4,3	21.256,6	22.601,4	22.851,3	6,3	7,5
DF	161,3	160,1	163,0	0,7)	1,1	4.897	5.061	3,3	789,9	810,8	824,3	2,6	4,4
SUDESTE	5.559,1	5.580,6	5.687,8	0,4	2,3	4.075	4.161	2,1	22.655,6	23.210,8	23.681,0	2,5	4,5
MG	3.347,2	3.365,3	3.435,3	0,5	2,6	4.235	4.184	(1,2)	14.174,9	14.068,8	14.382,6	(0,7)	1,5
ES	28,2	28,2	28,2	-	-	1.927	1.882	(2,4)	54,3	53,1	53,1	(2,3)	(2,3)
RJ	2,5	2,6	2,6	4,0	4,0	1.828	1.926	5,3	4,6	5,0	5,0	9,6	9,6
SP	2.181,2	2.184,5	2.221,7	0,2	1,9	3.861	4.159	7,7	8.421,8	9.084,0	9.240,3	7,9	9,7
SUL	19.455,4	19.269,5	19.690,1	(1,0)	1,2	3.843	4.011	4,4	74.776,2	77.180,4	79.094,6	3,2	5,8
PR	9.564,0	9.542,0	9.585,6	(0,2)	0,2	3.673	3.927	6,9	35.131,3	37.480,1	37.637,3	6,7	7,1
SC	1.273,5	1.258,9	1.275,0	(1,1)	0,1	4.948	4.932	(0,3)	6.300,8	6.213,2	6.283,0	(1,4)	(0,3)
RS	8.617,9	8.468,6	8.829,5	(1,7)	2,5	3.869	3.969	2,6	33.344,0	33.487,2	35.174,4	0,4	5,5
NORTE/NORDESTE	11.365,0	11.427,4	11.661,8	0,5	2,6	2.673	2.524	(5,6)	30.382,8	28.782,5	29.483,4	(5,3)	(3,0)
CENTRO-SUL	50.370,1	50.471,0	51.452,6	0,2	2,1	3.923	4.059	3,5	197.587,7	204.900,4	208.802,1	3,7	5,7
BRASIL	61.735,1	61.898,4	63.114,4	0,3	2,2	3.693	3.775	2,2	227.970,5	233.682,9	238.285,6	2,5	4,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em novembro/2018.





7. CRÉDITO RURAL

O trabalho a seguir tem como foco o crédito rural obtido e utilizado pelos produtores rurais. Nesse trabalho, proporemos uma visão dual desse expediente, sejam eles: o crédito oficial, do qual as informações são retiradas do sítio do Banco Central do Brasil e faz referência aos valores aportados via importantes programas de auxílio à agricultura como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Promamp) e o financiamento sem vínculo a programa específico e o crédito advindo de outras fontes como os fornecedores de insumos ou Tradings.

Isso posto, em cada um dos 12 levantamentos realizados pela Conab serão apresentadas as informações agregadas para os programas existentes, também serão mostrados dados agregados para as regiões brasileiras no âmbito do crédito rural oficial e, por fim, detalharemos para uma ou duas culturas em específico, as informações tanto do crédito oficial como também as informações das demais fontes de crédito utilizadas pelos produtores rurais. Neste segundo levantamento, da safra 2018/19, serão colhidas informações acerca da soja e do amendoim primeira safra.

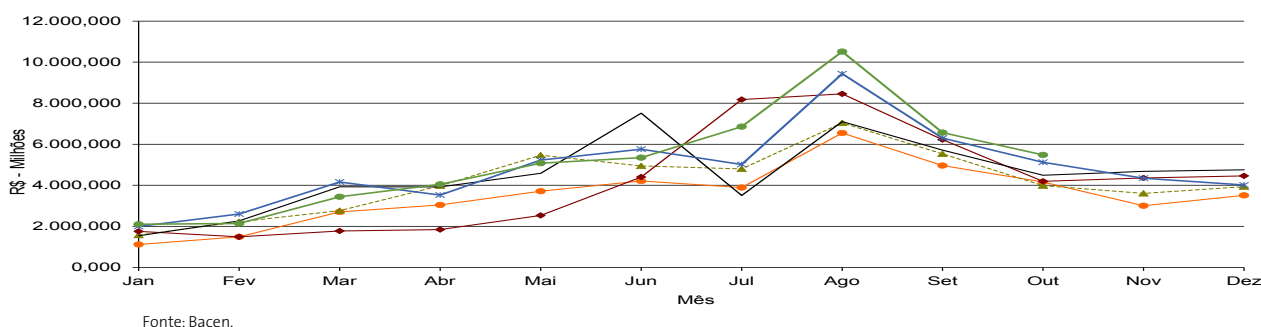
7.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

Os dados apresentados foram retirados do sítio oficial do Banco Central do Brasil, na área relacionada à Matriz de Dados do Crédito Rural (MDCR). O acesso para a obtenção das informações foi realizado no dia 5 de novembro de 2018.

O valor total aportado, via crédito oficial, em outubro de 2018, foi de R\$ 5,48 bilhões, esse valor é 4,13% supe-

rior ao observado para o mesmo período em 2017. Já o valor disponibilizado acumulado entre janeiro e outubro de 2018 foi de R\$ 51,57 bilhões, frente aos R\$ 49,11 bilhões disponibilizados no mesmo período de 2017. No Gráfico 1 é possível observar o comportamento mensal de aporte oficial e verifica-se em 2018 o maior volume da série histórica em análise.

Gráfico 1 – Financiamento total – Mês a mês– Janeiro a outubro de 2013 a 2018



O valor oficial total supracitado pode ser subdividido entre as três formas de entrada para o aporte (Pronaf, Pronamp e financiamento sem vínculo a programa específico). Isso posto, os quantitativos em outubro, para cada uma dessas possíveis formas de aporte foram: R\$ 630 milhões para o Pronaf (4,38% maior do que o valor observado em outubro de 2017) R\$ 977 milhões para o Pronamp (17,52% maior do que o valor observado em outubro de 2017) e R\$ 3,87 bilhões no financiamento sem vínculo a programa específico (5,1% maior que o valor aportado em outubro de 2017).

Outra forma de acompanhar o crédito rural, no escopo dos programas em análises, consiste em verificar os quantitativos acumulados, no ano civil,

de janeiro a outubro para cada um dos programas. Isso posto, apresentam-se os seguintes valores: para o Pronaf o valor acumulado entre janeiro e outubro de 2018 foi de R\$ 6,94 bilhões (aumento de 3,7% em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior) R\$ 9,48 bilhões no âmbito do Pronamp (aumento de 9,3% em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior) e R\$ 35,16 bilhões no financiamento sem vínculo a programa específico (4,1% superior ao valor aportado no mesmo período do ano imediatamente anterior).

Os Gráficos 2, 3 e 4 apresentam os valores totais dos aportes, entre janeiro e outubro, para cada uma das possíveis formas de financiamento.

Gráfico 2 – Financiamento total acumulado – Pronaf - Janeiro a outubro de 2013 a 2018

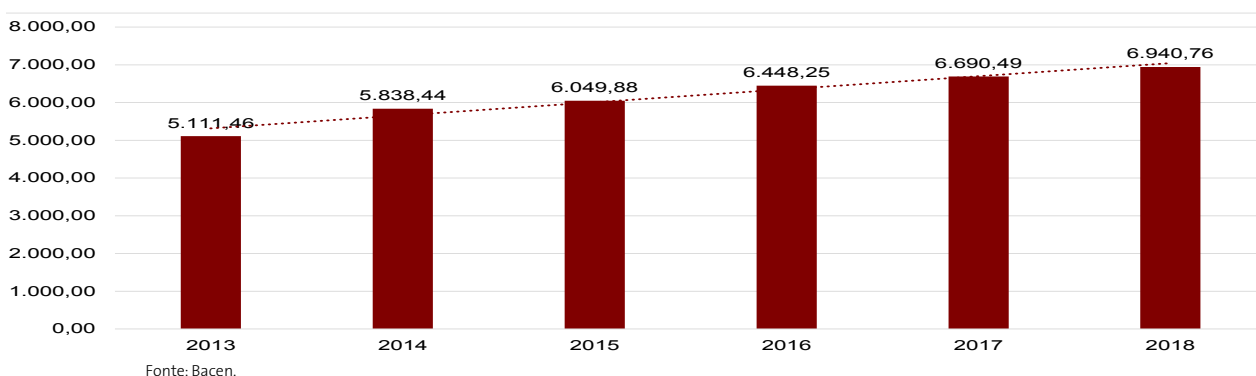


Gráfico 3 – Financiamento total acumulado – Pronamp - Janeiro a outubro de 2013 a 2018

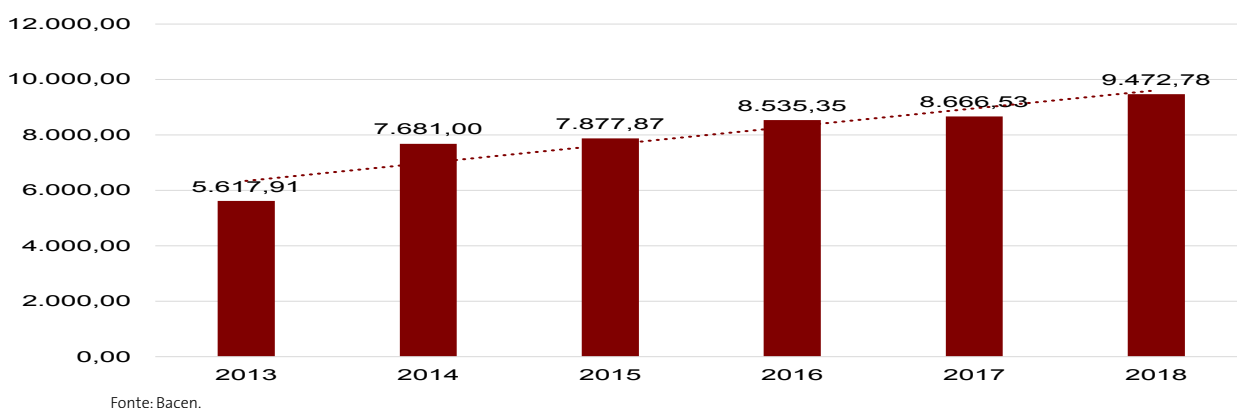
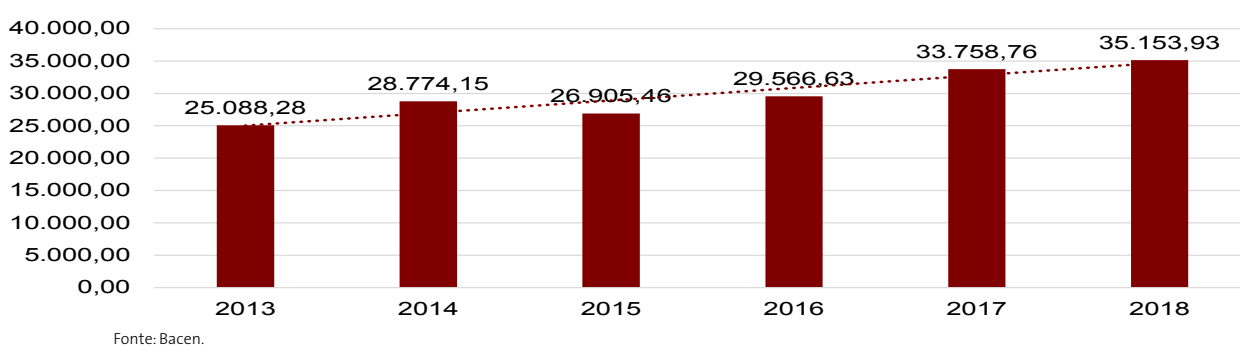


Gráfico 4 – Financiamento total acumulado– Sem vínculo a programa específico - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Além disso, é salutar apresentar os comportamentos e valores apresentados por cada região geográfica brasileira. Isso posto, verificar-se-ão os totais acumulados aportados em cada região e também o valor específico para outubro em cada região.

A região brasileira que apresentou maior volume acumulado de aporte no custeio da agricultura foi o Sul,

com valor de R\$ 18,57 bilhões, seguida pelo Centro-Oeste, com R\$ 15,40 bilhões, a região Sudeste, com o valor de R\$ 10,73 bilhões, o Nordeste com R\$ 5,06 bilhões e a região Norte, com o valor total acumulado de R\$ 1,80 bilhão. Os Gráficos 5, 6, 7, 8 e 9 apresentam os valores totais acumulados, para os anos em análise de cada região.

Gráfico 5 – Financiamento total acumulado– Região Sul - Janeiro a outubro de 2013 a 2018

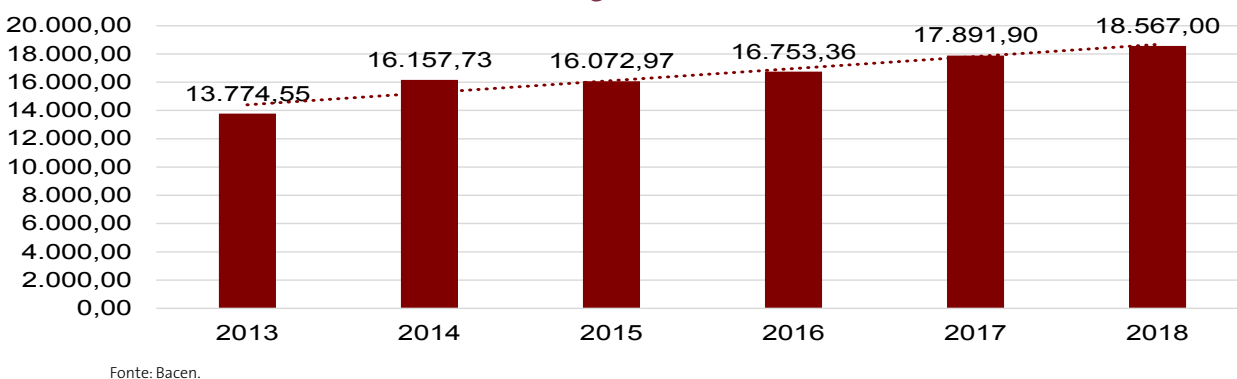
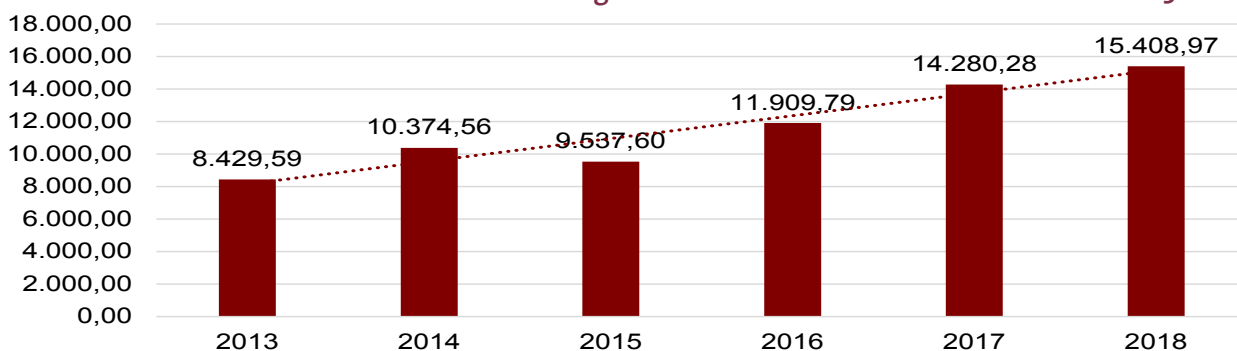
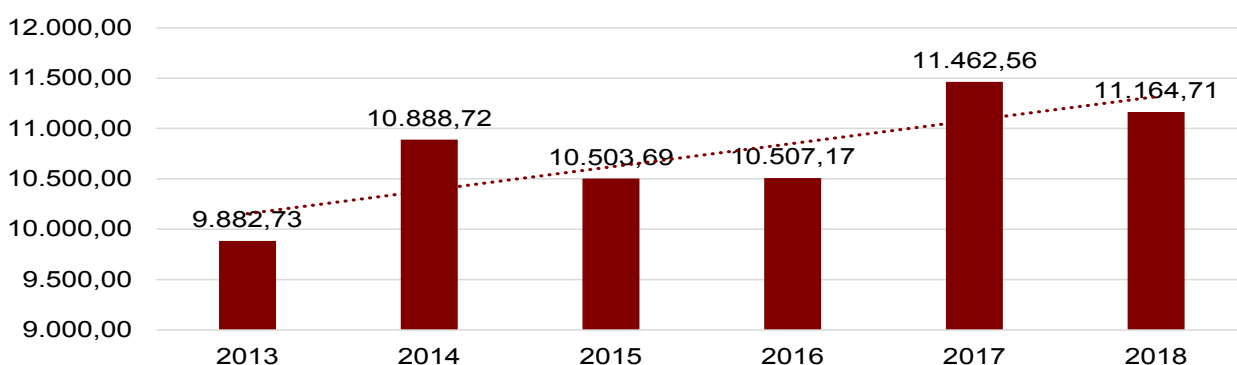


Gráfico 6 – Financiamento total acumulado– Região Centro-Oeste - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



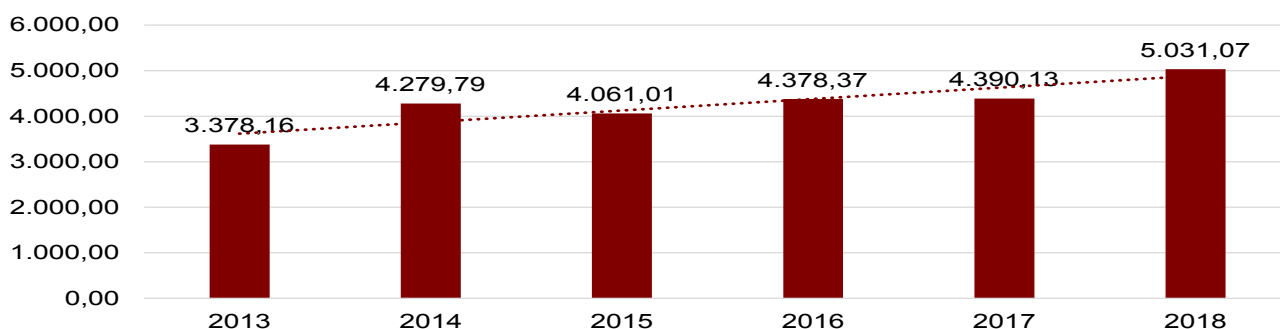
Fonte: Bacen.

Gráfico 7 – Financiamento total acumulado– Região Sudeste - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



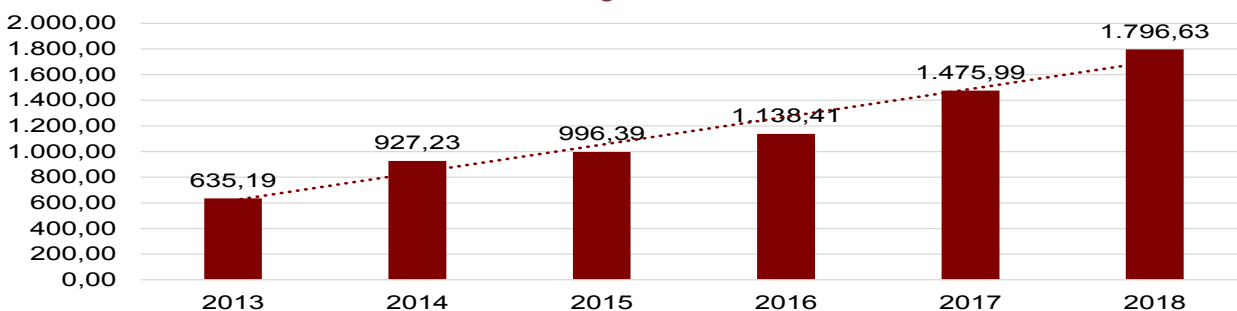
Fonte: Bacen.

Gráfico 8 – Financiamento total acumulado– Região Nordeste - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 9 – Financiamento total acumulado – Região Norte - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



7.2. A CULTURA DE SOJA E AMENDOIM

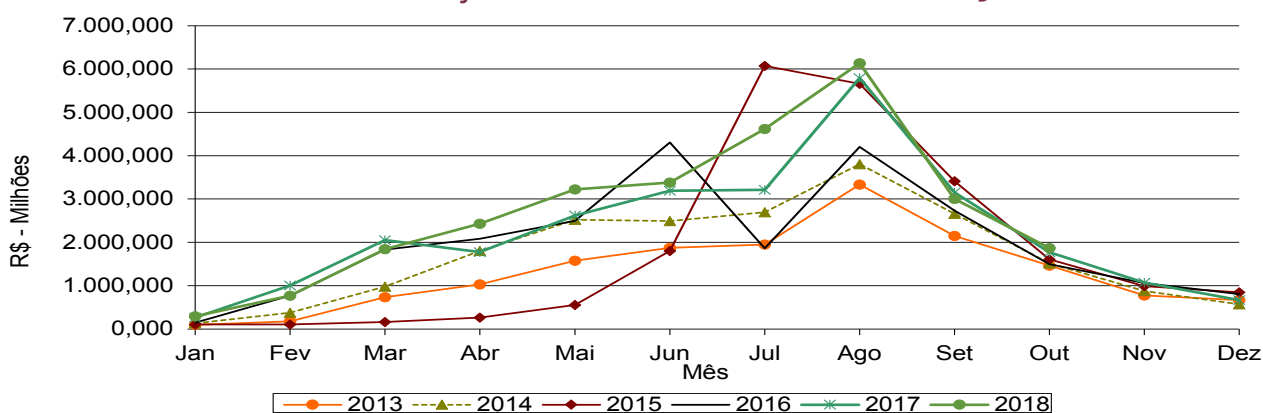
A partir desse ponto, nos atinaremos apenas à cultura da soja e do amendoim primeira safra, tanto com as informações do crédito oficial (Bacen) como também dos financiamentos realizados em outras modalidades.

Assim, a modalidade oficial traz números para o custeio inseridos no contexto do Pronaf, Pronamp e no financiamento sem vínculo com programa específico. O valor total aportado em outubro de 2018 para a soja foi de R\$ 1,87 bilhão, esse valor é 5,3% maior que o observado para outubro de 2017 (R\$ 1,77 bilhão). Esse valor total está distribuído entre as três modalidades de financiamento da seguinte forma: R\$ 1,18 bilhão na modalidade

sem vínculo com programa específico, 3,8% maior que o aportado em outubro de 2017 (R\$ 1,14 bilhão), R\$ 390 milhões via Pronamp, 15,9% maior que o valor observado para essa modalidade no mesmo período do ano anterior (R\$ 336 milhões) e R\$ 293 milhões pelo Pronaf em outubro de 2018, sendo esse valor 0,6% menor do que o aportado em outubro de 2017 (R\$ 295 milhões).

Dessa maneira, é evidente o crescimento no financiamento total do custeio na cultura da soja, para a safra 2018/19. Pode-se ainda evidenciar o grande valor observado em agosto de 2018 (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Financiamento total - Soja – Mês a mês– Janeiro a outubro de 2013 a 2018

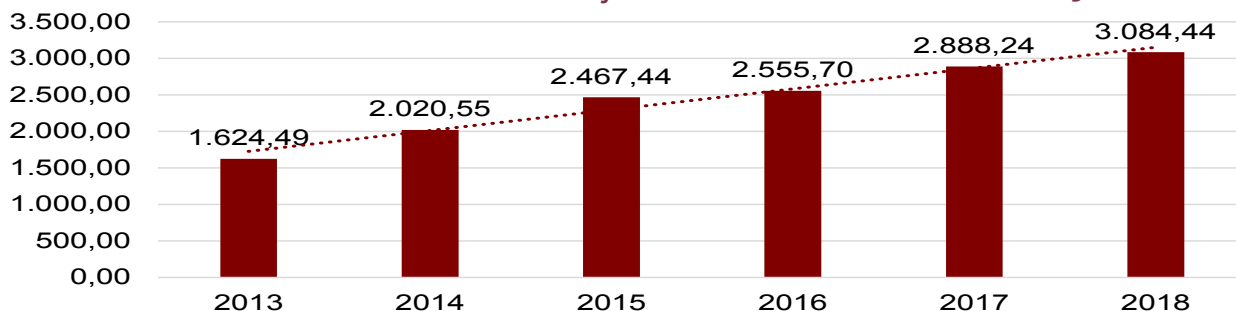


Fonte: Bacen.

Além disso, no acumulado no ano, de janeiro a outubro, pode-se observar crescimento na obtenção de

crédito, em relação aos anos anteriores, em todos os programas mencionados (gráficos 11, 12 e 13).

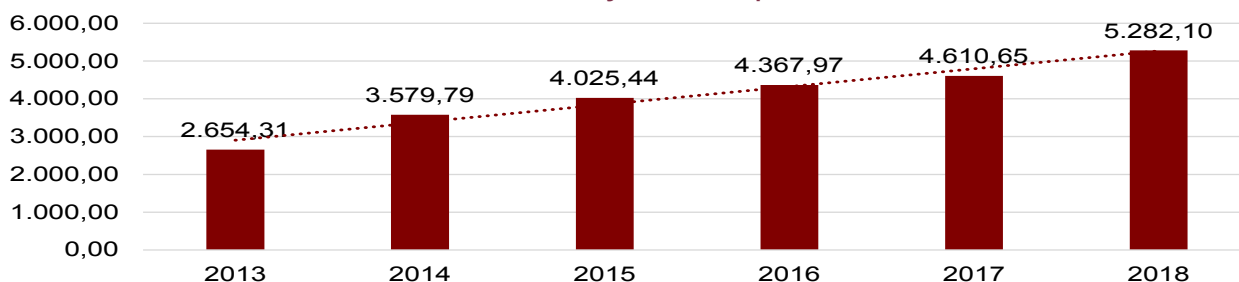
Gráfico 11 – Financiamento total acumulado – Soja - Pronaf - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

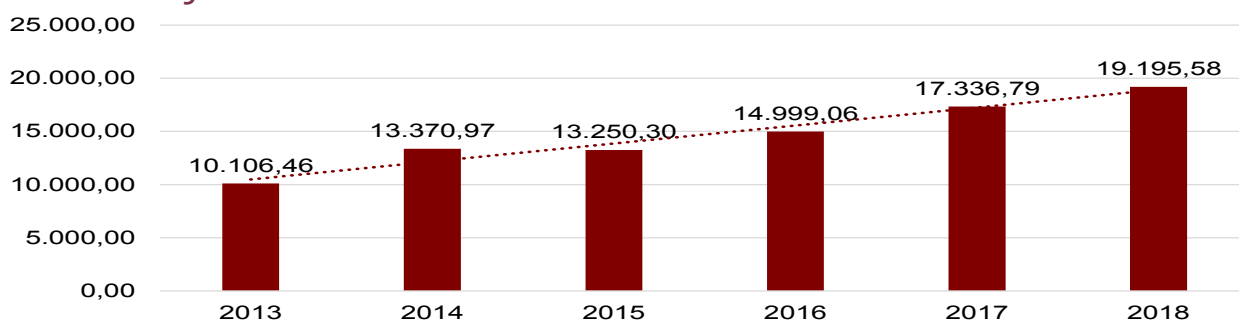


Gráfico 12 – Financiamento total acumulado – Soja - Pronamp - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 13 – Financiamento total acumulado – Soja – Sem vínculo a programa específico - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



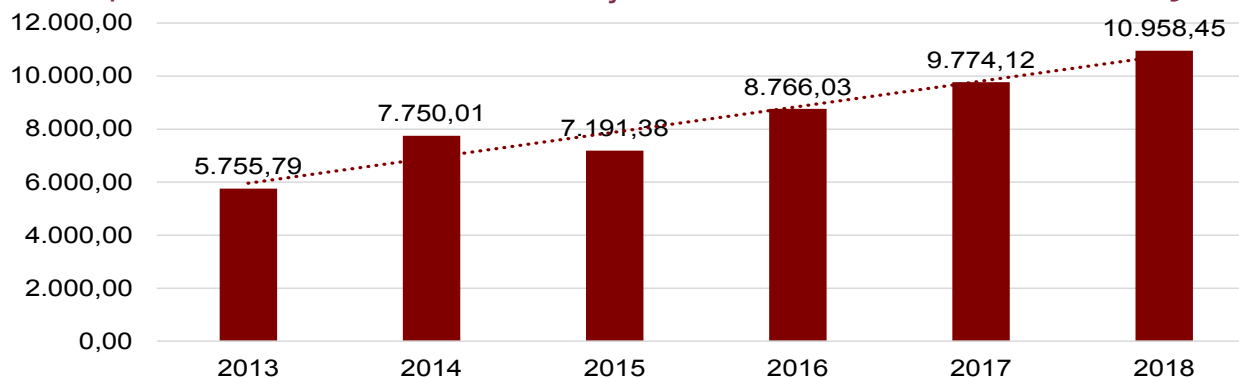
Fonte: Bacen.

Outro aspecto interessante de visualizar o aporte para essa cultura, consiste na observação dos montantes financiados em cada região, via modalidade oficial. Na maior região produtora de soja, Centro-Oeste, foram aportados R\$ 468 milhões em outubro de 2018, 1,4% maior que o observado em outubro de 2017. Na região com menor produção de soja, o Norte, fo-

ram aportados R\$ 123 milhões, valor 20% menor que o aportado no mesmo período do ano imediatamente anterior.

Os Gráficos 14, 15, 16, 17 e 18 mostram a evolução do acumulado nas regiões brasileiras, entre janeiro e outubro, de cada ano disponível para análise.

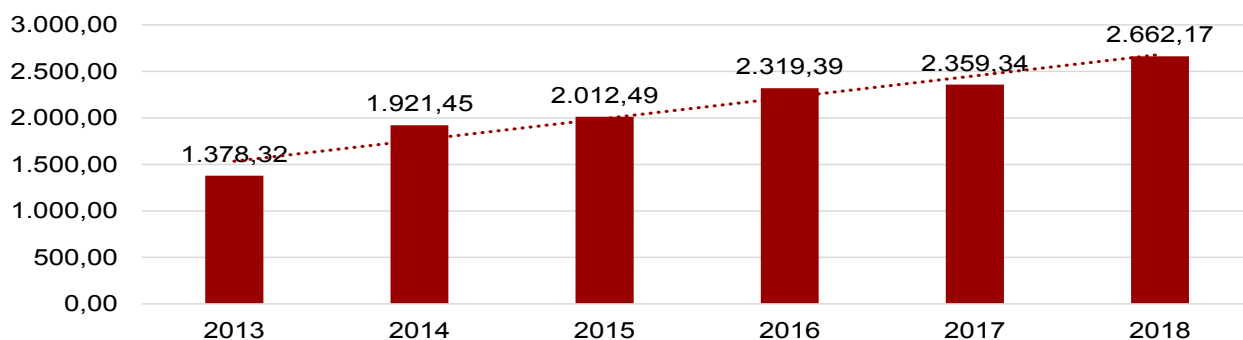
Gráfico 14 – Financiamento total acumulado – Soja – Centro-Oeste - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

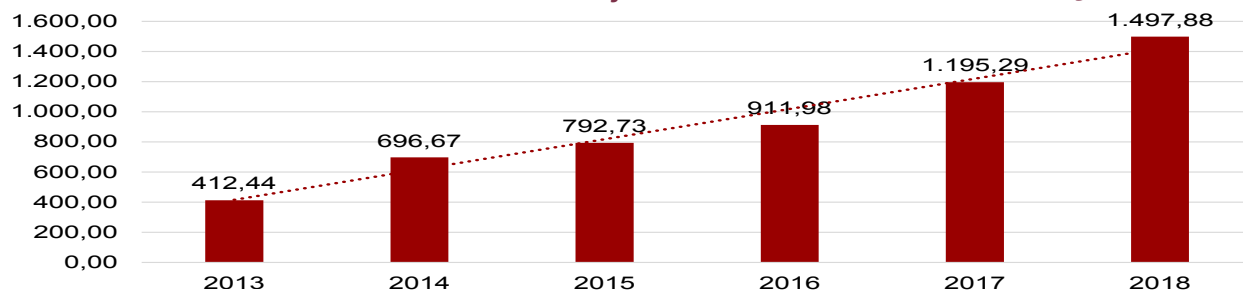


Gráfico 15 – Financiamento total acumulado – Soja – Nordeste - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



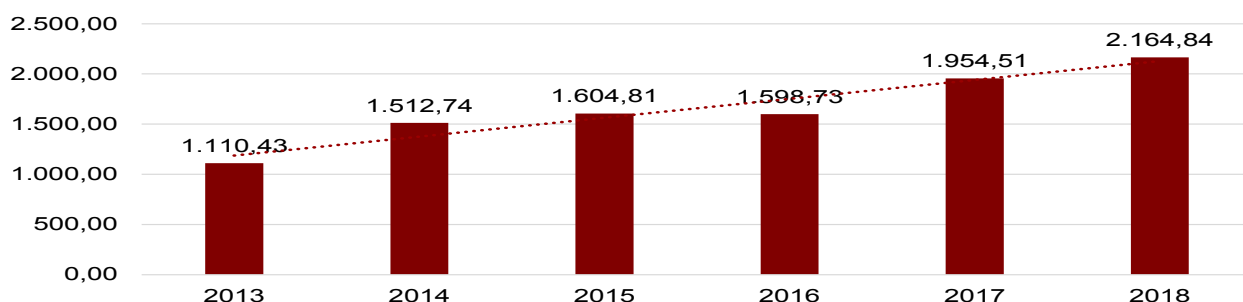
Fonte: Bacen.

Gráfico 16 – Financiamento total acumulado – Soja – Norte - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



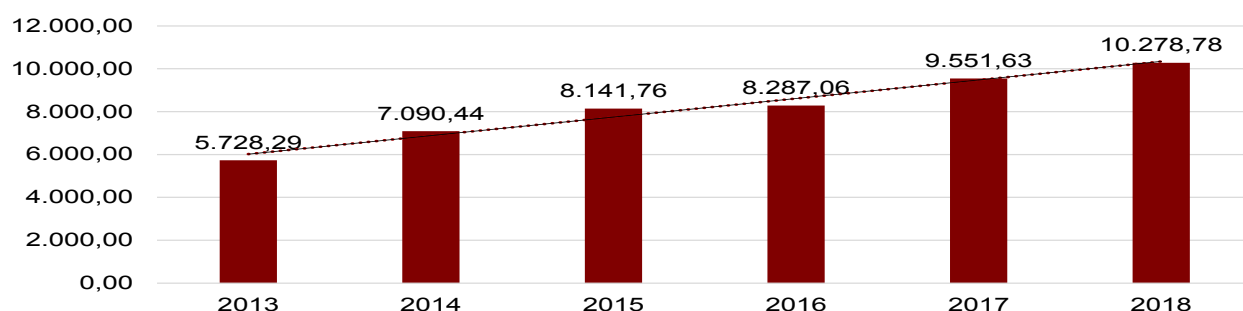
Fonte: Bacen.

Gráfico 17 – Financiamento total acumulado – Soja – Sudeste - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 18 – Financiamento total acumulado – Soja – Sul - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

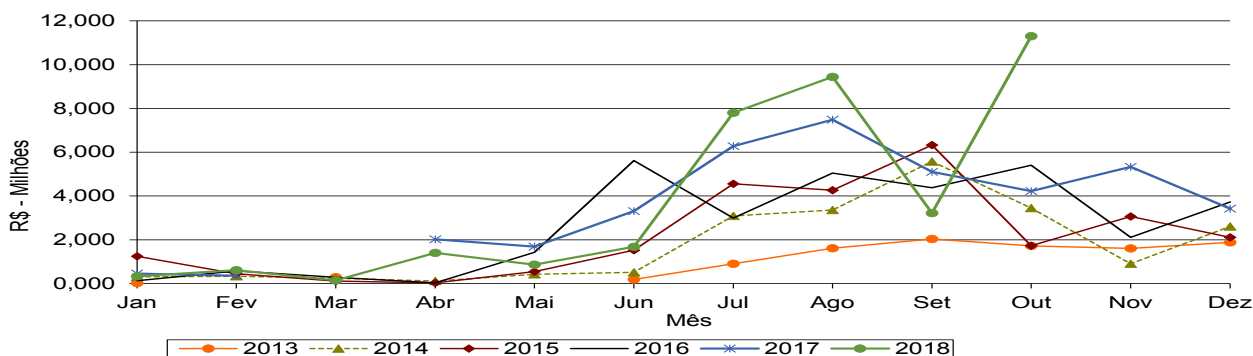


Para a cultura do amendoim têm-se as seguintes informações: o valor total aportado em outubro de 2018 foi de R\$ 24 milhões, valor esse 80% maior que o observado para outubro de 2017 (R\$ 13 milhões). Esse valor total está distribuído entre as três modalidades de financiamento da seguinte forma: R\$ 12,94 milhões na modalidade sem vínculo com programa específico, 41% maior que o aportado em outubro de 2017 (R\$ 9,15 milhões), R\$ 11,30 milhões via Pronamp, uma vez e meia maior que o valor observado para essa modalidade no mesmo

período do ano anterior (R\$ 4,22 milhões) e R\$ 290 mil pelo Pronaf em outubro de 2018, esse valor é 16% maior que o aportado em outubro de 2017 (R\$ 250 mil).

Dessa maneira, é evidente o crescimento no financiamento total do custeio na cultura do amendoim, para a safra 2018/19. Pode-se ainda evidenciar os grandes valores observados em julho, agosto, setembro e outubro de 2018 (Gráfico 19).

Gráfico 19 – Financiamento total - Amendoim – Mês a mês– Janeiro a outubro de 2013 a 2018

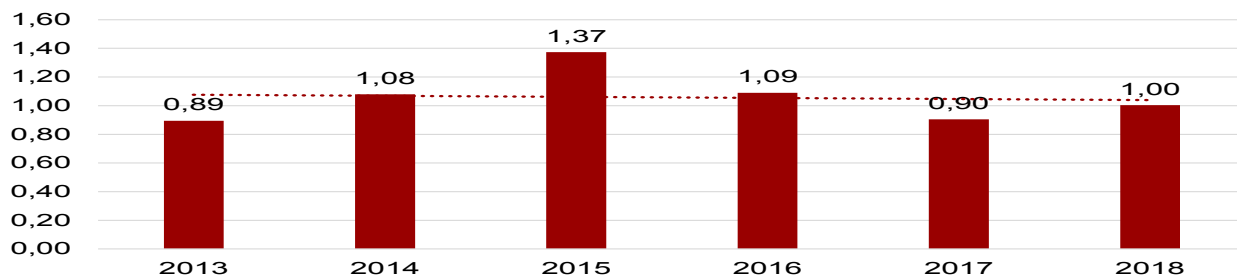


Fonte: Bacen.

Além disso, no acumulado no ano, de janeiro a outubro, pode-se observar crescimento na obtenção de crédito em relação aos anos anteriores, no Pronamp

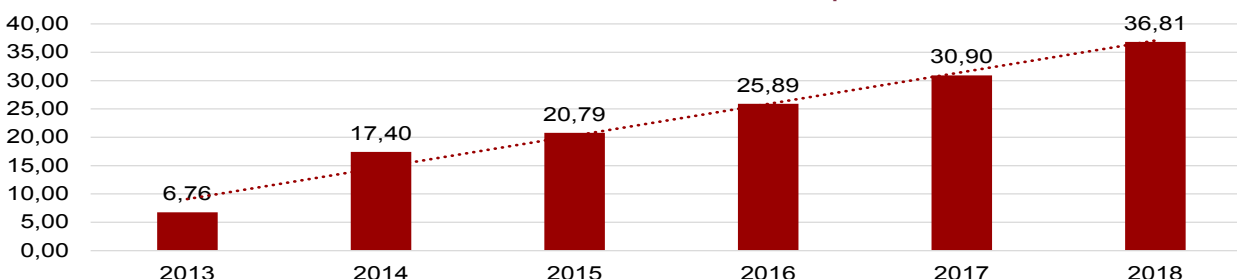
e no sem vínculo, já no Pronaf apresenta uma certa estabilização na obtenção de crédito (Gráficos 20, 21 e 22).

Gráfico 20 – Financiamento total acumulado – Amendoim - Pronaf - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

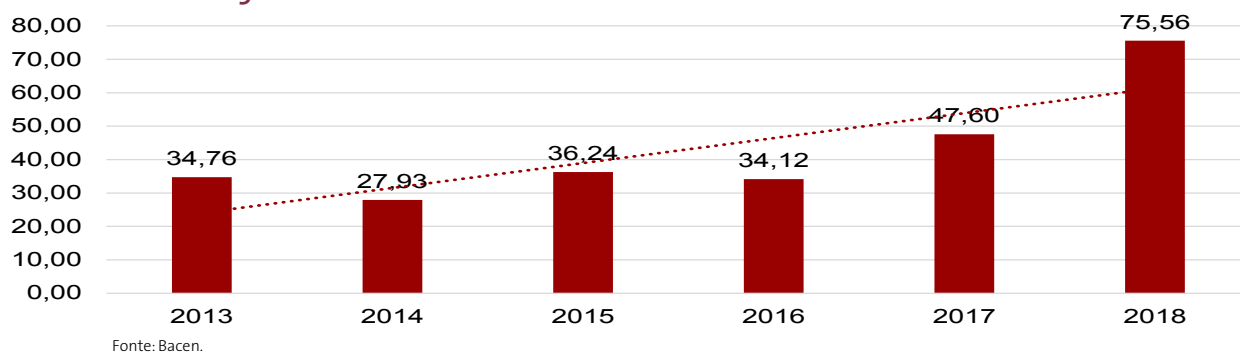
Gráfico 21 – Financiamento total acumulado – Amendoim - Pronamp - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



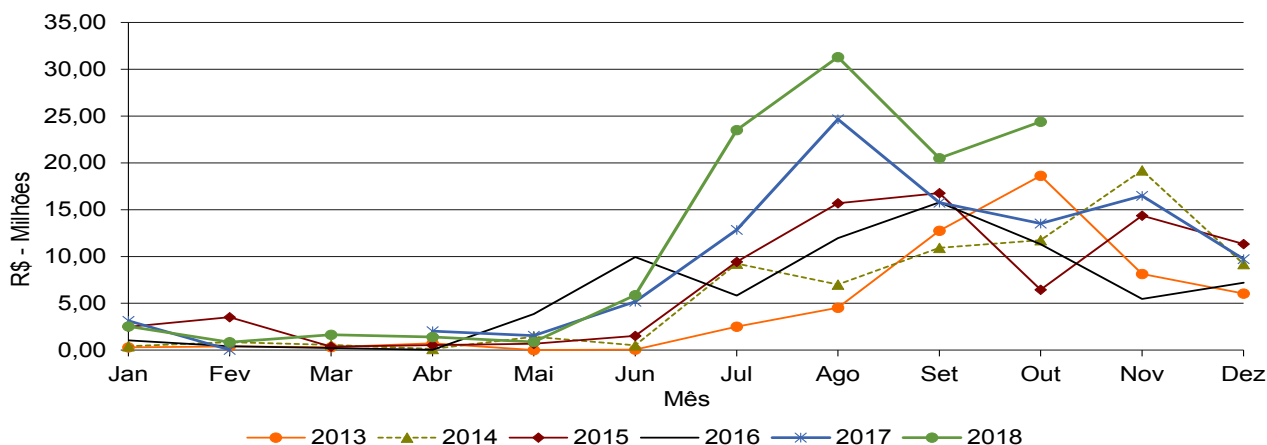
Gráfico 22 – Financiamento total acumulado – Amendoim – Sem vínculo a programa específico - Janeiro a outubro de 2013 a 2018



A cultura do amendoim está fortemente concentrada na Região Sudeste, principalmente em São Paulo, com 95% da produção nacional. Isso posto, essa Unidade da Federação detém quase todo o crédito disponibili-

zado para essa cultura. O Gráfico 23 apresenta o comportamento mês a mês, de 2013 a 2018, para a cultura do amendoim na Região Sudeste.

Gráfico 23 – Financiamento total - Amendoim – Sudeste – Mês a mês– Janeiro a outubro de 2013 a 2018



Nessa última parte do trabalho apresentamos as informações relacionadas tanto ao financiamento do crédito oficial bancário como as demais formas de aporte. Essa análise será dividida entre cada região, detalhadamente para a soja.

Na Região Norte, em Rondônia, os produtores que cultivam a soja conseguem crédito na seguinte distribuição: 15% por meio de bancos oficiais, 15% de recursos próprios e 70% de tradings e casas de insumo. Já em Tocantins, maior produtor da região e pertencente à fronteira agrícola em expansão do Matopiba, o crédito de custeio para a soja está distribuído da seguinte maneira: 50% é obtido por instituições bancárias e de fomento, 40% de fornecedores de insumos e 10% com recursos próprios.

Para a Região Nordeste observa-se o seguinte cenário: na Bahia tem-se a distribuição de recursos para o

custeio dividida entre 20% em bancos federais, 8% em bancos privados, 6% em agências de fomento, 40% de recursos próprios, 5% de revendas, 14% das tradings e 7% classificados como outros. Já no Piauí a distribuição dos recursos dá-se da seguinte maneira: 36% por meio de bancos públicos e privados, 21% entre revendas e tradings e 43% com recursos próprios. Nesse contexto, a forte presença de recursos próprios tem como principal causa os recursos advindos da excelente safra 2017/18.

Na Região Sudeste, São Paulo tem como principal fonte dos recursos o Banco do Brasil, financiando até 70% da área plantada. O Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) apresenta participação entre 5% e 7%. O restante do crédito é obtido por tradings e por recurso próprio.

Na Região Sul, Santa Catarina apresenta, para o financiamento da cultura da soja, 44% advindos de instituições bancárias, 41% de cooperativas e cerealistas, os



quais fornecem insumos com a prática do barter e 14% com recursos próprios. No Paraná, as principais fontes de crédito para custeio são os bancos e as cooperativas de crédito, com cerca de 81%, além disso, 17% tem origem nas próprias cooperativas agrícolas e 2% são financiados com recursos do próprio produtor.

Já na Região Centro-Oeste, maior produtora de soja, observa-se o seguinte cenário: Goiás, o financiamento passa por bancos públicos e privados, tradings vendas/cooperativas e financiamento próprio e está dividido da seguinte forma: 30% proveniente de bancos, 35% de vendas/cooperativas, 10% de tradings e 25% de

recursos próprios. Em Mato Grosso do Sul, a cultura da soja tem 40% dos recursos advindos em crédito oficial, a iniciativa privada é responsável por 45% dos recursos, realizados em duas frentes, sejam elas: a venda de insumos com prazo de pagamento para a colheita (prazo safra) e com barter; e os 15% restantes são provenientes de recursos próprios dos produtores. Mato Grosso, Unidade da Federação com maior produção da oleaginosa, os financiamentos ocorrem via Tradings e vendas, incluindo barter e estão distribuídos da seguinte forma: 50% via empresas e Tradings, 35% de instituições bancárias e 15% de recursos próprios.





8. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹- INMET

8.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE OUTUBRO

O início de período chuvoso, nas principais regiões produtoras do Brasil, apresentou-se com chuvas intensas e volumes acumulados próximos à média histórica ou mesmo acima, em outubro. Além do bom volume acumulado de precipitação, fenômenos adversos, tais como: tempestades, chuva de granizo e vendavais, também correram em diversas localidades das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Na Região Centro-Oeste, as chuvas foram relativamente bem distribuídas em praticamente toda a sua extensão, com volumes acumulados entre 120 e 300 mm, sem grandes desvios em relação à média da maioria das localidades. Em contraste com a maioria dos registros, as estações meteorológicas de São Vicente-MT e Juti-MS registraram, respectivamente, 396 mm e 410 mm em outubro deste ano (Figura 1).

Também a Região Sudeste apresentou volumes próximos à faixa normal do período, com totais predominantemente entre 120 e 250 mm (Figura 1). Com maiores concentrações em São Paulo e no centro-sul de Minas Gerais. Um dos destaques foi a estação meteorológica do Inmet na localidade de Patrocínio, na Região do Tri-

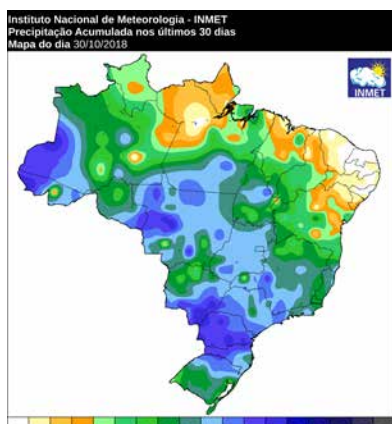
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília. - Instituto Nacional de Meteorologia - Coordenação-Geral de Meteorologia Aplicada, Desenvolvimento e Pesquisa (CGMADP) - Serviço de Pesquisa Aplicada (SEPEA)

ângulo Mineiro, onde se registrou um total de 277 mm.

Na Região Sul, o saldo acumulado da precipitação de outubro apresentou forte contraste. Enquanto em Santa Catarina e no Paraná os volumes ficaram na faixa entre 200 e 400 mm; no Rio Grande do Sul, os totais foram entre 70 e 200 mm, ficando significativamente abaixo da média em algumas localidades, como Uruguiana e Encruzilhada do Sul.

Na região agrícola do Matopiba, as chuvas de outubro foram mais frequentes na segunda quinzena, com totais dentro da faixa normal, entre 70 e 200 mm (Figura 1). Esses volumes foram suficientes para atingir a média histórica mensal em praticamente toda a região, porém, algumas localidades encerraram outubro com deficit de chuvas, como registrado na estação meteorológica de Barreiras, onde a chuva observada foi 40% da sua média histórica para o mês.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em outubro/2018 no Brasil



Fonte: Inmet

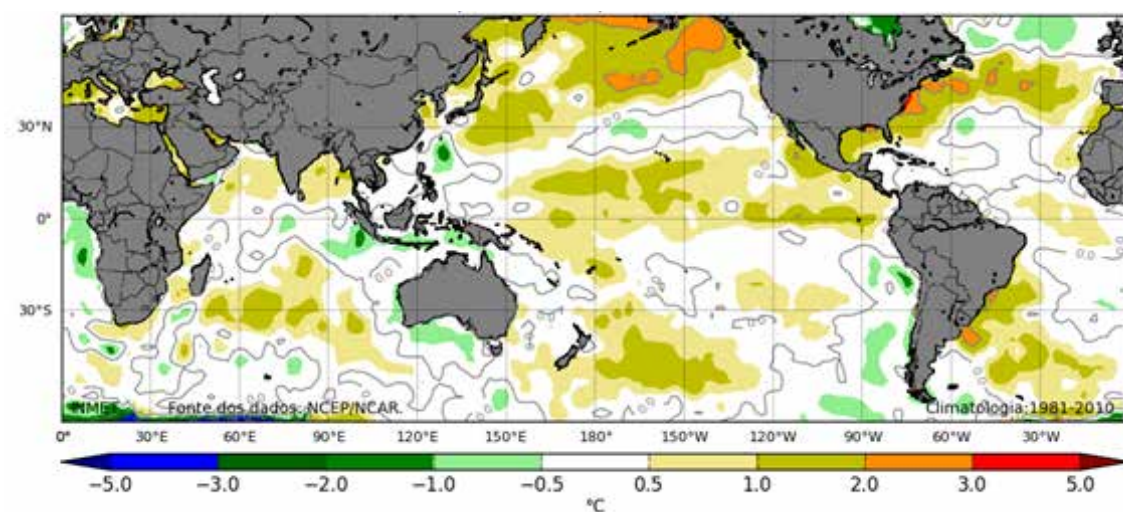
8.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) de outubro (Figura 2) mostra que a área no Pacífico Equatorial continua esta sendo gradativamente coberta por anomalias positivas, rompendo a condição de neutralidade e configurando uma tendência de formação de um novo episódio de El Niño. Essa condição também é percebida no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña até o dia 31 de outubro

(Gráfico 1). Observa-se nesse período, que o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170°W-120°W) se manteve com um padrão médio dentro da faixa de neutralidade, porém, oscilando com desvios positivos acima de 0,5 °C.

A faixa de neutralidade está entre -0,5 °C e +0,5 °C de desvio de TSM nas áreas de El Niño.

Figura 2 - Mapa de anomalias da TSM no período 1º a 15 de outubro/2018.



Fonte: Inmet



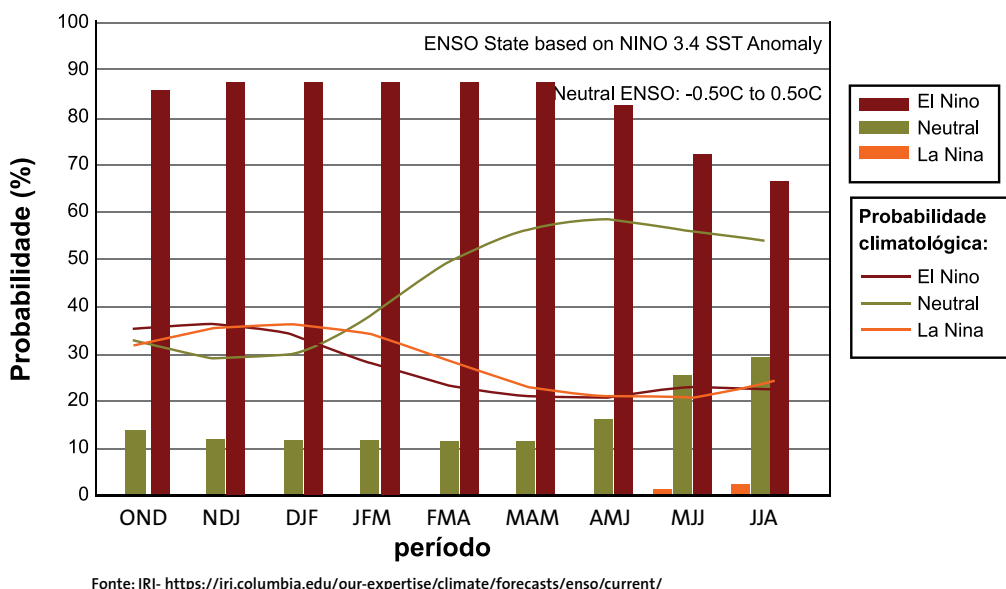
Gráfico 3 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do Research Institute for Climate and Society (IRI) apresenta uma probabilidade de mais de 80% de ter um El Niño (Figura 4). Com base nas saídas dos mo-

delos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, há alta probabilidade de formação de um novo episódio de El Niño esteja em curso e deva se estabelecer ainda em 2018.

Gráfico 1 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



8.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO NOVEMBRO-DEZEMBRO/2018 E JANEIRO/2019

As previsões climáticas apontam para uma tendência de chuvas acima da média para a Região Sul, como se observa no mapa de probabilidades do modelo estatístico do Inmet (Figura 5). Outros modelos, como o modelo agregado das saídas das previsões do CPTEC da Funceme e do próprio Inmet, também indicam maior probabilidade de que as chuvas fiquem acima da faixa normal na maioria das localidades, especialmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde o modelo conjunto apresenta probabilidades acima de 60%.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão de modo geral apresenta uma tendência de chuvas dentro da faixa normal ou acima na maioria dos estados dessas regiões. No oeste do Mato Grosso há uma tendência oposta, com risco de chuvas abaixo da média em algumas localidades.

Na Região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima no Tocantins e Maranhão, e risco de chuvas abaixo ou dentro da faixa normal em parte do Piauí e do oeste baiano (Figura 3).

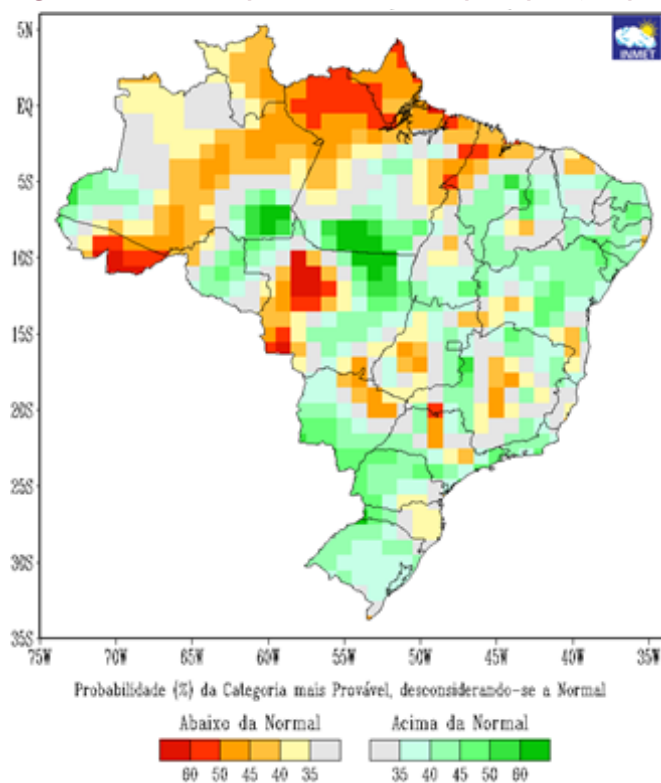


Na faixa leste do Nordeste, entre o litoral norte da Bahia e o Rio Grande do Norte, a probabilidade maior é que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal, que é de pouca chuva, enquanto o semiárido deve ficar dentro das suas características normais ou levemente acima no período, porém com risco de

chuvas abaixo da média nas localidades isoladas da região.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (www.inmet.gov.br).

Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre Nov-Dez/2018-Jan/2019



Fonte: Inmet





9. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

9.1. REGIÃO NORTE

9.1.1. ACRE

As condições climáticas apresentam-se favoráveis ao cultivo de grãos, com boa distribuição de chuvas em outubro.

9.1.2. TOCANTINS

Outubro foi marcado por chuvas regulares no centro do estado e chuvas irregulares nos seus extremos. Na região central, em Palmas, foram registradas chuvas bem distribuídos ao longo do mês. Já, mais ao sul, na região de Peixe, foram registrados apenas 64,6 mm de chuva no mês. Na parte norte, região de Pedro Afonso, foram registrados 143,30mm de chuvas, porém distribuídos de maneira desuniforme ao longo do mês.

A previsão climática para o trimestre novembro e dezembro de 2018 e janeiro de 2019, realizada pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), indica intensidade fraca a moderada para o fenômeno El Niño-Oscilação Sul. Para o Tocantins, a previsão é chuvas dentro da faixa normal climatológica.

9.2. REGIÃO NORDESTE

9.2.1. MARANHÃO

Em outubro observou-se a ocorrência de chuvas fortes, superior a 100 mm, principalmente na região cen-

tro-sul do estado.

9.2.2. PIAUÍ

As primeiras chuvas ocorreram na primeira quinzena de outubro no sul do Piauí. Nesse período o volume acumulado variou de 78 mm a 106 mm de média, com os

maiores volumes registrados em Baixa Grande do Ribeiro (224 mm). O trimestre de outubro a dezembro se caracteriza pelo aumento da chuva a partir de novembro.

9.2.3. BAHIA

No extremo-oeste foram registradas chuvas em algumas localidades, principalmente nas áreas fronteiriças com o Tocantins e Goiás. No centro-norte, centro-sul

e Vale São Francisco não houve registros de chuvas significativas. No nordeste do estado, as chuvas são esperadas para março de 2019.

9.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

9.3.1. MATO GROSSO

Outubro apresenta volume de chuvas abundante, regular e satisfatório. A precipitação pluviométrica é

superior ao mesmo período da safra passada.

9.3.2. MATO GROSSO DO SUL

Em outubro, as condições estão favoráveis, com precipitações acima da normal climatológica e

superior ao mesmo período do ano passado.

9.3.3. DISTRITO FEDERAL

Segundo as previsões meteorológicas, as chuvas ocorreram em volumes normais. Observa-se o aumento da

umidade do solo e a possibilidade de iniciar o plantio da safra de verão 2018/19.

9.3.4. GOIÁS

O regime de chuvas na região sul e leste do estado foram favoráveis. No sul do estado, as chuvas ocorreram após o fim do vazio sanitário, contribuindo

com o calendário agrícola. Na região leste, o início das chuvas é semelhante à safra anterior.

9.4. REGIÃO SUDESTE

9.4.1. MINAS GERAIS

As condições pluviométricas são consideradas favoráveis. As chuvas tiveram início mais cedo em com-

paração à safra anterior e tem apresentado melhor distribuição.

9.4.2. SÃO PAULO

As condições climáticas estão normais. As chuvas retornaram intensas nas regiões norte e noroeste do estado, que estavam, até meados de outubro, com níveis

bastante abaixo do desejável. As chuvas estão ocorrendo com boa frequência e em volumes satisfatórios.



9.5. REGIÃO SUL

9.5.1. RIO GRANDE DO SUL

Segundo as informações da Secretaria da Agricultura Pecuária e Irrigação do Rio Grande do Sul (Seapi), no final de setembro houve temperaturas altas e chuva intensa em algumas regiões do estado. A propagação de uma frente fria no início de outubro provocou chuva e temporais isolados, com fortes rajadas de vento e queda de granizo. O ingresso de ar seco e frio garantiu o tempo firme, principalmente na Fronteira Oeste, Campanha e na Zona Sul. Na segunda semana de outubro predominou o comportamento típico da primavera, com grande amplitude térmica e even-

tos de chuva forte no estado. A presença de ar seco manteve o tempo firme, com temperaturas amenas durante a noite e valores elevados no período diurno. O ingresso de ar quente elevou a temperatura e ocorreram chuvas isoladas principalmente entre o Planalto e a Serra do Nordeste. Na terceira semana, a propagação de uma área de baixa pressão e de uma frente fria provocaram chuva em todas as regiões, com ocorrência de temporais isolados. O ingresso de ar seco afastou a nebulosidade e deixou as temperaturas amenas.

9.5.2. PARANÁ

Tempo bastante chuvoso desde setembro. O volume precipitado passou de 160 mm na maioria dos municípios, com poucos intervalos estiados. As regiões mais

chuvosas compreendem o noroeste, oeste e sudeste paranaense.

9.5.3. SANTA CATARINA

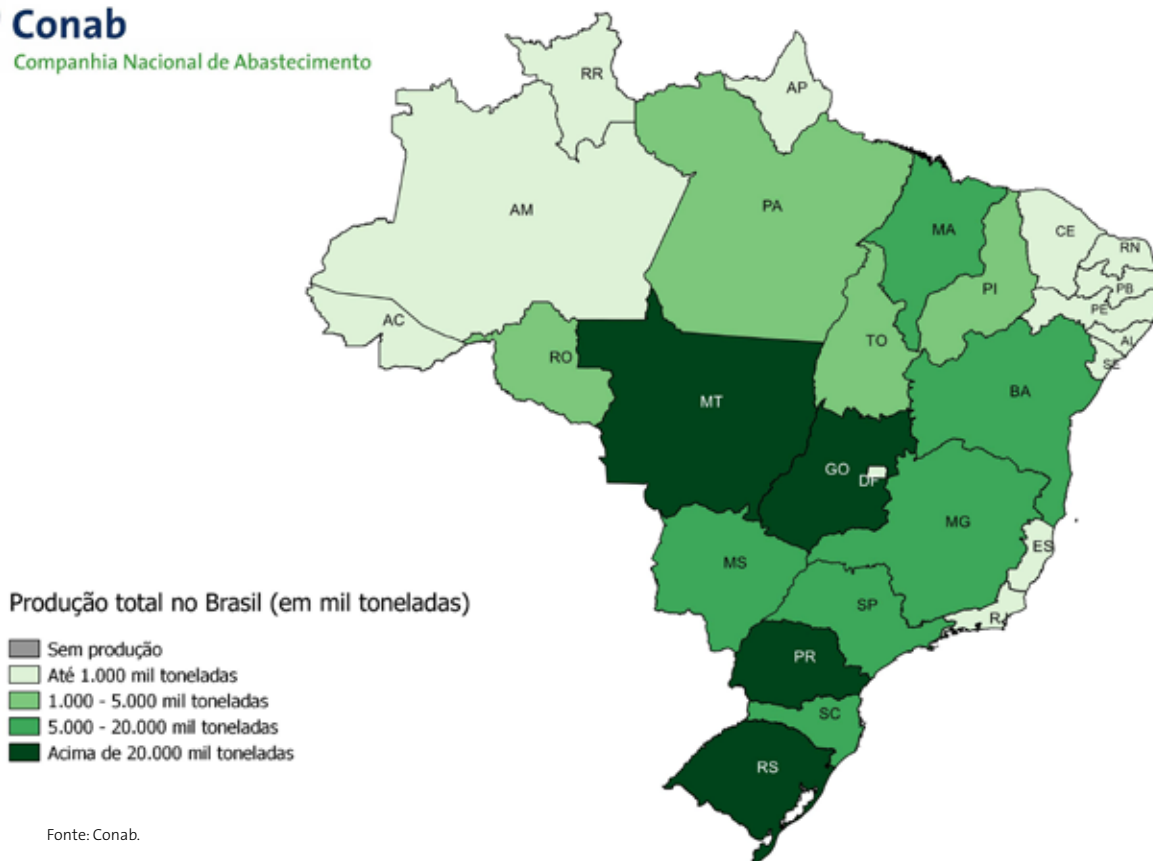
Em Santa Catarina, observa-se excesso de chuva, vento e períodos nublados.





10. ANÁLISE DAS CULTURAS

Figura 1 - Mapa da produção agrícola - Brasil total grãos



10.1. CULTURAS DE VERÃO

10.1.1. ALGODÃO

A segunda estimativa de plantio da lavoura de algodão, nessa temporada, aponta para aumento na área cultivada, variando de 12,1 a 21,4% em relação ao exercício anterior. A comercialização da safra 2017/18, aliada às boas perspectivas futuras de mercado, vem gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo.

O cultivo de algodão é realizado por produtores altamente tecnificados, que dispõem de um bom pacote tecnológico e de insumos. Além disso, a cultura passa por uma translocação do período de plantio, na maioria dos estados, aproveitando as chuvas no desenvolvimento da planta e, na época da colheita, aproveitam-se de um clima mais seco, ideal para uma pluma de boa qualidade.

A Região Norte deverá cultivar entre 12,7 mil e 13,3 mil hectares de algodão.

Em Tocantins, a previsão inicial é que haja um aumento da área cultivada em relação à safra passada, entre 3,4

mil e 4 mil hectares, pois enquanto a soja e o milho, principais concorrentes da cultura no Brasil e no mundo estão com valores não tão atrativos, os preços do algodão apresentam uma tendência de melhora no mercado. Os bons resultados obtidos nesta safra e as perspectivas de aumento da demanda mundial também devem impulsionar o aumento da área de plantio, que normalmente se inicia no último decêndio de novembro.

Em Rondônia, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) autorizou o plantio do algodão geneticamente modificado (GM). A decisão foi tomada no dia 4 de outubro de 2018. Após a homologação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o estado sairá da zona de exclusão para o plantio desse tipo de algodão.

Inicialmente serão cultivados 4,5 mil hectares, restrito apenas ao município de Vilhena. Nos próximos levantamento de safra, teremos informações a respeito das cultivares a serem usadas, bem como informações mais detalhadas do pacote tecnológico adotado.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa é de incremento na área plantada, variando de 17,3% a 25,3%.

No Piauí, a área deverá sofrer um intenso incremento. O planejamento dos produtores indica que a área deve atingir entre 19,5 mil hectares, ficando os limites inferior e superior em 18,5 mil hectares e 20,5 mil hectares, respectivamente em média, o aumento de área corresponde a 171% em relação à área da safra passada.

Esse incremento de área está relacionado a ganho estrutural, como a reativação de uma algodoeira no município de Santa Filomena, e a fatores de mercado, como a melhora na cotação da pluma de algodão. Dessa forma, alguns produtores retomaram as áreas de algodão plantadas em safras anteriores, já outros produtores aumentaram suas áreas destinadas a essa cultura.

O plantio tem previsão de início para a segunda quinzena de novembro e deve se estender até a segunda quinzena de dezembro.

Na Bahia, a área de plantio para o algodão está estimada entre 300,1 e 320,1 mil hectares, podendo crescer de 13,8% a 21,4% em relação à área cultivada na safra passada. Essa estimativa de crescimento se deve aos bons resultados da safra que findou e ao otimismo gerado no ambiente da cotonicultura.

A produção de algodão volta a crescer depois de quatro anos consecutivos de queda na área cultivada, caindo de 319,4 mil hectares em 2013/14, para 201,6 mil hectares em 2016/17, aumentando nas safras 2017/18 e 2018/19. Não há relatos de novos entrantes na cultura, ou seja, o incremento é resultado do aumento de área dos produtores que cultivaram na safra passada. Os plantios ocorreram a partir de 20 de novembro, em razão do vazio sanitário.

A produção de algodão ocorre nas mesorregiões Extremo-oeste, Centro-Sul e Vale do São Francisco.

No Extremo-Oeste, o cultivo é realizado com alto aporte tecnológico, com elevado custo de produção, em grandes áreas e obtendo-se produtividades de até 7.500 kg/ha de algodão em caroço. Estima-se o cultivo de até 310 mil hectares entre cultivos irrigados com pivô central e sequeiro.

No Centro-Sul e Vale do São Francisco os cultivos são conduzidos por médio e pequenos produtores, com aporte de insumos e tamanhos de áreas reduzidos ao comparar-se ao Extremo-Oeste. Estima-se que sejam cultivados até 10 mil hectares, entre cultivos irrigados, com gotejamento e sequeiro.

No Maranhão, o plantio do algodão está previsto para dezembro. Para essa safra, a previsão de plantio é de

25,6 mil hectares a 27,4 mil hectares, até 23% superior em relação à safra 2017/18.

O crédito de custeio da produção de algodão no estado é oriundo do próprio capital das empresas produtoras, e a produção é 80% direcionada ao mercado internacional e 20% ao mercado nacional.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimado um crescimento na área plantada, entre 9,7% e 19,4%, quando comparada com o exercício anterior.

Em Mato Grosso, a semeadura do algodão acontece somente a partir do início de dezembro, após o encerramento do vazio sanitário da cultura, e as expectativas do mercado são muito otimistas no que diz respeito à expansão da área a ser semeada com a cultura em 2018/19. A excelente remuneração deverá impulsionar a expansão do algodão no estado, que deverá se situar entre 10% e 20%, de 855,6 mil até 933,4 mil hectares, ao passo que, em 2017/18 777,8 mil hectares foram plantados.

A rentabilidade elevada pode implicar na substituição de áreas de milho segunda safra por algodão segunda safra em alguns casos. A cotação vem acumulando quedas nos últimos meses, com a entrada da nova safra no mercado, bem como devido à queda do dólar. No entanto, é importante destacar que o patamar é significativamente superior ao registrado há um ano.

A comercialização atinge 90,6% no que se refere à safra 2017/18 e 69,7% em relação à produção 2018/19, visto que o travamento dos negócios ocorreu de forma bastante acelerada nos momentos de alta de mercado.

Em Mato Grosso do Sul, a expectativa de área plantada com a cultura no estado é de até 31,3 mil hectares, dentre algodão primeira e segunda safras. Os pacotes tecnológicos aplicados nesta cultura são na maioria provenientes de recursos próprios, pois como no estado a principal cultura da primeira safra é a soja, a expansão da área de cultivo de algodão é lenta, embora já há cooperativas que compram e beneficiam o algodão em caroço, para processamento na indústria têxtil, fabricação de óleos e ração animal.

Essa cultura é cultivada em larga escala na região norte do estado, porém ainda não houve plantio em decorrência do período de vazio sanitário. Apenas na região central do estado a cultura já foi plantada por meio do plantio direto, visto que as lavouras estão no início do desenvolvimento vegetativo. Até o final de outubro, aproximadamente 6% da área total cultivada no estado já havia sido plantada, onde 10% estava em germinação e 90% em desenvolvimento vegetativo.

Em Goiás, o plantio ocorre a partir de dezembro, uma



vez que em torno de 40% é safra verão e 60% é considerada safrinha (pós feijão ou soja). Algumas áreas que vão receber a cultura nesta safra receberam sementes de gramínea para obtenção de cobertura.

A expectativa é de aumento de área em decorrência da melhora nas cotações no mercado nacional e internacional, além da elevação do câmbio. Espera-se aumento na área, posicionando-se entre 37 mil hectares e 39,6 mil hectares em relação à safra passada. Espera-se como limite superior um aumento de aproximadamente 20% na área de algodão em Goiás em relação à safra anterior.

Nas últimas safras, a cultura tem sido viabilizada na safrinha, visto os bons rendimentos e preços que a soja obtém na primeira safra.

Na Região Sudeste, a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte aumento, oscilando no intervalo de 12,1% a 24,1%.

Em Minas Gerais, o plantio de algodão no estado tem início apenas a partir de 20 de novembro, quando se encerrará o período de vazio sanitário. De maneira geral, o plantio da safra verão é realizado a partir de dezembro e as lavouras de safrinha a partir de fevereiro. A área de

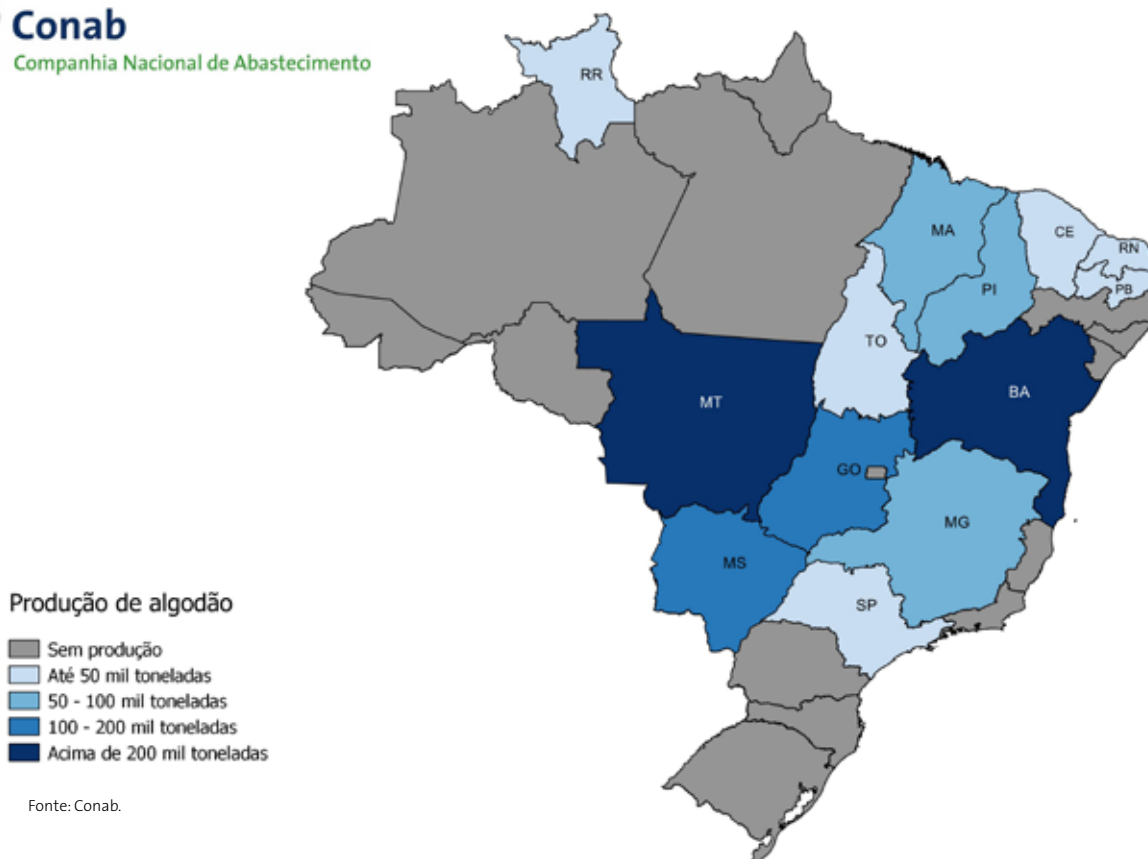
plantio para a safra 2018/19 está estimada entre 25,5 e 29 mil hectares. O aumento é esperado em razão dos excelentes resultados na safra anterior e dos bons preços pagos pelo produto, além das expectativas promissoras para o mercado do algodão no estado.

Em São Paulo, a expectativa é de acréscimo considerável na área, em virtude das condições atuais de preço da pluma, tornando a cultura mais atraente em relação às outras.

Os municípios de Avaré, Itaí, Itapeva e Paranapanema são os maiores detentores do algodão no estado e, em Paranapanema, encontra-se a maior usina de beneficiamento de algodão da América do Sul. As lavouras de algodão já se encontram todas plantadas. Quanto à colheita, esta deverá ocorrer a partir de abril de 2019. A área no estado deverá ter um incremento entre 56% e 60%, aproximadamente. Diante dessa realidade de incremento de área, os produtores contam com a otimização da colheita proveniente do rolo. O equipamento é bastante usado no Centro-Oeste, máquinas que os holandeses trouxeram para a região em busca de melhores condições de colheita.

As estimativas de negócios com o algodão já contabilizam mais de 50%, ou seja, boa parte da produção de algodão da safra 2018/19 já foi negociada.

Figura 2 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,6	12,7	13,3	67,1	75,0	4.034	4.034	-	30,7	50,2	52,6	63,5	71,3
RR	4,8	4,8	4,8	-	-	4.200	4.200	-	20,2	20,2	20,2	-	-
RO	-	4,5	4,5	-	-	-	3.750	-	-	16,9	16,9	-	-
TO	2,8	3,4	4,0	20,0	42,0	3.750	3.867	3,1	10,5	13,1	15,5	24,8	47,6
NORDESTE	295,2	346,2	370,0	17,3	25,3	4.620	4.620	-	1.363,7	1.363,8	1.457,7	-	6,9
MA	22,3	25,6	27,4	15,0	23,0	3.913	4.017	2,7	87,3	102,8	110,1	17,8	26,1
PI	7,2	18,5	20,5	157,0	185,0	3.850	3.630	(5,7)	27,7	67,2	74,4	142,6	168,6
CE	1,2	1,2	1,2	-	-	817	632	(22,6)	1,0	0,8	0,8	(20,0)	(20,0)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	4.461	4.338	(2,8)	1,3	1,3	1,3	-	-
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	894	678	(24,2)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
BA	263,7	300,1	320,1	13,8	21,4	4.725	3.970	(16,0)	1.246,0	1.191,4	1.270,8	(4,4)	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	923,0	1.004,3	9,7	19,4	4.158	4.158	-	3.497,6	3.845,4	4.183,6	9,9	19,6
MT	777,8	855,6	933,4	10,0	20,0	4.147	4.158	0,3	3.225,5	3.557,6	3.881,1	10,3	20,3
MS	30,4	30,4	31,3	-	3,0	4.500	4.500	-	136,8	136,8	140,9	-	3,0
GO	33,0	37,0	39,6	12,0	20,0	4.100	4.081	(0,5)	135,3	151,0	161,6	11,6	19,4
SUDESTE	30,7	34,4	38,1	12,1	24,1	3.935	3.935	-	120,9	131,0	145,1	8,4	20,0
MG	25,0	25,5	29,0	2,0	16,0	3.966	3.853	(2,8)	99,2	98,3	111,7	(0,9)	12,6
SP	5,7	8,9	9,1	56,0	60,0	3.801	3.669	(3,5)	21,7	32,7	33,4	50,7	53,9
NORTE/NORDESTE	302,8	358,9	383,3	18,5	26,6	4.605	4.605	-	1.394,4	1.414,0	1.510,3	1,4	8,3
CENTRO-SUL	871,9	957,4	1.042,4	9,8	19,6	4.150	4.150	-	3.618,5	3.976,4	4.328,7	9,9	19,6
BRASIL	1.174,7	1.316,3	1.425,7	12,1	21,4	4.267	4.267	-	5.012,9	5.390,4	5.839,0	7,5	16,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,6	12,7	13,3	67,1	75,0	1.561	1.523	(2,4)	11,9	19,4	20,3	63,0	70,6
RR	4,8	4,8	4,8	-	-	1.596	1.596	-	7,7	7,7	7,7	-	-
RO	-	4,5	4,5	-	-	-	1.425	-	-	6,4	6,4	-	-
TO	2,8	3,4	4,0	20,0	42,0	1.500	1.547	3,1	4,2	5,3	6,2	26,2	47,6
NORDESTE	295,2	346,2	370,0	17,3	25,3	1.850	1.582	(14,5)	546,2	547,5	585,2	0,2	7,1
MA	22,3	25,6	27,4	15,0	23,0	1.565	1.607	2,7	34,9	41,1	44,0	17,8	26,1
PI	7,2	18,5	20,5	157,0	185,0	1.656	1.561	(5,7)	11,9	28,9	32,0	142,9	168,9
CE	1,2	1,2	1,2	-	-	286	221	(22,7)	0,3	0,3	0,3	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	1.695	1.648	(2,8)	0,5	0,5	0,5	-	-
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	322	244	(24,2)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)
BA	263,7	300,1	320,1	13,8	21,4	1.890	1.588	(16,0)	498,4	476,6	508,3	(4,4)	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	923,0	1.004,3	9,7	19,4	1.664	1.667	0,2	1.399,6	1.538,6	1.673,8	9,9	19,6
MT	777,8	855,6	933,4	10,0	20,0	1.659	1.663	0,3	1.290,2	1.423,0	1.552,4	10,3	20,3
MS	30,4	30,4	31,3	-	3,0	1.845	1.845	-	56,1	56,1	57,7	-	2,9
GO	33,0	37,0	39,6	12,0	20,0	1.615	1.608	(0,5)	53,3	59,5	63,7	11,6	19,5
SUDESTE	30,7	34,4	38,1	12,1	24,1	1.567	1.513	(3,5)	48,1	52,0	57,7	8,1	20,0
MG	25,0	25,5	29,0	2,0	16,0	1.586	1.541	(2,9)	39,7	39,3	44,7	(1,0)	12,6
SP	5,7	8,9	9,1	56,0	60,0	1.482	1.431	(3,5)	8,4	12,7	13,0	51,2	54,8
NORTE/NORDESTE	302,8	358,9	383,3	18,5	26,6	1.843	1.580	(14,3)	558,1	566,9	605,5	1,6	8,5
CENTRO-SUL	871,9	957,4	1.042,4	9,8	19,6	1.660	1.661	-	1.447,7	1.590,6	1.731,5	9,9	19,6
BRASIL	1.174,7	1.316,3	1.425,7	12,1	21,4	1.708	1.639	(4,0)	2.005,8	2.157,5	2.337,0	7,6	16,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,6	12,7	13,3	67,1	75,0	2.474	2.427	(1,9)	18,8	30,8	32,3	63,8	71,8
RR	4,8	4,8	4,8	-	-	2.604	2.604	-	12,5	12,5	12,5	-	-
RO	-	4,5	4,5	-	-	-	2.325	-	-	10,5	10,5	-	-
TO	2,8	3,4	4,0	20,0	42,0	2.250	2.320	3,1	6,3	7,8	9,3	23,8	47,6
NORDESTE	295,2	346,2	370,0	17,3	25,3	2.769	2.358	(14,9)	817,5	816,3	872,5	(0,1)	6,7
MA	22,3	25,6	27,4	15,0	23,0	2.348	2.410	2,6	52,4	61,7	66,1	17,7	26,1
PI	7,2	18,5	20,5	157,0	185,0	2.195	2.069	(5,7)	15,8	38,3	42,4	142,4	168,4
CE	1,2	1,2	1,2	-	-	531	411	(22,6)	0,7	0,5	0,5	(28,6)	(28,6)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	2.766	2.690	(2,7)	0,8	0,8	0,8	-	-
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	572	434	(24,1)	0,2	0,2	0,2	-	-
BA	263,7	300,1	320,1	13,8	21,4	2.835	2.382	(16,0)	747,6	714,8	762,5	(4,4)	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	923,0	1.004,3	9,7	19,4	2.494	2.499	0,2	2.098,0	2.306,8	2.509,8	10,0	19,6
MT	777,8	855,6	933,4	10,0	20,0	2.488	2.495	0,3	1.935,3	2.134,6	2.328,7	10,3	20,3
MS	30,4	30,4	31,3	-	3,0	2.655	2.655	-	80,7	80,7	83,2	-	3,1
GO	33,0	37,0	39,6	12,0	20,0	2.485	2.473	(0,5)	82,0	91,5	97,9	11,6	19,4
SUDESTE	30,7	34,4	38,1	12,1	24,1	2.368	2.293	(3,2)	72,8	79,0	87,4	8,5	20,1
MG	25,0	25,5	29,0	2,0	16,0	2.380	2.312	(2,8)	59,5	59,0	67,0	(0,8)	12,6
SP	5,7	8,9	9,1	56,0	60,0	2.319	2.238	(3,5)	13,3	20,0	20,4	50,4	53,4
NORTE/NORDESTE	302,8	358,9	383,3	18,5	26,6	2.762	2.360	(14,6)	836,3	847,1	904,8	1,3	8,2
CENTRO-SUL	871,9	957,4	1.042,4	9,8	19,6	2.490	2.492	0,1	2.170,8	2.385,8	2.597,2	9,9	19,6
BRASIL	1.174,7	1.316,3	1.425,7	12,1	21,4	2.560	2.456	(4,1)	3.007,1	3.232,9	3.502,0	7,5	16,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)										RENDIMENTO % - PLUMA		
	Safra 17/18 (a)	ALGODÃO EM CARÇO				Safra 17/18 (d)	ALGODÃO EM PLUMA				Safra 17/18 (g)	Safra 18/19 (h)	VAR. % (h/g)
		Safra 18/19		VAR. %			Safra 18/19		VAR. %				
	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)		Lim Inf (e)	Lim Sup (f)	(e/d)	(f/d)				
NORTE	30,7	50,2	52,6	63,5	71,3	11,9	19,4	20,3	63,0	70,6	38,7	38,6	(0,3)
RR	20,2	20,2	20,2	-	-	7,7	7,7	7,7	-	-	38,0	38,0	-
RO	-	16,9	16,9	-	-	-	6,4	6,4	-	-	-	38,0	-
TO	10,5	13,1	15,5	24,8	47,6	4,2	5,3	6,2	26,2	47,6	40,0	40,0	-
NORDESTE	1.363,7	1.363,8	1.457,7	-	6,9	546,2	547,5	585,2	0,2	7,1	40,1	40,1	-
MA	87,3	102,8	110,1	17,8	26,1	34,9	41,1	44,0	17,8	26,1	40,0	40,0	-
PI	27,7	67,2	74,4	142,6	168,6	11,9	28,9	32,0	142,9	168,9	43,0	43,0	-
CE	1,0	0,8	0,8	(20,0)	(20,0)	0,3	0,3	0,3	-	-	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,3	1,3	-	-	0,5	0,5	0,5	-	-	38,0	38,0	-
PB	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)	36,0	36,0	-
BA	1.246,0	1.191,4	1.270,8	(4,4)	2,0	498,4	476,6	508,3	(4,4)	2,0	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	3.497,6	3.845,4	4.183,6	9,9	19,6	1.399,6	1.538,6	1.673,8	9,9	19,6	40,0	40,0	-
MT	3.225,5	3.557,6	3.881,1	10,3	20,3	1.290,2	1.423,0	1.552,4	10,3	20,3	40,0	40,0	-
MS	136,8	136,8	140,9	-	3,0	56,1	56,1	57,7	-	2,9	41,0	41,0	-
GO	135,3	151,0	161,6	11,6	19,4	53,3	59,5	63,7	11,6	19,5	39,4	39,4	-
SUDESTE	120,9	131,0	145,1	8,4	20,0	48,1	52,0	57,7	8,1	20,0	39,8	39,8	-
MG	99,2	98,3	111,7	(0,9)	12,6	39,7	39,3	44,7	(1,0)	12,6	40,0	40,0	-
SP	21,7	32,7	33,4	50,7	53,9	8,4	12,7	13,0	51,2	54,8	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.394,4	1.414,0	1.510,3	1,4	8,3	558,1	566,9	605,5	1,6	8,5	40,0	40,1	0,2
CENTRO-SUL	3.618,5	3.976,4	4.328,7	9,9	19,6	1.447,7	1.590,6	1.731,5	9,9	19,6	40,0	40,0	-
BRASIL	5.012,9	5.390,4	5.839,0	7,5	16,5	2.005,8	2.157,5	2.337,0	7,6	16,5	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.2. AMENDOIM

10.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A intenção de plantio da lavoura de amendoim primeira safra, para a safra 2018/19, sinaliza incremento de área plantada, que nessa primeira intenção apresenta intervalo variando de 2 a 5,5%, comparado com o plantio da safra anterior, que foi de 132,1 mil hectares.

Em São Paulo, o amendoim é plantado entre outubro e novembro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte daquela matéria-prima e, tem sua colheita entre março e abril, quando alcança sua plena maturação. Devido à ausência das chuvas os produtores não começaram o plantio. A colheita está prevista entre fevereiro e abril, quando alcança sua plena maturação.

O plantio do amendoim se faz durante a entressafra da cana-de-açúcar, uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Sendo assim, otimiza o plantio da cana.

Aproximadamente 70% desse produto é destinado para a exportação, uma vez que o restante é consumido internamente pelas fabricas de doces, que demandam uma produção considerável do produto na fabricação de seus doces.

O amendoim apresenta incremento de área plantada que, nessa segunda intenção, apresenta intervalo variando de 3 a 5,5%, comparado com o plantio da safra anterior, que foi de 124,7 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim está estimada em 1,3 a 2,3 mil hectares, sinalizando expectativa de uma redução de área provocada pelo desinteresse pelo plantio na principal região produtora do estado. De modo geral, os plantios para fins comerciais estão concentrados na região do Triângulo Mineiro, representando 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado. Nessa região, as lavouras são conduzidas com alta tecnologia e uso de sementes de boa qualidade, resultando em uma produtividade de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas praticamente sem o uso de tecnologia e com baixas produtividades, muitas vezes inferior a 1.000 kg/ha. Plantio estimado em 10%.

No Paraná, o plantio já foi realizado em 30% da área estimada, a qual é de 1,9 mil hectares, o que representa um aumento de 25% em comparação com a safra anterior. Em razão das chuvas, o plantio está um pouco atrasado em relação à safra anterior, que neste mesmo período já estavam 51% plantados. A produtividade prevista também poderá sofrer um aumento de 5,4% em comparação à safra anterior, estimando-se 2.894 kg/ha devido ao clima favorável.

A cultura não possui expressão econômica no estado, sendo em sua maioria produzida para subsistência.

Figura 3 - Lavoura de amendoim – Sertãozinho/SP



Fonte: Conab.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra

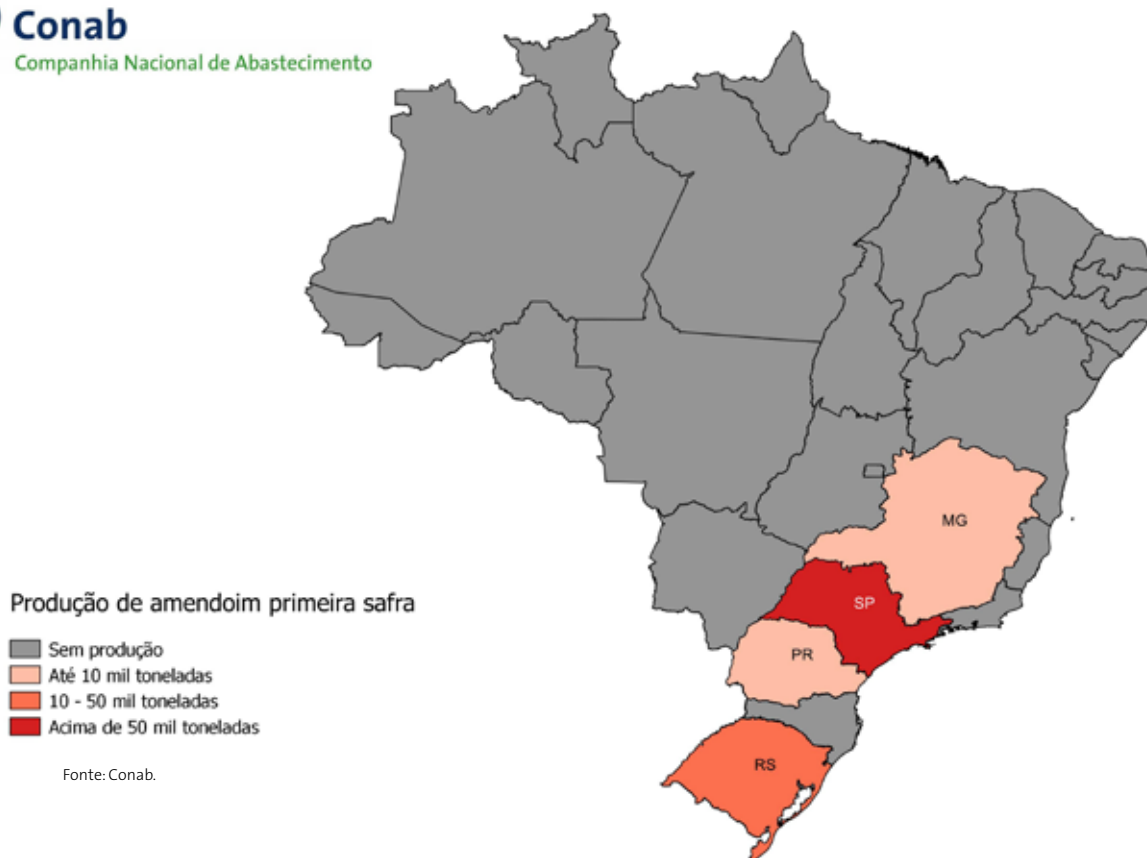


Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
SUDESTE	127,0	129,7	133,9	2,1	5,4	3.825	3.782	(1,1)	485,8	490,6	506,3	1,0	4,2
MG	2,3	1,3	2,3	(43,0)	-	3.527	3.627	2,8	8,1	4,7	8,3	(42,0)	2,5
SP	124,7	128,4	131,6	3,0	5,5	3.831	3.784	(1,2)	477,7	485,9	498,0	1,7	4,2
SUL	5,1	5,1	5,4	-	5,9	3.120	3.199	2,5	15,9	16,3	17,3	2,5	8,8
PR	1,5	1,8	1,9	20,0	25,0	2.747	2.894	5,4	4,1	5,2	5,5	26,8	34,1
RS	3,6	3,3	3,5	(8,3)	(2,8)	3.276	3.365	2,7	11,8	11,1	11,8	(5,9)	-
CENTRO-SUL	132,1	134,8	139,3	2,0	5,5	3.798	3.760	(1,0)	501,7	506,9	523,6	1,0	4,4
BRASIL	132,1	134,8	139,3	2,0	5,5	3.798	3.760	(1,0)	501,7	506,9	523,6	1,0	4,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
NORDESTE	2,2	2,2	2,2	-	-	995	956	(3,9)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.285	930	(27,6)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	25,0
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	922	954	3,5	0,4	0,4	0,4	-	-
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	957	962	0,5	1,4	1,4	1,4	-	-
SUDESTE	3,9	3,9	3,9	-	-	1.676	2.456	46,5	6,4	9,6	9,6	50,0	50,0
SP	3,9	3,9	3,9	-	-	1.640	2.456	49,8	6,4	9,6	9,6	50,0	50,0
NORTE/NORDESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	1.330	1.296	(2,6)	3,3	3,2	3,2	(3,0)	(3,0)
CENTRO-SUL	3,9	3,9	3,9	-	-	1.676	2.456	46,5	6,4	9,6	9,6	50,0	50,0
BRASIL	6,4	6,4	6,4	-	-	1.541	2.003	30,0	9,7	12,8	12,8	32,0	32,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.667	(3,2)	1,1	1,1	1,1	-	-
NORDESTE	2,2	2,2	2,2	-	-	995	956	(3,9)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.285	1.000	(22,2)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	922	1.000	8,5	0,4	0,4	0,4	-	-
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	957	933	(2,5)	1,4	1,4	1,4	-	-
SUDESTE	130,9	133,6	137,8	2,1	5,3	3.760	3.744	(0,4)	492,2	500,2	515,9	1,6	4,8
MG	2,3	1,3	2,3	-	-	3.527	3.611	2,4	8,1	4,7	8,3	(42,0)	2,5
SP	128,6	132,3	135,5	-	-	3.765	3.746	(0,5)	484,1	495,5	507,6	2,4	4,9
SUL	5,1	5,1	5,4	-	5,9	3.120	3.199	2,5	15,9	16,3	17,3	2,5	8,8
PR	1,5	1,8	1,9	-	-	2.747	2.892	5,3	4,1	5,2	5,5	26,8	34,1
RS	3,6	3,3	3,5	-	-	3.276	3.368	2,8	11,8	11,1	11,8	(5,9)	-
NORTE/NOR-DESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	1.330	1.296	(2,6)	3,3	3,2	3,2	(3,0)	(3,0)
CENTRO-SUL	136,0	138,7	143,2	2,0	5,3	3.736	3.723	(0,3)	508,1	516,5	533,2	1,7	4,9
BRASIL	138,5	141,2	145,7	1,9	5,2	3.693	3.681	(0,3)	511,4	519,7	536,4	1,6	4,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.1.3. ARROZ

O segundo levantamento da cultura de arroz, da safra 2018/19, indica que a área plantada estará no intervalo entre 1.829,9 e 1.963,3 mil hectares.

A área irrigada é estimada em até 1.445,3 mil hectares e no arroz de sequeiro deverá ocorrer diminuição da área, estimada em até 518 mil hectares.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 250 mil hectares, variando entre o decréscimo de 3,2 a 7,1% em relação à safra passada. Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro, não havendo cultivos de irrigado. A intenção é de manutenção de área em 42,4 mil hectares em relação à safra passada. O crédito agrícola é financiado nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por empresas privadas estaduais, entre outras empresas privadas, que fomentam a rizicultura em todo estado.

A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente,

esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, embora o recurso financeiro exista, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Nesse contexto, as empresas anteriormente citadas, entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear suas lavouras.

A área cultivada estimada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2018/19 será 42,4 mil hectares, desses, 38,4 mil hectares com safra e 4 mil hectares de arroz safrinha.

A safrinha será cultivada entre janeiro e fevereiro, inserida em áreas cultivadas com soja primeira safra. Atualmente o percentual da área semeada é 0%, a cultura tende a ser estabelecida a campo na primeira quinzena de novembro.

A produtividade do arroz safra é de 3.243 kg/ha, já a produtividade do arroz safrinha é menor, em torno de 2.994 kg/ha. A expectativa de produção do arroz safra será de 124,5 mil toneladas, já a produção do arroz safrinha 11,9 mil toneladas.

Os produtores estão descontentes com a significativa alta no preço do adubo, seja por conta do câmbio, seja



pelo custo do frete, que segue sem um arbitramento solucionador para as partes envolvidas.

O calendário agrícola está um tanto atípico, visto que há relatos de atrasos na entrega de insumos, principalmente fertilizantes oriundos de Parangará/PR.

Muitos produtores implantam o arroz em área de pastagem degradada ou em área de pousio. O arroz configura-se como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente, a soja. A possibilidade do arroz retornar à área é uma opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada em Rondônia é a AN Cambará, tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas. O ciclo da AN Cambará oscila entre 105 e 115 dias, antecipando o ciclo quando submetida a algum tipo de estresse, principalmente o hídrico. Outra cultivar largamente utilizada é ANa 6005, que pode ser usada como opção de variedade mais precoce cultivada na safrinha, bem como a ANa 5015, com ciclo em torno de 92 dias, conhecida popularmente como Aninha.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente em sequeiro. Inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, na época mais favorável ao desenvolvimento da cultura.

A baixa produção e produtividade no estado está relacionado à utilização de baixa tecnologia e também pelo cultivo ser proveniente da agricultura familiar, cuja finalidade da produção é para o consumo familiar e o excedente para comercialização. Geralmente a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho, após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão comum.

Na safra atual se estima o plantio de cerca de 450 hectares mecanizada de arroz de sequeiro em Epitaçiolândia/AC, intercalando o plantio entre outubro e dezembro, com a finalidade de facilitar a colheita e o escoamento devido não ter silos para secagem dos grãos e, por isso, a produção é escoada para Rondônia. As áreas em que já foram semeadas apresentam-se em fase de emergência e em desenvolvimento vegetativo. A área colhida de arroz de sequeiro foi de 5 mil hectares.

Para a safra 2018/19, a indicação é que a área plantada se manterá inalterada em relação à safra anterior.

No Amazonas, a estimativa é de retração na área plantada, que estará no intervalo entre 1,2 e 1,3 mil hectares em relação à área da safra passada, que foi de 1,4 mil hectares.

No Pará, o arroz desde o primeiro levantamento tem demonstrado retração de 18,4% a 23% na sua área. A perda é observada em municípios como Floresta do Araguaia e Breu Branco, que perderam respectivamente, 1,5 mil hectares e 1 mil hectares de área. Essa perda é motivada pela dificuldade em comercializar o produto, como também, as áreas de pastagem e outras culturas de grãos de maior valor econômico.

Os grandes produtores como novo progresso (arroz de sequeiro) e Cachoeira do Arari (arroz irrigado) mantiveram suas áreas com os mesmos valores passados.

Em Tocantins, a previsão é que a área de arroz em sequeiro sofra redução em relação à safra passada e está estimada entre 22,9 mil hectares e 25,7 mil hectares. No estado, a cultura é semeada tanto por agricultores familiares, para subsistência, quanto pelos produtores empresariais em áreas de primeiro cultivo. Para estes, a área cultivada é mais flutuante de uma safra para outra, visto que alguns produtores já estão optando por plantarem soja nas áreas de primeiro cultivo com emprego de alta tecnologia. Além disso, falta de cooperativas, problemas de comercialização com poucas opções de compradores e alto índice de quebra no arroz após o beneficiamento, que gera descontos no valor a ser pago, estão entre os fatores que têm desestimulado o plantio de áreas maiores de arroz. Para os pequenos, a tendência é de manutenção de área com pouca variação. Os produtores normalmente iniciam o plantio no início de novembro.

Com relação ao plantio irrigado, mesmo com perdas substanciais em produtividade devido ao excesso de chuvas e baixos preços registrados na comercialização, há uma tendência de, no mínimo, se manter a atual área cultivada. Essa efetivação, porém, depende do pagamento das prorrogações de custeio dos produtores que ainda não quitaram seus custeios com as instituições bancárias. O aumento da cotação do grão a partir de junho também voltou a animar os produtores. O plantio foi iniciado em todas as regiões produtoras, porém em baixa escala. Estima-se que 15% da área já tenham sido semeadas. O motivo desse atraso é o baixo valor de chuvas acumulado nas regiões produtoras, que não resultaram em um aumento significativo dos níveis dos rios que abastecem as lavouras.

Na Região Nordeste, a expectativa é de manutenção da área plantada, com arroz de sequeiro em 240,8 mil hectares, quanto ao irrigado, redução de área entre 8% e 9%.

No Maranhão, permanecem inalteradas as previsões de início de plantio de arroz de sequeiro para a segunda quinzena de novembro de 2018 para a Região Sul do estado e nas demais regiões pesquisadas, para a



segunda quinzena de dezembro de 2018 estendendo-se possivelmente até janeiro de 2019, uma vez que as previsões têm apontado para início da semeadura mais tardia nessa estação, caso se confirme a influência do fenômeno el nino, o que deve acarretar mais tempo para que as chuvas se regularizem.

Nesse levantamento, há uma projeção semelhante do anterior, e pequena redução da área cultivada, devendo totalizar 165,7 mil hectares. A cadeia produtiva do arroz na maioria das regiões pesquisadas é marcada pela informalidade, principalmente do pequeno produtor que normalmente deixa de planejar sua produção, dependendo muitas vezes da doação de parte dos insumos pelo governo, a exemplo das sementes, o que dificulta a obtenção de prognósticos mais seguros dessa cultura.

Durante a presente safra possivelmente evidenciaremos aumento do rendimento médio do arroz em alguns municípios, a exemplo do Município de Buriti de Inácia Vaz, na região do baixo Parnaíba Maranhense e nos demais municípios atendidos pelo programa de valorização da cadeia produtiva do arroz de terras altas da Embrapa Cocais, com foco em soluções tecnológicas para alcance de altas produtividades.

Finalizado o plantio do arroz irrigado durante setembro de 2018, em todas as regiões pesquisadas, com destaque para manutenção de colheita de dezembro a fevereiro de 2019 e drástica redução da área plantada. As lavouras de arroz irrigado, cultivadas na região da baixada maranhense, que compreende parte das planícies inundadas do estado, devem experimentar, segundo nossos colaboradores, redução significativa da área plantada em torno de 32%, em razão de fatores ligados a licenciamento ambiental, outorga no uso d'água, entre outros, bem como custo de produção elevado, com baixo retorno financeiro para os produtores.

É importante destacar que, o município de São Mateus, que tradicionalmente cultiva o arroz na região do perímetro irrigado do Salangô, deve semear nessa estação somente 10% da área plantada na safra anterior, ou seja, dos 600 hectares cultivados na safra 2017/18 foram semeados nessa safra somente 60 hectares.

Na Bahia, no extremo-oeste, a cultura do arroz era cultivada em áreas recém-abertas devido principalmente a sua tolerância à acidez. No entanto, com o avanço tecnológico e com o estudo das relações de custo-benefício, este manejo de primeiro cultivo em áreas abertas com lavouras de arroz foi substituído pelo cultivo de pastagens, principalmente o capim braquiária, visando a formação do perfil do solo de-

vido ao vigor do enraizamento e ao acúmulo de material orgânico em face do grande volume de massa vegetal produzida pela gramínea. O cultivo da pastagem, como primeira lavoura, estende-se por até três anos, para posterior cultivo de soja ou algodão.

A área de arroz total deve permanecer constante, com cerca de 7,8 mil hectares, incremento na produtividade em 9,2%.

No Piauí, a área de arroz total deve permanecer constante, com cerca de 70,8 mil hectares, redução na produtividade em 988 kg/ha. O plantio desta cultura só deverá ter início entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro, onde indica que a área plantada estará no intervalo entre 106,5 e 142,5, quanto nas destinadas ao arroz irrigado, sinalizando que a área plantada estará no intervalo entre 34,7 e 35,3 mil hectares.

Em Mato Grosso, a área plantada com arroz deverá apresentar redução em 2018/019, por conta dos preços baixos do cereal nas principais regiões produtoras, mesmo com a alta decorrente do período da entressafra, o que deverá desincentivar a opção pela cultura. O plantio ocorre de novembro e dezembro, quando se poderá delinear com maior precisão a área destinada à cultura. A comercialização da safra 2017/18 monta a 86%.

Em Mato Grosso do Sul apenas os rizicultores tradicionais mantêm o cultivo deste cereal, o qual é importante para compor a alimentação básica do brasileiro, sendo o item mais consumido dentre aqueles que fazem parte da cesta básica nacional.

Enquanto em alguns municípios toda a área de cultivo já foi plantada, em outros, os plantios ainda não iniciaram. Até o final de outubro aproximadamente 60% da área total cultivada no estado já havia sido plantada, onde 15% estava em germinação, 80% em desenvolvimento vegetativo e 5% em início da floração.

A expectativa de área plantada com a cultura no estado é de 14 mil hectares. A área cultivada com arroz apresentou redução na maioria dos municípios produtores, fato justificado pela falta de financiamento público em decorrência da não existência de zoneamento agroclimático para o cultivo de arroz irrigado no Mato Grosso do Sul, bem como pela dificuldade



em obtenção de licenças ambientais, dentre elas, a outorga para uso da água. O preço pago pela saca de 60 quilos de arroz também tem desestimulado seu cultivo, portanto, somente as áreas que os proprietários não conseguem drená-las suficientemente para a implantação de soja continuam com cultivo de arroz. O setor privado financia cerca de 70% dos custos das lavouras, o que leva os produtores a arcarem com juros mais elevados e aportarem recursos próprios para complementar os custos de produção. Além disso, não há seguros contra possíveis perdas, tornando a cultura de alto risco, principalmente em decorrência da elevação da calha do leito regular dos leitos dos rios por chuvas concentradas em um curto espaço de tempo, provocando a inundação das lavouras das várzeas.

A semeadura está atrasada em relação à safra anterior em razão da elevada precipitação ocorrida em setembro e início de outubro, pois os solos em que são cultivados o arroz mantêm umidade elevada por grande período após as chuvas, impedindo o trabalho das máquinas.

As lavouras que foram semeadas seguem em boas condições, sem qualquer evento negativo até o momento. Os produtores estão apreensivos com as precipitações que tem ocorrido, pois o transbordamento de córregos e rios poderão ocasionar a inundação de lavouras.

Em Goiás, o plantio de sequeiro é bastante disperso e ainda depende de fornecimento de sementes e projetos executados pela Secretaria da Agricultura do Estado, por meio do Programa Lavoura Comunitária. Trata-se de lavouras executadas por pequenos agricultores, assentados da reforma agrária e com baixo rendimento por hectare. Parte da produção é entregue ao estado (2%) e o restante fica com o produtor. A cultura de arroz de terras altas ou de sequeiro, produzida em Goiás, encontram-se em forte declínio, sendo cultivadas em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência (excetuando a produção de arroz irrigado), tornando a produção goiana deste grão inexpressiva nacionalmente.

A avaliação é que a área de plantio com arroz de sequeiro fique entre 6 e 6,2 mil hectares.

O arroz irrigado, produzido em Goiás, localiza-se na região leste e parte do norte do estado, onde denominamos de tríplex divisa (Flores de Goiás, Formosa e São João D'Aliança). Na safra passada, os produtores amargaram prejuízo devido à elevação da temperatura na época de enchimento de grãos, uma vez que muitos processos metabólicos da planta são fortemente afetados com a elevação na temperatura, o

que resultou em uma redução na produtividade. Esse fato fez com que muitos produtores repensassem seu planejamento para a atual safra, apontando, até o presente momento, uma tendência de manutenção na área plantada para a safra 2018/19.

Estima-se manutenção em 14,9% na área plantada de arroz irrigado em relação à safra anterior.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ser ligeiramente inferior que a área da última safra. Estima-se que a área plantada com o arroz seja entre 13,8 e 14,4 mil hectares, divididos entre o plantio de sequeiro, estimado entre 5,1 e 5,5 mil hectares, e o plantio irrigado, com uma área estimada de 8,7 a 8,9 mil hectares.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência das últimas décadas, o cultivo de arroz vem sofrendo constante declínio no estado. A área de plantio estimada para a safra atual é de 3,9 a 4,5 mil hectares. Dentre os principais fatores que motivam o declínio da cultura no estado citamos: a baixa rentabilidade, os elevados riscos devido ao clima e as restrições de cunho ambiental devido ao plantio em Áreas de Preservação Permanente. O plantio foi iniciado em outubro e deve se estender até novembro. Estima-se que 35% das áreas estejam semeadas, com lavouras em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo.

Em São Paulo, a estimativa é de estabilidade na área tanto para o arroz de sequeiro quanto para o arroz irrigado. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basicamente nos municípios de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba.

Outra informação a ser considerada é que os poucos produtores que plantam arroz na região do Vale do Paraíba estão buscando outras alternativas, tais como milho e a soja. Sua comercialização fica circunscrita a essa região. O produto não avança maiores distâncias devido à produção reduzida e à pouca aceitação do produto paulista. O consumo do arroz no estado é praticamente todo oriundo do Rio Grande do Sul. A produção gaúcha predominantemente do arroz agulhinha tipo 1, tem como sua maior praça de comercialização São Paulo.

Os produtores que se dedicam ao cultivo do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou mesmo a finalidade é para o consumo doméstico.

Quanto à área prevista dentro do estado é de manutenção em 9,5 mil hectares em relação à safra passada.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que total-



mente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado esteja no intervalo entre 1.167,0 e 1.252,6 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta entre 3 e 3,1 mil hectares.

No Paraná, assim como ocorreu no ano anterior, o plantio de arroz irrigado está um pouco atrasado pelo excesso de chuvas em outubro. O plantio foi iniciado desde o começo de setembro e se encontra com 77% concluído.

A área plantada estimada é de 20,1 mil hectares, ou seja, praticamente o mesmo da safra passada. O perfil tecnológico é o mesmo do habitual, o que permitiu estimar a produtividade em 7.045 kg/ha. O aumento de 11,4% em relação à safra anterior se deve à chuva que atrasou a colheita da safra passada, com consequente incidência de doenças na planta.

O arroz de sequeiro primeira safra se trata de uma cultura de subsistência, ou seja, de cultivo familiar, onde as informações são de difícil controle. Geralmente é cultivada de forma intercalada com outras culturas perenes e está pulverizada por todo o estado.

O plantio ainda não foi concluído devido às chuvas ocorridas em outubro, visto que o plantio da área estimada de 3,1 mil hectares está 33% concluído, ou seja, redução de 8,8% frente à safra anterior. A produtividade estimada é de 2.032 kg/ha, o que representa um pequeno aumento em relação à safra anterior em 3%. Na safra passada a produtividade foi um pouco menor devido ao excesso de chuvas e doenças.

A cultura é considerada como sendo de subsistência no estado, visto que a redução de área segue a tendência de o arroz ser cada vez menos plantado no estado.

Em Santa Catarina, outubro foi marcado pelo avanço da implantação das lavouras de arroz no litoral do estado. No momento do levantamento de informações cerca de 88% das lavouras já estavam implantadas. Estima-se que o encerramento do plantio deva ocorrer ainda na primeira quinzena de novembro.

Até o presente momento o desenvolvimento das lavouras está dentro da normalidade. Em algumas localidades a grande quantidade de dias com incidência de chuva tem dificultado alguns tratamentos culturais, como a aplicação de herbicidas, entretanto, ainda não se fala em redução de produtividade.

O que preocupa os técnicos e produtores no momento é a expectativa de períodos de frio tardio e a incidência de muitos dias nublados, o que pode tornar o desenvolvimento da cultura mais lento e prejudicar

a produção, dependendo da fase em que a cultura se encontrar na ocorrência dos fatores climáticos.

Em relação à área destinada para a cultura houve redução desta em relação ao ano anterior, devido, principalmente, à atualização de informações e perdas para o setor imobiliário.

Os créditos de custeio estão sendo ofertados dentro da normalidade, assim como a liberação de financiamento de maquinários e equipamentos e a oferta de insumos.

Alguns produtores, devido à alta dos preços dos insumos e às perspectivas de flutuação do preço do arroz, estão mais cautelosos nos investimentos na lavoura.

No Rio Grande do Sul a semeadura de arroz segue em ritmo acelerado. Até o momento, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), foram semeados 53,9% da área prevista para esta safra. As condições meteorológicas dos últimos dias têm contribuído com o avanço dessa prática, que se encontra substancialmente mais adiantada em relação ao ano passado, cujo percentual nessa mesma época era de apenas 30,4%. Cabe ressaltar que na safra anterior houve um significativo atraso na semeadura, com boa parte das lavouras tendo sido implantadas fora do período preferencial da cultura, muito embora isso não tenha sido determinante na produtividade final em razão das condições de desenvolvimento durante o outono no estado.

O atraso verificado na safra passada se deveu principalmente pelo excesso de chuvas no início da janela de semeadura, fato que, até o momento, não tem ocorrido. Pontualmente, por outro lado, tem ocorrido alguns problemas de germinação causado por baixa umidade do solo, mas que não chega a preocupar os técnicos e produtores ainda. Em se confirmando as previsões de chuva para o final de outubro no estado, a germinação deve ocorrer de forma satisfatória. Nas áreas onde a semeadura não iniciou os produtores seguem realizando trabalhos de drenagem, reconstrução de canais, nivelamento de área e aplicação de produtos fitossanitários para dessecação para implantação da nova safra.

As regiões da Fronteira Oeste e Zona Sul são as que apresentam semeadura mais adiantadas, com 76,9% e 63,4%, respectivamente, da área semeada. Campanha e Planície Costeira Interna estão com quase metade da área implantada, 44% e 47%, respectivamente. Por fim, as regiões Central e Planície Costeira Externa são as mais atrasadas com 27,2% e 33,8%, respectivamente. A antecipação na semeadura garante ao produtor maior segurança para se concluir a prática antes do término do período de

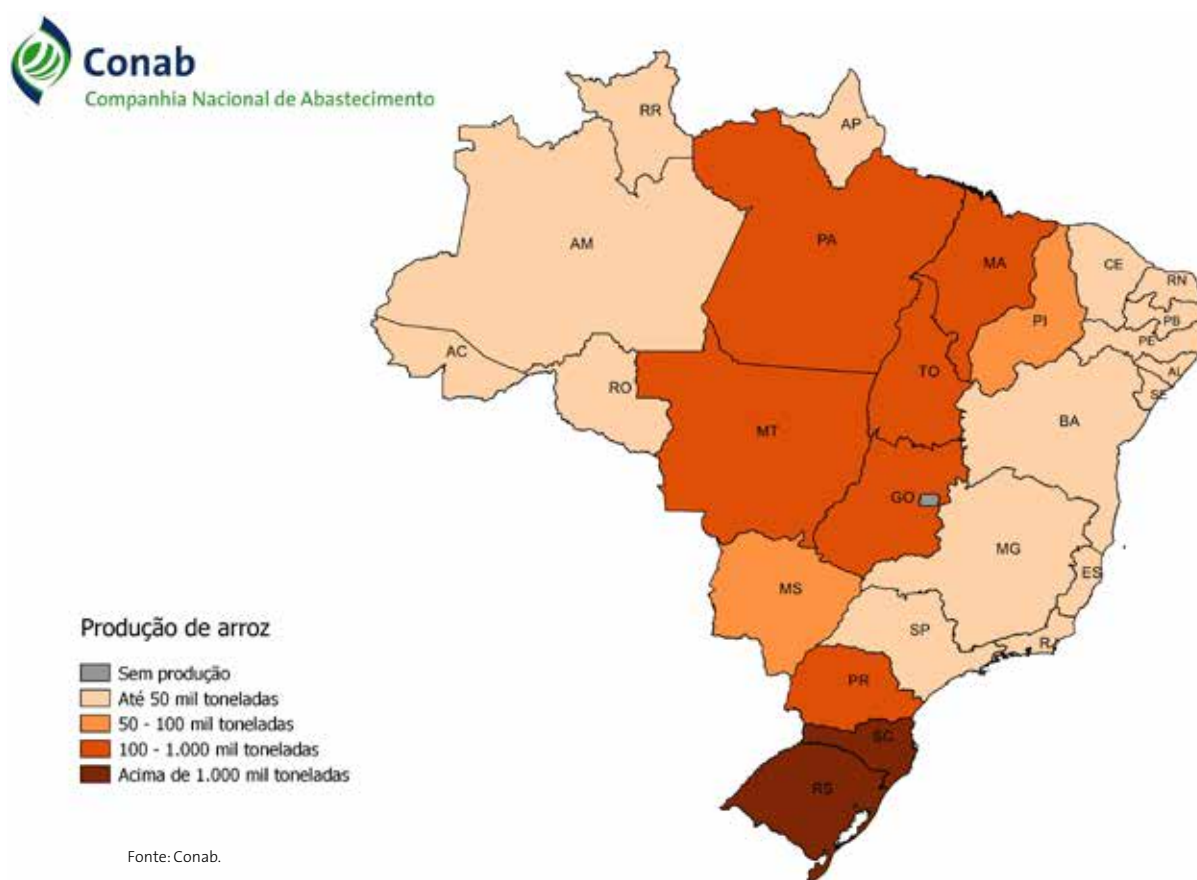


zoneamento climático, fazendo com que seja possível alcançar maior potencial produtivo das variedades. Em contrapartida, com o alto custo, principalmente em relação aos fertilizantes e à dificuldade na obtenção de crédito, muitos produtores não conseguiram ou optaram pela diminuição na aplicação de adubo reduzindo, assim, a expectativa de produtividade.

Devido às condições mercadológicas ocorridas duran-

te todo o ano de 2018, há uma expectativa de leve redução na área cultivada com o arroz no estado. Ainda não se tem a real proporção da redução, já que isso também depende de como ocorrerá a evolução da semeadura. Como nesta safra a evolução tem sido boa, pode ser que os produtores optem por não correrem o risco com semeaduras tardias, fora da época preferencial, que sabidamente reduzem o potencial produtivo. A área estimada de arroz está entre 1.003,2 e 1.087,3 mil hectares.

Figura 5 - Mapa da produção agrícola – Arroz



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	263,5	244,8	255,1	(7,1)	(3,2)	4.045	4.108	1,6	1.065,7	1.007,9	1.045,8	(5,4)	(1,9)
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.075	7.035	(0,6)	87,0	86,5	86,5	(0,6)	(0,6)
RO	42,4	42,4	42,4	-	-	3.243	3.186	(1,8)	137,5	135,1	135,1	(1,7)	(1,7)
AC	5,0	5,0	5,0	-	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	6,7	9,8	9,8
AM	1,4	1,2	1,3	(14,3)	(7,1)	2.296	2.288	(0,3)	3,2	2,7	3,0	(15,6)	(6,3)
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	68,4	52,7	55,8	(23,0)	(18,4)	2.860	2.913	1,9	195,6	153,7	162,3	(21,4)	17,0)
TO	132,5	129,7	136,8	(2,1)	3,2	4.792	4.775	(0,4)	634,9	621,8	650,8	(2,1)	2,5
NORDESTE	262,0	260,1	260,3	(0,7)	(0,6)	2.033	1.627	(20,0)	525,9	423,0	423,9	(19,6)	(19,4)
MA	166,7	165,5	165,7	(0,7)	(0,6)	1.925	1.604	(16,7)	320,9	265,2	266,1	(17,4)	(17,1)
PI	70,8	70,8	70,8	-	-	1.670	988	(40,8)	118,2	70,0	70,0	(40,8)	(40,8)
CE	3,6	3,6	3,6	-	-	975	1.622	66,3	3,6	5,9	5,9	63,9	63,9
RN	1,1	1,1	1,1	-	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	3,8	(11,6)	(11,6)
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	0,9	(25,0)	25,0)
PE	0,4	0,4	0,4	-	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	2,2	4,8	4,8
AL	5,8	5,8	5,8	-	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	35,3	(6,4)	(6,4)
SE	4,7	4,0	4,0	(14,9)	14,9)	7.500	7.387	(1,5)	28,5	29,5	29,5	3,5	3,5
BA	7,8	7,8	7,8	-	-	1.200	1.310	9,2	9,4	10,2	10,2	8,5	8,5
CENTRO-OESTE	185,2	141,2	177,8	(23,8)	(4,0)	3.653	3.746	2,5	676,5	537,7	657,2	(20,5)	(2,9)
MT	149,3	106,3	142,1	(28,8)	(4,8)	3.283	3.238	(1,4)	490,2	344,5	459,8	(29,7)	(6,2)
MS	14,3	14,0	14,6	(2,1)	2,1	5.700	6.206	8,9	81,5	86,9	90,6	6,6	11,2
GO	21,6	20,9	21,1	(3,2)	(2,3)	4.852	5.075	4,6	104,8	106,3	106,8	1,4	1,9
DF	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	14,7	13,8	14,4	(6,1)	(2,0)	3.611	3.683	2,0	53,0	51,2	52,8	(3,4)	(0,4)
MG	4,8	3,9	4,5	(18,8)	(6,3)	2.791	2.530	(9,3)	13,4	9,8	11,4	(26,9)	(14,9)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	0,3	-	-
RJ	0,3	0,3	0,3	-	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	1,0	150,0	150,0)
SP	9,5	9,5	9,5	-	-	4.094	4.215	3,0	38,9	40,1	40,1	3,1	3,1
SUL	1.247,4	1.170,0	1.255,7	(6,2)	0,7	7.811	7.675	(1,7)	9.743,1	8.978,0	9.638,2	(7,9)	(1,1)
PR	23,1	23,0	23,2	(0,4)	0,4	5.684	6.383	12,3	131,3	147,0	147,9	12,0	12,6
SC	146,7	143,8	145,2	(2,0)	(1,0)	7.850	7.610	(3,1)	1.151,6	1.094,3	1.105,0	(5,0)	(4,0)
RS	1.077,6	1.003,2	1.087,3	(6,9)	0,9	7.851	7.712	(1,8)	8.460,2	7.736,7	8.385,3	(8,6)	(0,9)
NORTE/NORDESTE	525,5	504,9	515,4	(3,9)	(1,9)	3.042	2.843	(6,5)	1.591,6	1.430,9	1.469,7	(10,1)	(7,7)
CENTRO-SUL	1.447,3	1.325,0	1.447,9	(8,5)	-	7.236	7.182	(0,7)	10.472,6	9.566,9	10.348,2	(8,6)	(1,2)
BRASIL	1.972,8	1.829,9	1.963,3	(7,2)	(0,5)	6.119	6.015	(1,7)	12.064,2	10.997,8	11.817,9	(8,8)	(2,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 17/18 (a)	Safr 18/19		VAR. %		Safr 17/18	Safr 18/19	VAR. %	Safr 17/18 (f)	Safr 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)		Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	138,8	120,1	126,1	(13,5)	(9,1)	2.757	2.689	(2,5)	382,6	322,9	337,6	(15,6)	(11,8)
RO	42,4	42,4	42,4	-	-	3.243	3.186	(1,8)	137,5	135,1	135,1	(1,7)	(1,7)
AC	5,0	5,0	5,0	-	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	6,7	9,8	9,8
AM	1,4	1,2	1,3	(15,0)	(10,0)	2.296	2.288	(0,3)	3,2	2,7	3,0	(15,6)	(6,3)
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	62,8	47,1	50,2	(25,0)	(20,0)	2.808	2.763	(1,6)	176,3	130,1	138,7	(26,2)	(21,3)
TO	25,7	22,9	25,7	(11,0)	-	2.261	2.050	(9,3)	58,1	46,9	52,7	(19,3)	(9,3)
NORDESTE	240,8	240,8	240,8	-	-	1.710	1.318	(23,0)	411,9	317,4	317,4	(22,9)	(22,9)
MA	162,9	162,9	162,9	-	-	1.865	1.558	(16,5)	303,8	253,8	253,8	(16,5)	(16,5)
PI	65,5	65,5	65,5	-	-	1.443	720	(50,1)	94,5	47,2	47,2	(50,1)	(50,1)
CE	3,5	3,5	3,5	-	-	846	1.500	77,3	3,0	5,3	5,3	76,7	76,7
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	0,9	(25,0)	(25,0)
BA	7,8	7,8	7,8	-	-	1.200	1.310	9,2	9,4	10,2	10,2	8,5	8,5
CENTRO-OESTE	150,2	106,5	142,5	(29,1)	(5,1)	3.225	3.168	(1,8)	484,4	337,4	453,2	(30,3)	(6,4)
MT	143,5	100,5	136,3	(30,0)	(5,0)	3.268	3.220	(1,5)	469,0	323,6	438,9	(31,0)	(6,4)
GO	6,7	6,0	6,2	(10,0)	(8,0)	2.300	2.300	-	15,4	13,8	14,3	(10,4)	(7,1)
SUDESTE	5,8	5,1	5,5	(12,1)	(5,2)	2.244	2.166	(3,5)	12,9	11,1	11,6	(14,0)	(10,1)
MG	3,5	2,8	3,2	(20,0)	(8,6)	1.756	1.322	(24,7)	6,1	3,7	4,2	(39,3)	(31,1)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	0,3	-	-
RJ	0,3	0,3	0,3	-	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	1,0	150,0	150,0
SP	1,9	1,9	1,9	-	-	3.200	3.200	-	6,1	6,1	6,1	-	-
SUL	3,4	3,0	3,1	(11,8)	(8,8)	1.973	2.032	3,0	6,7	6,1	6,3	(9,0)	(6,0)
PR	3,4	3,0	3,1	(12,7)	(8,8)	1.973	2.032	3,0	6,7	6,1	6,3	(9,0)	(6,0)
NORTE/NORDESTE	379,6	360,9	366,9	(4,9)	(3,3)	2.093	1.774	(15,2)	794,5	640,3	655,0	(19,4)	(17,6)
CENTRO-SUL	159,4	114,6	151,1	(28,1)	(5,2)	3.162	3.094	(2,2)	504,0	354,6	471,1	(29,6)	(6,5)
BRASIL	539,0	475,5	518,0	(11,8)	(3,9)	2.409	2.092	(13,2)	1.298,5	994,9	1.126,1	(23,4)	(13,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	124,7	124,7	129,0	-	3,4	5.478	5.494	0,3	683,1	685,0	708,2	0,3	3,7
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.075	7.035	(0,6)	87,0	86,5	86,5	(0,6)	(0,6)
PA	5,6	5,6	5,6	-	-	3.446	4.220	22,5	19,3	23,6	23,6	22,3	22,3
TO	106,8	106,8	111,1	-	4,0	5.401	5.383	(0,3)	576,8	574,9	598,1	(0,3)	3,7
NORDESTE	21,2	19,3	19,5	(9,0)	(8,0)	5.697	5.472	(3,9)	114,0	105,6	106,5	(7,4)	(6,6)
MA	3,8	2,6	2,8	(32,0)	(27,0)	4.500	4.400	(2,2)	17,1	11,4	12,3	(33,3)	(28,1)
PI	5,3	5,3	5,3	-	-	4.478	4.300	(4,0)	23,7	22,8	22,8	(3,8)	(3,8)
CE	0,1	0,1	0,1	-	-	5.500	5.900	7,3	0,6	0,6	0,6	-	-
RN	1,1	1,1	1,1	-	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	3,8	(11,6)	(11,6)
PE	0,4	0,4	0,4	-	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	2,2	4,8	4,8
AL	5,8	5,8	5,8	-	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	35,3	(6,4)	(6,4)
SE	4,0	4,0	4,0	-	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	29,5	3,5	3,5
CENTRO-OESTE	35,0	34,7	35,3	(0,9)	0,9	5.489	5.773	5,2	192,1	200,3	204,0	4,3	6,2
MT	5,8	5,8	5,8	-	-	3.659	3.600	(1,6)	21,2	20,9	20,9	(1,4)	(1,4)
MS	14,3	14,0	14,6	(2,0)	2,0	5.700	6.206	8,9	81,5	86,9	90,6	6,6	11,2
GO	14,9	14,9	14,9	-	-	6.000	6.211	3,5	89,4	92,5	92,5	3,5	3,5
SUDESTE	8,9	8,7	8,9	(2,2)	-	4.501	4.606	2,3	40,1	40,1	41,2	-	2,7
MG	1,3	1,1	1,3	(15,0)	-	5.577	5.550	(0,5)	7,3	6,1	7,2	(16,4)	(1,4)
SP	7,6	7,6	7,6	-	-	4.317	4.469	3,5	32,8	34,0	34,0	3,7	3,7
SUL	1.244,0	1.167,0	1.252,6	(6,2)	0,7	7.827	7.688	(1,8)	9.736,4	8.971,9	9.631,9	(7,9)	(1,1)
PR	19,7	20,0	20,1	1,7	1,8	6.324	7.045	11,4	124,6	140,9	141,6	13,1	13,6
SC	146,7	143,8	145,2	(2,0)	(1,0)	7.850	7.610	(3,1)	1.151,6	1.094,3	1.105,0	(5,0)	(4,0)
RS	1.077,6	1.003,2	1.087,3	(6,9)	0,9	7.851	7.712	(1,8)	8.460,2	7.736,7	8.385,3	(8,6)	(0,9)
NORTE/NORDESTE	145,9	144,0	148,5	(1,3)	1,8	5.510	5.491	(0,3)	797,1	790,6	814,7	(0,8)	2,2
CENTRO-SUL	1.287,9	1.210,4	1.296,8	(6,0)	0,7	7.740	7.611	(1,7)	9.968,6	9.212,3	9.877,1	(7,6)	(0,9)
BRASIL	1.433,8	1.354,4	1.445,3	(5,5)	0,8	7.513	7.386	(1,7)	10.765,7	10.002,9	10.691,8	(7,1)	(0,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.1.4. FEIJÃO

10.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A segunda avaliação do cultivo de feijão primeira safra indica que a área semeada poderá variar entre 970 mil e 1.011,1 mil hectares, redução de 7,9% a 4% em relação à safra passada. Neste momento, o cultivo do feijão está

competindo com a cultura da soja e do milho por área, fazendo o produtor escolher pela cultura que proponha uma melhor rentabilidade.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é bastante cultivado na primeira safra. A estimativa é que a área fique entre 386,9 mil e 410,2 mil hectares para a safra 2018/19, ou seja, redução entre 16,3% e 11,3% em relação à safra passada.

Na Região Norte, Tocantins é o único estado produtor de feijão-comum cores primeira safra. Espera-se pequena variação de área cultivada em relação à safra passada.

Na Região Nordeste, somente a Bahia tem produção de feijão-comum cores na primeira safra.

Na Bahia, o cultivo do feijão-comum cores é realizado por

médios e pequenos produtores, com utilização mediana de insumos, ocupando áreas produtivas no extremo-ocidente, centro-sul, centro-norte e Vale do São Francisco.

Em todas as regiões produtoras foi observado o intenso preparo do solo para cultivo, com plantio previsto para a segunda quinzena de novembro. Estima-se que a área de semeadura deverá ser entre 51 mil hectares e 55 mil hectares, podendo crescer entre 16,2% e 25,3% em relação à safra passada. Esse aumento se deve, principalmente, à retomada de área em pousio no centro-norte do estado, motivado pelas últimas duas safras de regularidade hídrica.



Figura 6 - Plantio de feijão-comum cores, em Barreiras - BA



Fonte: Conab.

Na região centro-oeste, a previsão é que a área seja menor que na última safra.

Em Mato Grosso, a área cultivada com feijão primeira safra deverá ser bastante pontual, dividindo-se entre as variedades caupi e cores. A limitação ao cultivo é em decorrência do patamar bastante baixo de preços que se apresenta nos últimos meses no estado, fato que desencoraja a opção pela cultura.

Em Goiás, a semeadura está praticamente finalizada nas principais regiões produtoras. A principal região produtora de feijão está situada na região leste do estado, sendo o município de Cristalina um dos principais produtores. Nesta safra, a estimativa é que a área reduza entre 25% e 30%, motivados, principalmente, pela existência de estoques do produto de terceira safra (de melhor qualidade) e também porque os produtores estão migrando para a cultura da soja devido ao aumento dos custos de produção, além dos preços do feijão estarem estáveis no mercado.

No Distrito Federal, a semeadura da primeira safra de feijão iniciou na segunda quinzena de outubro, com previsão de redução na área de 4% a 7%, ocasionada pelos baixos preços praticados no mercado local, em contrapartida, os produtores estão optando pelo cultivo da soja, que se encontra com preços mais atrativos.

Os custos de produção estão elevados, ocasionados pelo aumento de preços dos insumos, combustível e, recentemente, os preços dos fretes. O feijão começou a ser semeado logo após o término do vazio sanitário, finalizado no dia 20 de outubro.

Na Região Sudeste, principal produtora de feijão-comum cores da primeira safra, espera-se redução de área entre 12% e 15,6% em relação à safra passada.

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum cores primeira safra está estimada entre 130,2 e 134,1 mil hectares.

Estima-se que 32% da área já foi semeada. Dessa forma, alguns produtores optam por culturas mais rentáveis como o milho e soja. O cultivo de feijão-comum cores é predominante no estado. Apesar dos riscos de perdas e da instabilidade dos preços, esta leguminosa é cultivada em praticamente todos os municípios mineiros, ainda que, em alguns, apenas para autoconsumo.

Em São Paulo, o feijão está em fase de frutificação (40%) e maturação (60%). O cultivo de feijão apresenta grande concentração de plantio na região sudoeste do estado, principalmente em Itaí e Itapeva. Essa região é considerada a de maior produção para o feijão das águas, por serem lavouras irrigadas.

Figura 7 - Cultivo de feijão, em Itapeva - SP



Fonte: Conab.

Na Região Sul, a semeadura está em andamento e a previsão inicial é que ocorra redução de área em relação à safra passada.

No Paraná existe a perspectiva de semeadura de até 59,7 mil hectares, demonstrando diminuição de 26,2% a 28,8% em relação à safra anterior. Essa redução de área ocorre porque os produtores estão optando por plantar soja e, principalmente, milho, devido aos seus bons preços.

As chuvas estão atrasando a semeadura e poderá se estender até dezembro. A qualidade das lavouras é boa devido ao clima favorável.



Em Santa Catarina, apenas 7% da área prevista para esta safra encontra-se semeada, um atraso de aproximadamente 16% em relação ao mesmo período do ano passado. As instabilidades climáticas atuantes em outubro desfavoreceram o avanço do plantio em diversas regiões. Aliado a isso, as principais praças produtoras se encontram em regiões de maior altitude, onde as temperaturas baixas tendem a avançar na estação da primavera, inibindo a semeadura dessa cultura, que não tolera muito bem esta condição de clima.

Da área já semeada com feijão-comum cores em Santa Catarina, 2% se encontra em germinação e 98% em desenvolvimento vegetativo. Apesar de a semeadura

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a primeira safra. A estimativa é de uma área entre 168,4 e 172,5 mil hectares.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área estimada está entre 6 mil e 6,8 mil hectares, até o momento do levantamento 30% da área já havia sido semeada. A demanda pelo produto permanece estável.

A Região Sul é a principal produtora de feijão-comum preto na primeira safra e estima-se que a área reduza entre 4,6% e 6,5% em relação à safra passada.

No Paraná, estima-se semear entre 110,2 mil e 110,9 mil hectares. Desse total, 79% já está semeada.

Devido às chuvas ocorridas em outubro, o plantio está atrasado, visto que em alguns municípios o zoneamento já encerrou sem que os produtores conseguissem semear toda a área pretendida. Em relação à safra anterior deverá haver redução da área devido aos baixos preços da leguminosa nas últimas safras e à migração para soja ou milho, que são culturas mais rentáveis. As lavouras já implantadas estão em boas condições de desenvolvimento vegetativo.

Em Santa Catarina, a semeadura do feijão-comum preto atingiu, no final de outubro, em torno de 59% da área estimada inicialmente. Em relação ao mesmo período do ano passado, observa-se um atraso na ordem de 14%, resultado das instabilidades climáticas que atuaram no estado desde o início de outubro. Não só a semeadura foi afetada pelas chuvas, mas também as

ainda não ter sido finalizada, devendo isso ocorrer apenas em dezembro, há uma tendência de redução da área nesta safra. Um dos principais motivos para isso são os baixos preços pagos pelo produto ao longo do ano, os quais chegaram a ficar abaixo do custo de produção, em alguns momentos. Aliado a isso, as instabilidades climáticas atuais e tendências futuras têm inibido o produtor a investir na cultura, considerada de alto risco pela alta suscetibilidade a eventos climáticos.

No Rio Grande do Sul, especialmente nos Campos de Cima da Serra, maior região produtora do estado, ainda não foi iniciada a semeadura.

lavouras que já haviam sido semeadas anteriormente, em setembro, e pouco antes das precipitações.

As lavouras mais adiantadas, em estágio de desenvolvimento vegetativo, sofreram, além do excesso de chuva, com longos períodos de sombreamento e baixas temperaturas, afetando o desenvolvimento das plantas. As plantadas mais tarde, logo antes das instabilidades, foram mais afetadas no estágio de germinação e emergência. Em alguns locais, o excesso de umidade provocou a inviabilidade das sementes e morte de plântulas, necessitando o replantio. Em outros, a frequência das chuvas provocou perdas em áreas já replantadas, as quais foram abandonadas pelos produtores, que devem investir em outra cultura.

Além das dificuldades no plantio, os baixos preços recebidos pelos produtores, desde a safra passada, têm pesado na decisão de investir na cultura, que deve ceder espaço para a soja ou milho, dependendo da região. Das lavouras já implantadas, aproximadamente 21% se encontram em germinação, 78% em desenvolvimento vegetativo e 1% em floração.

No Rio Grande do Sul segue a fase de semeadura e germinação das lavouras de feijão, atingindo cerca de 80% da área prevista para esta safra. Houve um atraso no início da semeadura nas regiões em que o zoneamento inicia mais cedo, devido à ocorrência de temperaturas mais baixas no início da primavera. As condições de desenvolvimento para o feijão estão boas, com adequadas condições de umidade do solo e temperatura. A área pode sofrer uma leve redução, com migração de áreas para o milho e soja, embora ainda não confirmada pelos informantes.



Feijão-caupi

O feijão-caupi deve ocupar a maior área semeada com feijão na primeira safra, variando entre 414,7 e 428,4 mil hectares.

Na Região Norte, apenas Tocantins cultiva o feijão-caupi na primeira safra. A exemplo do feijão-comum cores é esperada pouca variação na área cultivada em relação à safra passada, ora estimada no intervalo de 4,8 mil a 5,3 mil hectares.

Visto ser uma cultura de menor resultado econômico, observa-se que é cultivada basicamente por agricultores familiares, em lavouras de menor tamanho, com vistas à subsistência e pequena porção destinada à comercialização.

Na Região Nordeste é cultivada a maior área de feijão-caupi na primeira safra. A estimativa é que seja cultivado entre 392,9 mil e 403,9 mil hectares.

No Piauí, a área de feijão primeira safra deve permanecer constante, com cerca de 235,3 mil hectares. Praticamente toda a área de feijão primeira safra no estado é proveniente da agricultura familiar e o plantio tem previsão de iniciar em dezembro na região sul do estado e em janeiro de 2019 na região centro-norte do estado.

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi é realizado por médios e pequenos produtores, com reduzida utilização de insumos. Essa lavoura é amplamente cultivada devido a sua rusticidade e resistência ao estresse hídrico, ocupando áreas produtivas no extremo-oeste, centro-sul, centro-norte e Vale do São Francisco. Estima-se que a área de plantio deverá ser entre 120 mil hecta-

res e 131 mil hectares, podendo crescer entre 6,4% e 16,1% em relação à safra passada. Esse aumento se deve, principalmente, à região centro-norte do estado, com estimativas de expansão sobre áreas de pousio, motivado pelo bom clima gerado pelas últimas duas safras de regularidade hídrica. Durante outubro foi observado o intenso preparo do solo, com o plantio esperado a partir da segunda quinzena de novembro.

Em Mato Grosso, a maior área de feijão-caupi é cultivada na segunda safra. Nesta primeira safra, a estimativa é que o cultivo aconteça em uma área entre 3,2 mil e 5,1 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área de feijão-caupi está estimada entre 13,8 e 14,1 mil hectares, até o momento do levantamento 30% da área já havia sido semeada. Esse aumento da área é esperado devido às condições de umidade favoráveis registradas nesta abertura de safra na região do norte de Minas, onde é mais comum o cultivo, motivado pela proximidade e influência cultural muito forte da região nordeste do Brasil, que tem maior hábito de consumo dessa espécie de feijão.

O plantio é para subsistência, mas em bons anos de chuvas, o excedente é comercializado em mercados municipais da região. O feijão-caupi é plantado predominantemente na primeira safra, em nível familiar. Onde há irrigação há preferência do uso das áreas para plantio de feijão-anão cores, cujos preços normalmente remuneram melhor. A maior parte das sementes provém de seleção de materiais do próprio produtor.



Figura 8 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

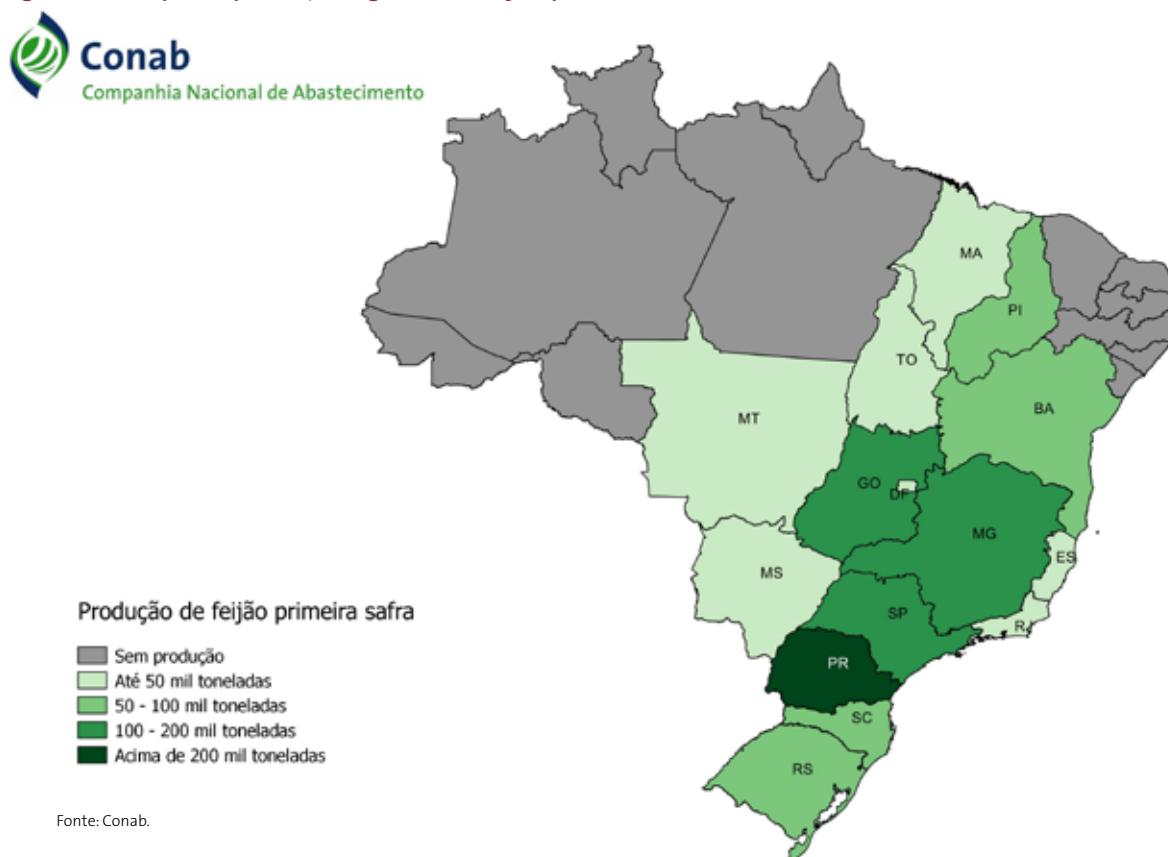


Figura 9 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - cores

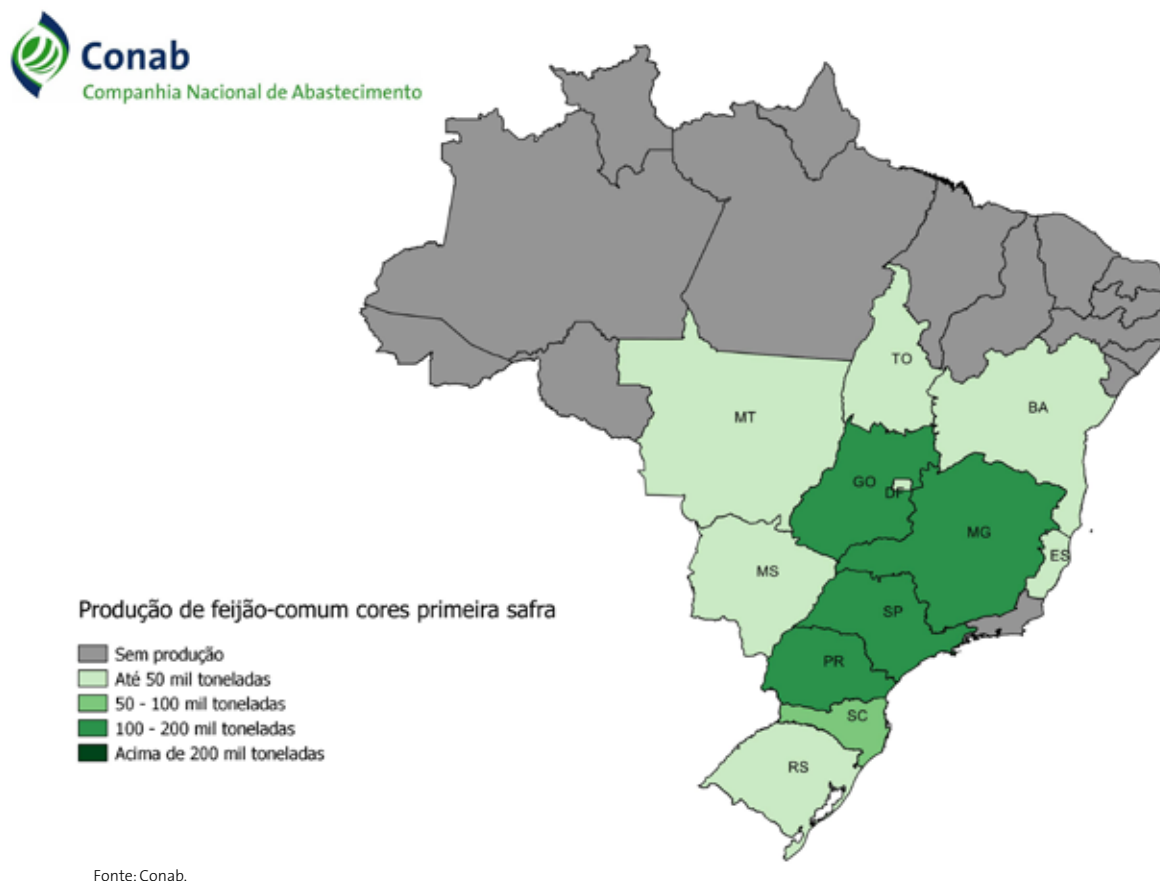


Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - preto

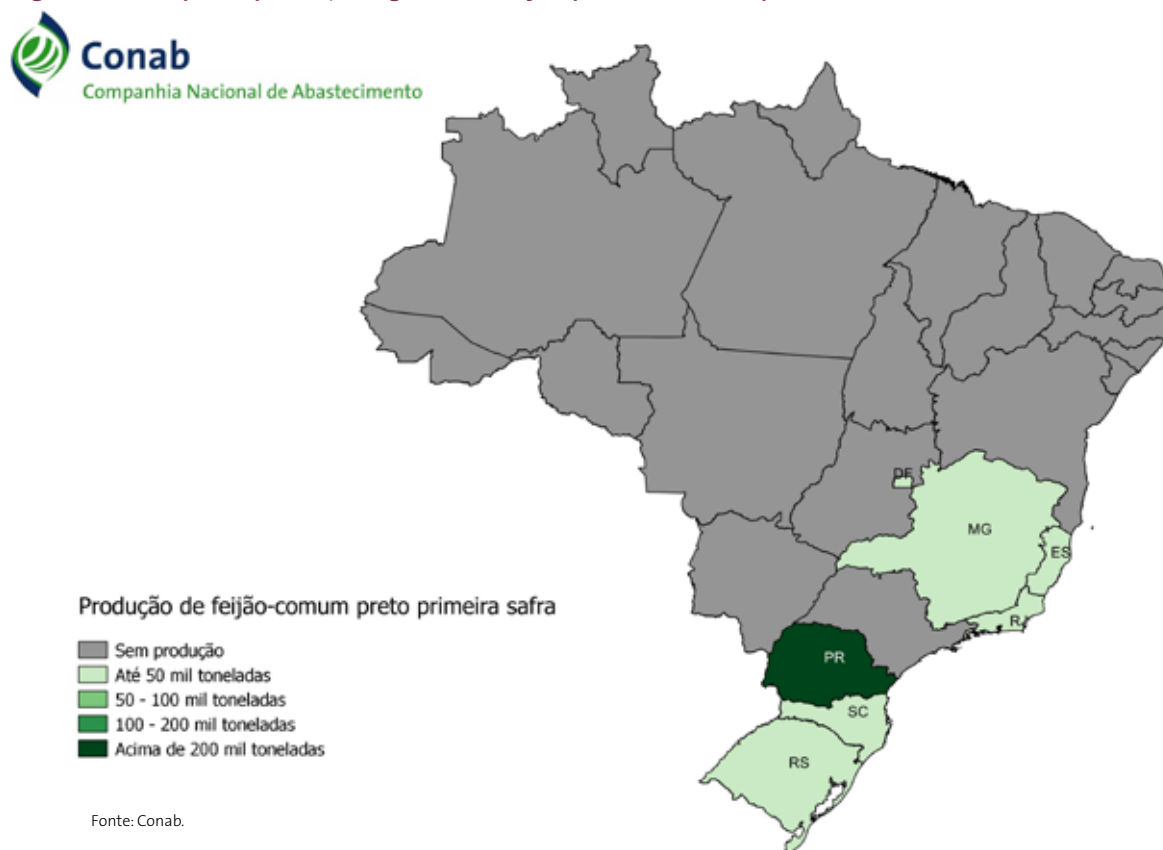
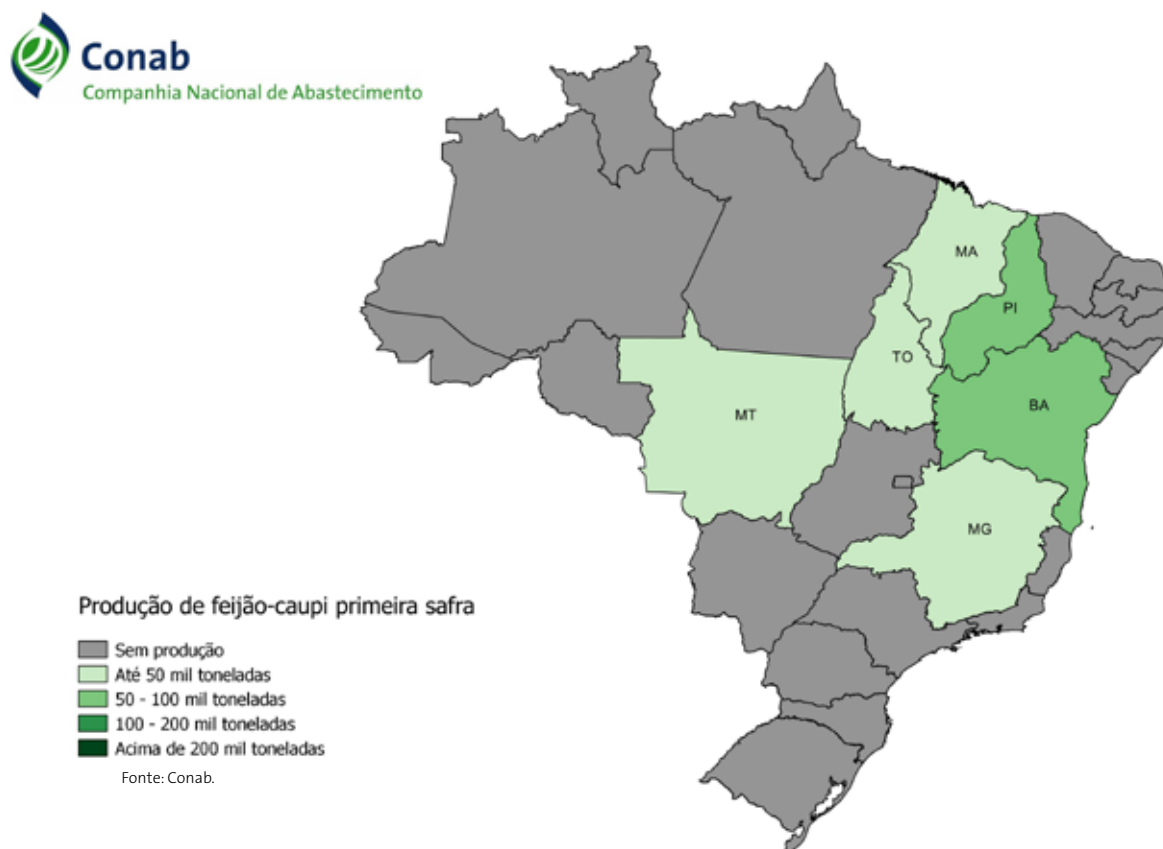


Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - caupi



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	F/FR/M	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense				P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
SC	Metropolitana de Curitiba				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
	Norte Catarinense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
RS	Serrana				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
	Noroeste Rio-grandense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C			
	Metropolitana de Porto Alegre				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	5,9	5,5	6,1	(6,8)	3,4	624	714	14,3	3,7	3,9	4,4	5,4	18,9
TO	5,9	5,5	6,1	(6,8)	3,4	624	714	14,3	3,7	3,9	4,4	5,4	18,9
NORDESTE	429,6	443,9	458,9	3,3	6,8	435	428	(1,6)	186,7	189,2	197,2	1,3	5,6
MA	37,6	37,6	37,6	-	-	575	547	(4,9)	21,6	20,6	20,6	(4,6)	(4,6)
PI	235,3	235,3	235,3	-	-	385	326	(15,3)	90,6	76,7	76,7	(15,3)	(15,3)
BA	156,7	171,0	186,0	9,1	18,7	476	537	12,9	74,5	91,9	99,9	23,4	34,1
CENTRO-OESTE	81,7	57,6	64,8	(29,5)	(20,7)	2.337	2.210	(5,4)	191,0	128,1	142,4	(32,9)	(25,4)
MT	12,6	6,3	10,1	(50,0)	(19,8)	1.762	1.709	(3,0)	22,2	10,8	17,3	(51,4)	(22,1)
MS	0,8	0,8	0,8	-	-	1.650	1.759	6,6	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
GO	56,2	39,3	42,2	(30,1)	(24,9)	2.496	2.373	(4,9)	140,3	93,3	100,1	(33,5)	(28,7)
DF	12,1	11,2	11,7	(7,4)	(3,3)	2.242	2.020	(9,9)	27,2	22,6	23,6	(16,9)	(13,2)
SUDESTE	243,7	208,6	217,6	(14,4)	(10,7)	1.664	1.523	(8,5)	405,5	316,7	332,4	(21,9)	(18,0)
MG	157,2	150,0	155,0	(4,6)	(1,4)	1.261	1.208	(4,2)	198,3	181,3	187,1	(8,6)	(5,6)
ES	6,1	6,1	6,1	-	-	970	1.005	3,6	5,9	6,1	6,1	3,4	3,4
RJ	0,4	0,5	0,5	25,0	25,0	938	1.028	9,6	0,4	0,5	0,5	25,0	25,0
SP	80,0	52,0	56,0	(35,0)	(30,0)	2.511	2.476	(1,4)	200,9	128,8	138,7	(35,9)	(31,0)
SUL	292,7	254,4	263,7	(13,1)	(9,9)	1.690	1.782	5,4	494,7	452,8	470,4	(8,5)	(4,9)
PR	199,6	167,8	170,6	(15,9)	(14,5)	1.594	1.743	9,4	318,1	292,6	297,3	(8,0)	(6,5)
SC	53,6	49,0	52,0	(8,6)	(3,0)	1.883	1.928	2,4	100,9	94,5	100,2	(6,3)	(0,7)
RS	39,5	37,6	41,1	(4,8)	4,1	1.916	1.761	(8,1)	75,7	65,7	72,9	(13,2)	(3,7)
NORTE/NORDESTE	435,5	449,4	465,0	3,2	6,8	437	432	(1,3)	190,4	193,1	201,6	1,4	5,9
CENTRO-SUL	618,1	520,6	546,1	(15,8)	(11,6)	1.765	1.728	(2,1)	1.091,2	897,6	945,2	(17,7)	(13,4)
BRASIL	1.053,6	970,0	1.011,1	(7,9)	(4,0)	1.216	1.129	(7,1)	1.281,6	1.090,7	1.146,8	(14,9)	(10,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	1,2	1,1	1,2	(8,3)	-	1.900	1.715	(9,7)	2,3	1,9	2,1	(17,4)	(8,7)
DF	1,2	1,1	1,2	(8,0)	-	1.900	1.715	(9,7)	2,3	1,9	2,1	(17,4)	(8,7)
SUDESTE	9,2	8,5	9,3	(7,6)	1,1	900	889	(1,2)	8,3	7,6	8,3	(8,4)	-
MG	6,8	6,0	6,8	(11,8)	-	868	832	(4,1)	5,9	5,0	5,7	(15,3)	(3,4)
ES	2,0	2,0	2,0	-	-	1.000	1.035	3,5	2,0	2,1	2,1	5,0	5,0
RJ	0,4	0,5	0,5	13,9	13,9	938	1.028	9,6	0,4	0,5	0,5	25,0	25,0
SUL	169,8	158,8	162,0	(6,5)	(4,6)	1.694	1.774	4,7	287,6	281,8	287,3	(2,0)	(0,1)
PR	118,7	110,2	110,9	(7,2)	(6,6)	1.670	1.814	8,6	198,2	199,9	201,2	0,9	1,5
SC	21,6	20,0	21,0	(7,4)	(2,8)	1.885	1.930	2,4	40,7	38,6	40,5	(5,2)	(0,5)
RS	29,5	28,6	30,1	(3,1)	2,0	1.650	1.515	(8,2)	48,7	43,3	45,6	(11,1)	(6,4)
NORTE/NORDESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-SUL	180,2	168,4	172,5	(6,5)	(4,3)	1.655	1.727	4,4	298,2	291,3	297,7	(2,3)	(0,2)
BRASIL	180,2	168,4	172,5	(6,5)	(4,3)	1.655	1.727	4,4	298,2	291,3	297,7	(2,3)	(0,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,8	0,7	0,8	(12,5)	-	881	1.015	15,2	0,7	0,7	0,8	-	14,3
TO	0,8	0,7	0,8	(7,6)	1,3	881	1.015	15,2	0,7	0,7	0,8	-	14,3
NORDESTE	43,9	51,0	55,0	16,2	25,3	470	531	13,0	20,6	27,1	29,2	31,6	41,7
BA	43,9	51,0	55,0	16,2	25,3	470	531	13,0	20,6	27,1	29,2	31,6	41,7
CENTRO-OESTE	74,1	53,3	58,5	(28,1)	(21,1)	2.442	2.299	(5,9)	181,0	122,5	134,5	(32,3)	(25,7)
MT	6,2	3,1	5,0	(50,0)	(20,0)	2.342	2.280	(2,6)	14,5	7,1	11,4	(51,0)	(21,4)
MS	0,8	0,8	0,8	-	-	1.650	1.759	6,6	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
GO	56,2	39,3	42,2	(30,0)	(25,0)	2.496	2.373	(4,9)	140,3	93,3	100,1	(33,5)	(28,7)
DF	10,9	10,1	10,5	(7,0)	(4,0)	2.280	2.054	(9,9)	24,9	20,7	21,6	(16,9)	(13,3)
SUDESTE	220,7	186,3	194,2	(15,6)	(12,0)	1.765	1.626	(7,9)	389,6	301,9	316,9	(22,5)	(18,7)
MG	136,6	130,2	134,1	(4,7)	(1,8)	1.353	1.298	(4,1)	184,8	169,0	174,1	(8,5)	(5,8)
ES	4,1	4,1	4,1	-	-	955	990	3,7	3,9	4,1	4,1	5,1	5,1
SP	80,0	52,0	56,0	(35,0)	(30,0)	2.511	2.476	(1,4)	200,9	128,8	138,7	(35,9)	(31,0)
SUL	122,9	95,6	101,7	(22,2)	(17,2)	1.685	1.795	6,5	207,1	170,9	183,1	(17,5)	(11,6)
PR	80,9	57,6	59,7	(28,8)	(26,2)	1.482	1.610	8,6	119,9	92,7	96,1	(22,7)	(19,8)
SC	32,0	29,0	31,0	(9,4)	(3,1)	1.881	1.926	2,4	60,2	55,9	59,7	(7,1)	(0,8)
RS	10,0	9,0	11,0	(10,0)	10,0	2.700	2.483	(8,0)	27,0	22,3	27,3	(17,4)	1,1
NORTE/NORDESTE	44,7	51,7	55,8	15,7	24,8	477	538	12,7	21,3	27,8	30,0	30,5	40,8
CENTRO-SUL	417,7	335,2	354,4	(19,8)	(15,2)	1.862	1.783	(4,2)	777,7	595,3	634,5	(23,5)	(18,4)
BRASIL	462,4	386,9	410,2	(16,3)	(11,3)	1.728	1.615	(6,5)	799,0	623,1	664,5	(22,0)	(16,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18 (a)	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18 (d)	Safra 18/19 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 17/18 (f)	Safra 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	5,1	4,8	5,3	(5,9)	3,9	584	669	14,6	3,0	3,2	3,5	6,7	16,7
TO	5,1	4,8	5,3	(5,2)	3,5	584	669	14,6	3,0	3,2	3,5	6,7	16,7
NORDESTE	385,7	392,9	403,9	1,9	4,7	431	414	(3,8)	166,1	162,1	168,0	(2,4)	1,1
MA	37,6	37,6	37,6	-	-	575	547	(4,9)	21,6	20,6	20,6	(4,6)	(4,6)
PI	235,3	235,3	235,3	-	-	385	326	(15,3)	90,6	76,7	76,7	(15,3)	(15,3)
BA	112,8	120,0	131,0	6,4	16,1	478	540	13,0	53,9	64,8	70,7	20,2	31,2
CENTRO-OESTE	6,4	3,2	5,1	(50,0)	(20,3)	1.200	1.152	(4,0)	7,7	3,7	5,9	(51,9)	(23,4)
MT	6,4	3,2	5,1	(50,0)	(20,0)	1.200	1.152	(4,0)	7,7	3,7	5,9	(51,9)	(23,4)
SUDESTE	13,8	13,8	14,1	-	2,2	548	526	(4,0)	7,6	7,3	7,4	(3,9)	(2,6)
MG	13,8	13,8	14,1	-	2,2	548	526	(4,0)	7,6	7,3	7,4	(3,9)	(2,6)
NORTE/NORDESTE	390,8	397,7	409,2	1,8	4,7	433	417	(3,5)	169,1	165,3	171,5	(2,2)	1,4
CENTRO-SUL	20,2	17,0	19,2	(15,8)	(5,0)	755	670	(11,3)	15,3	11,0	13,3	(28,1)	(13,1)
BRASIL	411,0	414,7	428,4	0,9	4,2	449	428	(4,5)	184,4	176,3	184,8	(4,4)	0,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	43,6	43,6	43,6	-	-	725	932	28,5	31,7	40,6	40,6	28,1	28,1
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	605	607	0,3	4,6	4,6	4,6	-	-
AM	3,3	3,3	3,3	-	-	900	1.030	14,4	3,0	3,4	3,4	13,3	13,3
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
TO	21,9	21,9	21,9	-	-	665	1.057	58,9	14,6	23,1	23,1	58,2	58,2
NORDESTE	807,0	807,0	807,0	-	-	410	391	(4,7)	330,6	315,3	315,3	(4,6)	(4,6)
MA	51,5	51,5	51,5	-	-	711	617	(13,2)	36,6	31,8	31,8	(13,1)	(13,1)
PI	5,4	5,4	5,4	-	-	545	639	17,2	2,9	3,5	3,5	20,7	20,7
CE	404,4	404,4	404,4	-	-	291	298	2,1	117,9	120,3	120,3	2,0	2,0
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	108,8	108,8	108,8	-	-	431	362	(16,1)	46,9	39,4	39,4	(16,0)	(16,0)
PE	131,8	131,8	131,8	-	-	304	319	4,8	40,1	42,0	42,0	4,7	4,7
BA	60,0	60,0	60,0	-	-	1.150	1.007	(12,5)	69,0	60,4	60,4	(12,5)	(12,5)
CENTRO-OESTE	309,6	309,6	309,6	-	-	1.149	1.262	9,8	355,7	390,7	390,7	9,8	9,8
MT	242,4	242,4	242,4	-	-	1.100	1.167	6,0	266,7	282,8	282,8	6,0	6,0
MS	26,0	26,0	26,0	-	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	39,3	16,3	16,3
GO	40,1	40,1	40,1	-	-	1.333	1.653	24,1	53,4	66,3	66,3	24,2	24,2
DF	1,1	1,1	1,1	-	-	1.668	2.057	23,3	1,8	2,3	2,3	27,8	27,8
SUDESTE	138,6	138,6	138,6	-	-	1.245	1.329	6,8	172,7	184,2	184,2	6,7	6,7
MG	116,2	116,2	116,2	-	-	1.205	1.298	7,7	140,1	150,8	150,8	7,6	7,6
ES	8,6	8,6	8,6	-	-	924	1.013	9,6	8,0	8,7	8,7	8,7	8,7
RJ	0,8	0,8	0,8	-	-	855	978	14,4	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
SP	13,0	13,0	13,0	-	-	1.836	1.841	0,3	23,9	23,9	23,9	-	-
SUL	233,9	233,9	233,9	-	-	1.391	1.534	10,3	325,3	358,8	358,8	10,3	10,3
PR	197,3	197,3	197,3	-	-	1.353	1.525	12,7	266,9	300,9	300,9	12,7	12,7
SC	17,3	17,3	17,3	-	-	1.533	1.566	2,2	26,5	27,1	27,1	2,3	2,3
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	30,8	(3,4)	(3,4)
NORTE/NORDESTE	850,6	850,6	850,6	-	-	426	418	(1,8)	362,3	355,9	355,9	(1,8)	(1,8)
CENTRO-SUL	682,1	682,1	682,1	-	-	1.252	1.369	9,4	853,7	933,7	933,7	9,4	9,4
BRASIL	1.532,7	1.532,7	1.532,7	-	-	793	841	6,0	1.216,0	1.289,6	1.289,6	6,1	6,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	1,8	1,8	1,8	-	-	434	375	(13,6)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
PB	1,8	1,8	1,8	-	-	434	375	(13,6)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	1.850	2.290	23,8	0,2	0,2	0,2	-	-
DF	0,1	0,1	0,1	-	-	1.850	2.290	23,8	0,2	0,2	0,2	-	-
SUDESTE	9,7	9,7	9,7	-	-	814	896	10,1	8,0	8,7	8,7	8,8	8,8
MG	6,4	6,4	6,4	-	-	838	920	9,8	5,4	5,9	5,9	9,3	9,3
ES	2,5	2,5	2,5	-	-	740	810	9,5	1,9	2,0	2,0	5,3	5,3
RJ	0,8	0,8	0,8	-	-	855	978	14,4	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
SUL	119,8	119,8	119,8	-	-	1.427	1.553	8,8	170,9	186,0	186,0	8,8	8,8
PR	87,1	87,1	87,1	-	-	1.369	1.550	13,2	119,2	135,0	135,0	13,3	13,3
SC	13,4	13,4	13,4	-	-	1.476	1.505	2,0	19,8	20,2	20,2	2,0	2,0
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	30,8	(3,4)	(3,4)
NORTE/NORDESTE	1,8	1,8	1,8	-	-	434	375	(13,6)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
CENTRO-SUL	129,6	129,6	129,6	-	-	1.381	1.504	8,9	179,1	194,9	194,9	8,8	8,8
BRASIL	131,4	131,4	131,4	-	-	1.368	1.489	8,8	179,9	195,6	195,6	8,7	8,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	21,6	21,6	21,6	-	-	787	841	6,8	17,0	18,1	18,1	6,5	6,5
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	592	594	0,3	3,3	3,3	3,3	-	-
AM	3,3	3,3	3,3	-	-	900	1.030	14,4	3,0	3,4	3,4	13,3	13,3
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
TO	1,9	1,9	1,9	-	-	641	1.020	59,1	1,2	1,9	1,9	58,3	58,3
NORDESTE	45,7	45,7	45,7	-	-	882	801	(9,1)	40,3	36,6	36,6	(9,2)	(9,2)
CE	4,2	4,2	4,2	-	-	526	540	2,7	2,2	2,3	2,3	4,5	4,5
PB	26,1	26,1	26,1	-	-	457	385	(15,8)	11,9	10,0	10,0	(16,0)	(16,0)
PE	5,4	5,4	5,4	-	-	400	425	6,3	2,2	2,3	2,3	4,5	4,5
BA	10,0	10,0	10,0	-	-	2.400	2.200	(8,3)	24,0	22,0	22,0	(8,3)	(8,3)
CENTRO-OESTE	67,8	67,8	67,8	-	-	1.534	1.769	15,3	104,0	120,0	120,0	15,4	15,4
MT	22,3	22,3	22,3	-	-	1.667	1.775	6,5	37,2	39,6	39,6	6,5	6,5
MS	26,0	26,0	26,0	-	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	39,3	16,3	16,3
GO	19,0	19,0	19,0	-	-	1.680	2.090	24,4	31,9	39,7	39,7	24,5	24,5
DF	0,5	0,5	0,5	-	-	2.200	2.717	23,5	1,1	1,4	1,4	27,3	27,3
SUDESTE	128,8	128,8	128,8	-	-	1.271	1.362	7,2	164,6	175,4	175,4	6,6	6,6
MG	109,7	109,7	109,7	-	-	1.227	1.320	7,6	134,6	144,8	144,8	7,6	7,6
ES	6,1	6,1	6,1	-	-	1.000	1.096	9,6	6,1	6,7	6,7	9,8	9,8
SP	13,0	13,0	13,0	-	-	1.836	1.841	0,3	23,9	23,9	23,9	-	-
SUL	114,1	114,1	114,1	-	-	1.353	1.514	11,9	154,4	172,8	172,8	11,9	11,9
PR	110,2	110,2	110,2	-	-	1.340	1.505	12,3	147,7	165,9	165,9	12,3	12,3
SC	3,9	3,9	3,9	-	-	1.728	1.775	2,7	6,7	6,9	6,9	3,0	3,0
NORTE/NORDESTE	67,3	67,3	67,3	-	-	851	814	(4,4)	57,3	54,7	54,7	(4,5)	(4,5)
CENTRO-SUL	310,7	310,7	310,7	-	-	1.358	1.507	10,9	423,0	468,2	468,2	10,7	10,7
BRASIL	378,0	378,0	378,0	-	-	1.268	1.383	9,1	480,3	522,9	522,9	8,9	8,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18 (a)	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	22,0	22,0	22,0	-	-	665	1.022	53,8	14,6	22,5	22,5	54,1	54,1
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	643	645	0,3	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	20,0	20,0	20,0	-	-	667	1.060	58,9	13,3	21,2	21,2	59,4	59,4
NORDESTE	759,5	759,5	759,5	-	-	381	366	(4,1)	289,5	278,0	278,0	(4,0)	(4,0)
MA	51,5	51,5	51,5	-	-	711	617	(13,2)	36,6	31,8	31,8	(13,1)	(13,1)
PI	5,4	5,4	5,4	-	-	545	639	17,2	2,9	3,5	3,5	20,7	20,7
CE	400,2	400,2	400,2	-	-	289	295	2,1	115,7	118,1	118,1	2,1	2,1
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	80,9	80,9	80,9	-	-	423	354	(16,3)	34,2	28,6	28,6	(16,4)	(16,4)
PE	126,4	126,4	126,4	-	-	300	314	4,7	37,9	39,7	39,7	4,7	4,7
BA	50,0	50,0	50,0	-	-	900	768	(14,7)	45,0	38,4	38,4	(14,7)	(14,7)
CENTRO-OESTE	241,7	241,7	241,7	-	-	950	1.119	17,8	251,7	270,5	270,5	7,5	7,5
MT	220,1	220,1	220,1	-	-	1.043	1.105	5,9	229,6	243,2	243,2	5,9	5,9
GO	21,1	21,1	21,1	-	-	1.020	1.260	23,5	21,5	26,6	26,6	23,7	23,7
DF	0,5	0,5	0,5	-	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	0,7	16,7	16,7
SUDESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	995	1.075	8,0	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,1	0,1	0,1	-	-	995	1.075	8,0	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NORDESTE	781,5	781,5	781,5	-	-	389	384	(1,3)	304,1	300,5	300,5	(1,2)	(1,2)
CENTRO-SUL	241,8	241,8	241,8	-	-	950	1.119	17,8	251,8	270,6	270,6	7,5	7,5
BRASIL	1.023,3	1.023,3	1.023,3	-	-	522	558	6,9	555,9	571,1	571,1	2,7	2,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18 (a)	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	48,6	48,6	48,6	-	-	881	956	8,4	42,9	46,4	46,4	8,2	8,2
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	34,5	34,5	34,5	-	-	778	737	(5,3)	26,9	25,4	25,4	(5,6)	(5,6)
TO	11,7	11,7	11,7	-	-	1.233	1.661	34,7	14,4	19,4	19,4	34,7	34,7
NORDESTE	368,4	368,4	368,4	-	-	336	649	93,2	123,8	239,1	239,1	93,1	93,1
PE	113,9	113,9	113,9	-	-	562	556	(1,1)	64,1	63,3	63,3	(1,2)	(1,2)
AL	33,0	33,0	33,0	-	-	441	486	10,0	14,6	16,0	16,0	9,6	9,6
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	211,5	211,5	211,5	-	-	208	722	247,6	43,9	152,7	152,7	247,8	247,8
CENTRO-OESTE	91,8	91,8	91,8	-	-	2.666	2.705	1,5	244,7	248,4	248,4	1,5	1,5
MT	29,0	29,0	29,0	-	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	67,1	7,7	7,7
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.900	2.876	(0,8)	174,0	172,6	172,6	(0,8)	(0,8)
DF	2,8	2,8	2,8	-	-	2.992	3.106	3,8	8,4	8,7	8,7	3,6	3,6
SUDESTE	78,0	78,0	78,0	-	-	2.627	2.591	(1,4)	204,9	202,1	202,1	(1,4)	(1,4)
MG	65,8	65,8	65,8	-	-	2.663	2.626	(1,4)	175,2	172,8	172,8	(1,4)	(1,4)
SP	12,2	12,2	12,2	-	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	29,3	(1,3)	(1,3)
SUL	2,2	2,2	2,2	-	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	2,1	(12,5)	(12,5)
PR	2,2	2,2	2,2	-	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	2,1	(12,5)	(12,5)
NORTE/NORDESTE	417,0	417,0	417,0	-	-	400	685	71,4	166,7	285,5	285,5	71,3	71,3
CENTRO-SUL	172,0	172,0	172,0	-	-	2.628	2.631	0,1	452,0	452,6	452,6	0,1	0,1
BRASIL	589,0	589,0	589,0	-	-	1.050	1.253	19,3	618,7	738,1	738,1	19,3	19,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	16,7	16,7	16,7	-	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	10,7	(0,9)	(0,9)
PE	16,7	16,7	16,7	-	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	10,7	(0,9)	(0,9)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	2.925	3.036	3,8	0,6	0,6	0,6	-	-
DF	0,2	0,2	0,2	-	-	2.925	3.036	3,8	0,6	0,6	0,6	-	-
SUDESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.117	1.101	(1,4)	0,2	0,2	0,2	-	-
MG	0,2	0,2	0,2	-	-	1.117	1.101	(1,4)	0,2	0,2	0,2	-	-
NORTE/NORDESTE	16,7	16,7	16,7	-	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	10,7	(0,9)	(0,9)
CENTRO-SUL	0,4	0,4	0,4	-	-	2.021	2.069	2,4	0,8	0,8	0,8	-	-
BRASIL	17,1	17,1	17,1	-	-	677	671	(0,8)	11,6	11,5	11,5	(0,9)	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	8,3	8,3	8,3	-	-	802	772	(3,8)	6,7	6,4	6,4	(4,5)	(4,5)
PA	7,6	7,6	7,6	-	-	627	594	(5,3)	4,8	4,5	4,5	(6,3)	(6,3)
TO	0,7	0,7	0,7	-	-	2.700	2.700	-	1,9	1,9	1,9	-	-
NORDESTE	313,6	313,6	313,6	-	-	331	686	107,2	102,6	215,0	215,0	109,6	109,6
PE	75,4	75,4	75,4	-	-	620	613	(1,1)	46,7	46,2	46,2	(1,1)	(1,1)
AL	26,7	26,7	26,7	-	-	450	495	10,0	12,0	13,2	13,2	10,0	10,0
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	201,5	201,5	201,5	-	-	212	737	247,6	42,7	148,5	148,5	247,8	247,8
CENTRO-OESTE	91,6	91,6	91,6	-	-	2.665	2.704	1,5	244,1	247,8	247,8	1,5	1,5
MT	29,0	29,0	29,0	-	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	67,1	7,7	7,7
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.900	2.876	(0,8)	174,0	172,6	172,6	(0,8)	(0,8)
DF	2,6	2,6	2,6	-	-	2.997	3.111	3,8	7,8	8,1	8,1	3,8	3,8
SUDESTE	77,8	77,8	77,8	-	-	2.627	2.595	(1,2)	204,7	201,9	201,9	(1,4)	(1,4)
MG	65,6	65,6	65,6	-	-	2.668	2.631	(1,4)	175,0	172,6	172,6	(1,4)	(1,4)
SP	12,2	12,2	12,2	-	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	29,3	(1,3)	(1,3)
SUL	2,2	2,2	2,2	-	-	1.004	970	(3,4)	2,4	2,1	2,1	(12,5)	(12,5)
PR	2,2	2,2	2,2	-	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	2,1	(12,5)	(12,5)
NORTE/NORDESTE	321,9	321,9	321,9	-	-	343	688	100,5	109,3	221,4	221,4	102,6	102,6
CENTRO-SUL	171,6	171,6	171,6	-	-	2.626	2.632	0,2	451,2	451,8	451,8	0,1	0,1
BRASIL	493,5	493,5	493,5	-	-	1.137	1.364	20,0	560,5	673,2	673,2	20,1	20,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	40,3	40,3	40,3	-	-	898	994	10,7	36,2	40,0	40,0	10,5	10,5
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	26,9	26,9	26,9	-	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	20,9	(5,4)	(5,4)
TO	11,0	11,0	11,0	-	-	1.140	1.595	39,9	12,5	17,5	17,5	40,0	40,0
NORDESTE	38,1	38,1	38,1	-	-	270	353	30,7	10,3	13,5	13,5	31,1	31,1
PE	21,8	21,8	21,8	-	-	300	297	(1,0)	6,5	6,5	6,5	-	-
AL	6,3	6,3	6,3	-	-	405	446	10,1	2,6	2,8	2,8	7,7	7,7
BA	10,0	10,0	10,0	-	-	120	417	247,5	1,2	4,2	4,2	250,0	250,0
NORTE/NORDESTE	78,4	78,4	78,4	-	-	593	682	15,1	46,5	53,5	53,5	15,1	15,1
BRASIL	78,4	78,4	78,4	-	-	593	682	15,1	46,5	53,5	53,5	15,1	15,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	98,1	97,7	98,3	(0,4)	0,2	797	931	16,9	78,3	91,0	91,4	16,2	16,7
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	605	607	0,3	4,6	4,6	4,6	-	-
AM	3,3	3,3	3,3	-	-	900	1.030	14,4	3,0	3,4	3,4	13,3	13,3
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
PA	34,5	34,5	34,5	-	-	778	737	(5,3)	26,9	25,4	25,4	(5,6)	(5,6)
TO	39,5	39,1	39,7	(1,0)	0,5	827	1.186	43,3	32,7	46,5	46,9	42,2	43,4
NORDESTE	1.605,0	1.619,3	1.634,3	0,9	1,8	400	459	15,0	641,1	743,5	751,5	16,0	17,2
MA	89,1	89,1	89,1	-	-	654	587	(10,1)	58,2	52,3	52,3	(10,1)	(10,1)
PI	240,7	240,7	240,7	-	-	389	333	(14,3)	93,5	80,2	80,2	(14,2)	(14,2)
CE	404,4	404,4	404,4	-	-	291	298	2,1	117,9	120,3	120,3	2,0	2,0
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	108,8	108,8	108,8	-	-	431	362	(16,1)	46,9	39,4	39,4	(16,0)	(16,0)
PE	245,7	245,7	245,7	-	-	424	429	1,1	104,1	105,3	105,3	1,2	1,2
AL	33,0	33,0	33,0	-	-	441	486	10,0	14,6	16,0	16,0	9,6	9,6
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	428,2	442,5	457,5	3,3	6,8	438	687	56,8	187,5	305,0	313,0	62,7	66,9
CENTRO-OESTE	483,1	459,0	466,2	(5,0)	(3,5)	1.638	1.674	2,2	791,4	767,0	781,4	(3,1)	(1,3)
MT	284,0	277,7	281,5	(2,2)	(0,9)	1.237	1.301	5,2	351,3	360,6	367,1	2,6	4,5
MS	26,8	26,8	26,8	-	-	1.310	1.518	15,9	35,1	40,7	40,7	16,0	16,0
GO	156,3	139,4	142,3	10,8)	(9,0)	2.353	2.382	1,3	367,7	332,1	339,0	(9,7)	(7,8)
DF	16,0	15,1	15,6	(5,6)	(2,5)	2.334	2.221	(4,9)	37,3	33,6	34,6	(9,9)	(7,2)
SUDESTE	460,3	425,2	434,2	(7,6)	(5,7)	1.701	1.654	(2,7)	783,0	703,0	718,7	(10,2)	(8,2)
MG	339,2	332,0	337,0	(2,1)	(0,6)	1.514	1.518	0,3	513,6	504,9	510,7	(1,7)	(0,6)
ES	14,7	14,7	14,7	-	-	943	1.009	7,0	13,9	14,8	14,8	6,5	6,5
RJ	1,2	1,3	1,3	8,3	8,3	883	997	13,0	1,1	1,3	1,3	18,2	18,2
SP	105,2	77,2	81,2	(26,6)	(22,8)	2.419	2.360	(2,4)	254,4	182,0	191,9	(28,5)	(24,6)
SUL	528,8	490,5	499,8	(7,2)	(5,5)	1.555	1.661	6,8	822,4	813,6	831,3	(1,1)	1,1
PR	399,1	367,3	370,1	(8,0)	(7,3)	1.472	1.622	10,2	587,4	595,6	600,3	1,4	2,2
SC	70,9	66,3	69,3	(6,5)	(2,3)	1.797	1.835	2,1	127,4	121,5	127,3	(4,6)	(0,1)
RS	58,8	56,9	60,4	(3,2)	2,7	1.830	1.707	(6,7)	107,6	96,5	103,7	(10,3)	(3,6)
NORTE/NORDESTE	.703,1	1.717,0	1.732,6	0,8	1,7	422	486	15,1	719,4	834,5	842,9	16,0	17,2
CENTRO-SUL	1.472,2	1.374,7	1.400,2	(6,6)	(4,9)	1.628	1.663	2,2	1.396,8	2.283,6	2.331,4	(4,7)	(2,7)
BRASIL	3.175,3	3.091,7	3.132,8	(2,6)	(1,3)	981	1.011	3,0	3.116,2	3.118,1	3.174,3	0,1	1,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	18,5	18,5	18,5	-	-	624	612	(1,9)	11,6	11,4	11,4	(1,7)	(1,7)
PB	1,8	1,8	1,8	-	-	434	375	(13,6)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
PE	16,7	16,7	16,7	-	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	10,7	(0,9)	(0,9)
CENTRO-OESTE	1,5	1,4	1,5	(6,7)	-	2.033	1.937	(4,7)	3,1	2,7	2,9	(12,9)	(6,5)
DF	1,5	1,4	1,5	(6,7)	-	2.033	1.937	(4,7)	3,1	2,7	2,9	(12,9)	(6,5)
SUDESTE	19,1	18,4	19,2	(3,7)	0,5	859	895	4,2	16,5	16,5	17,2	-	4,2
MG	13,4	12,6	13,4	(6,0)	-	857	879	2,6	11,5	11,1	11,8	(3,5)	2,6
ES	4,5	4,5	4,5	-	-	856	910	6,4	3,9	4,1	4,1	5,1	5,1
RJ	1,2	1,3	1,3	8,3	8,3	883	997	13,0	1,1	1,3	1,3	18,2	18,2
SUL	289,6	278,6	281,8	(3,8)	(2,7)	1.583	1.679	6,1	458,5	467,8	473,3	2,0	3,2
PR	205,8	197,3	198,0	(4,1)	(3,8)	1.543	1.698	10,1	317,4	334,9	336,2	5,5	5,9
SC	35,0	33,4	34,4	(4,6)	(1,7)	1.728	1.762	1,9	60,5	58,8	60,7	(2,8)	0,3
RS	48,8	47,9	49,4	(1,8)	1,2	1.652	1.548	(6,3)	80,6	74,1	76,4	(8,1)	(5,2)
NORTE/NORDESTE	18,5	18,5	18,5	-	-	624	612	(1,9)	11,6	11,4	11,4	(1,7)	(1,7)
CENTRO-SUL	310,2	298,4	302,5	(3,8)	(2,5)	1.541	1.632	5,9	478,1	487,0	493,4	1,9	3,2
BRASIL	328,7	316,9	321,0	(3,6)	(2,3)	1.489	1.572	5,6	489,7	498,4	504,8	1,8	3,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	30,7	30,6	30,7	(0,3)	-	793	826	4,1	24,4	25,2	25,3	3,3	3,7
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	592	594	0,3	3,3	3,3	3,3	-	-
AM	3,3	3,3	3,3	-	-	900	1.030	14,4	3,0	3,4	3,4	13,3	13,3
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
PA	7,6	7,6	7,6	-	-	627	594	(5,3)	4,8	4,5	4,5	(6,3)	(6,3)
TO	3,4	3,3	3,4	(2,9)	-	1.121	1.370	22,2	3,8	4,5	4,6	18,4	21,1
NORDESTE	403,2	410,3	414,3	1,8	2,8	406	679	67,2	163,5	278,7	280,8	70,5	71,7
CE	4,2	4,2	4,2	-	-	526	540	2,7	2,2	2,3	2,3	4,5	4,5
PB	26,1	26,1	26,1	-	-	457	385	(15,8)	11,9	10,0	10,0	(16,0)	(16,0)
PE	80,8	80,8	80,8	-	-	605	600	(0,8)	48,9	48,5	48,5	(0,8)	(0,8)
AL	26,7	26,7	26,7	-	-	450	495	10,0	12,0	13,2	13,2	10,0	10,0
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	255,4	262,5	266,5	2,8	4,3	342	751	119,6	87,3	197,6	199,7	126,3	128,8
CENTRO-OESTE	233,5	212,7	217,9	(8,9)	(6,7)	2.266	2.305	1,7	529,1	490,3	502,3	(7,3)	(5,1)
MT	57,5	54,4	56,3	(5,4)	(2,1)	1.983	2.094	5,6	114,0	113,8	118,1	(0,2)	3,6
MS	26,8	26,8	26,8	-	-	1.310	1.518	15,9	35,1	40,7	40,7	16,0	16,0
GO	135,2	118,3	121,2	(12,5)	(10,4)	2.561	2.580	0,8	346,2	305,6	312,4	(11,7)	(9,8)
DF	14,0	13,2	13,6	(5,7)	(2,9)	2.410	2.284	(5,2)	33,8	30,2	31,1	(10,7)	(8,0)
SUDESTE	427,3	392,9	400,8	(8,1)	(6,2)	1.776	1.730	(2,6)	758,9	679,2	694,2	(10,5)	(8,5)
MG	311,9	305,5	309,4	(2,1)	(0,8)	1.585	1.590	0,3	494,4	486,4	491,5	(1,6)	(0,6)
ES	10,2	10,2	10,2	-	-	982	1.053	7,3	10,0	10,8	10,8	8,0	8,0
SP	105,2	77,2	81,2	(26,6)	(22,8)	2.419	2.360	(2,4)	254,5	182,0	191,9	(28,5)	(24,6)
SUL	239,2	211,9	218,0	(11,4)	(8,9)	1.521	1.637	7,6	363,9	345,8	358,0	(5,0)	(1,6)
PR	193,3	170,0	172,1	(12,1)	(11,0)	1.396	1.534	9,9	270,0	260,7	264,1	(3,4)	(2,2)
SC	35,9	32,9	34,9	(8,4)	(2,8)	1.864	1.909	2,4	66,9	62,8	66,6	(6,1)	(0,4)
RS	10,0	9,0	11,0	(10,0)	10,0	2.700	2.483	(8,0)	27,0	22,3	27,3	(17,4)	1,1
NORTE/NORDESTE	433,9	440,9	445,0	1,6	2,6	433	689	59,0	187,9	303,9	306,1	61,7	62,9
CENTRO-SUL	900,0	817,5	836,7	(9,2)	(7,0)	1.835	1.855	1,1	1.651,9	1.515,3	1.554,5	(8,3)	(5,9)
BRASIL	1.333,9	1.258,4	1.281,7	(5,7)	(3,9)	1.379	1.449	5,0	1.839,8	1.819,2	1.860,6	(1,1)	1,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	67,4	67,1	67,6	(0,4)	0,3	798	979	22,6	53,8	65,7	66,0	22,1	22,7
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	643	645	0,3	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	26,9	26,9	26,9	-	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	20,9	(5,4)	(5,4)
TO	36,1	35,8	36,3	(0,8)	0,6	799	1.168	46,2	28,8	41,9	42,2	45,5	46,5
NORDESTE	1.183,3	1.190,5	1.201,5	0,6	1,5	394	382	(3,1)	465,9	453,6	459,5	(2,6)	(1,4)
MA	89,1	89,1	89,1	-	-	654	587	(10,1)	58,2	52,4	52,4	(10,0)	(10,0)
PI	240,7	240,7	240,7	-	-	389	333	(14,3)	93,5	80,2	80,2	(14,2)	(14,2)
CE	400,2	400,2	400,2	-	-	289	295	2,1	115,7	118,1	118,1	2,1	2,1
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	80,9	80,9	80,9	-	-	423	354	(16,3)	34,2	28,6	28,6	(16,4)	(16,4)
PE	148,2	148,2	148,2	-	-	300	311	3,8	44,4	46,2	46,2	4,1	4,1
AL	6,3	6,3	6,3	-	-	405	446	10,1	2,6	2,8	2,8	7,7	7,7
BA	172,8	180,0	191,0	4,2	10,5	579	595	2,7	100,1	107,4	113,3	7,3	13,2
CENTRO-OESTE	248,1	244,9	246,8	(1,3)	(0,5)	1.045	1.120	7,1	259,4	274,2	276,4	5,7	6,6
MT	226,5	223,3	225,2	(1,4)	(0,6)	1.047	1.106	5,6	237,3	246,9	249,1	4,0	5,0
GO	21,1	21,1	21,1	-	-	1.020	1.260	23,5	21,5	26,6	26,6	23,7	23,7
DF	0,5	0,5	0,5	-	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	0,7	16,7	16,7
SUDESTE	13,9	13,9	14,2	-	2,2	551	530	(3,9)	7,7	7,4	7,5	(3,9)	(2,6)
MG	13,9	13,9	14,2	-	2,2	551	530	(3,9)	7,7	7,4	7,5	(3,9)	(2,6)
NORTE/NORDESTE	1.250,7	1.257,6	1.269,1	0,6	1,5	416	413	(0,5)	519,7	519,3	525,5	(0,1)	1,1
CENTRO-SUL	262,0	258,8	261,0	(1,2)	(0,4)	1.019	1.088	6,7	267,1	281,6	283,9	5,4	6,3
BRASIL	1.512,7	1.516,4	1.530,1	0,2	1,2	520	528	1,6	786,8	800,9	809,4	1,8	2,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.1.5. GIRASSOL

Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Girassol

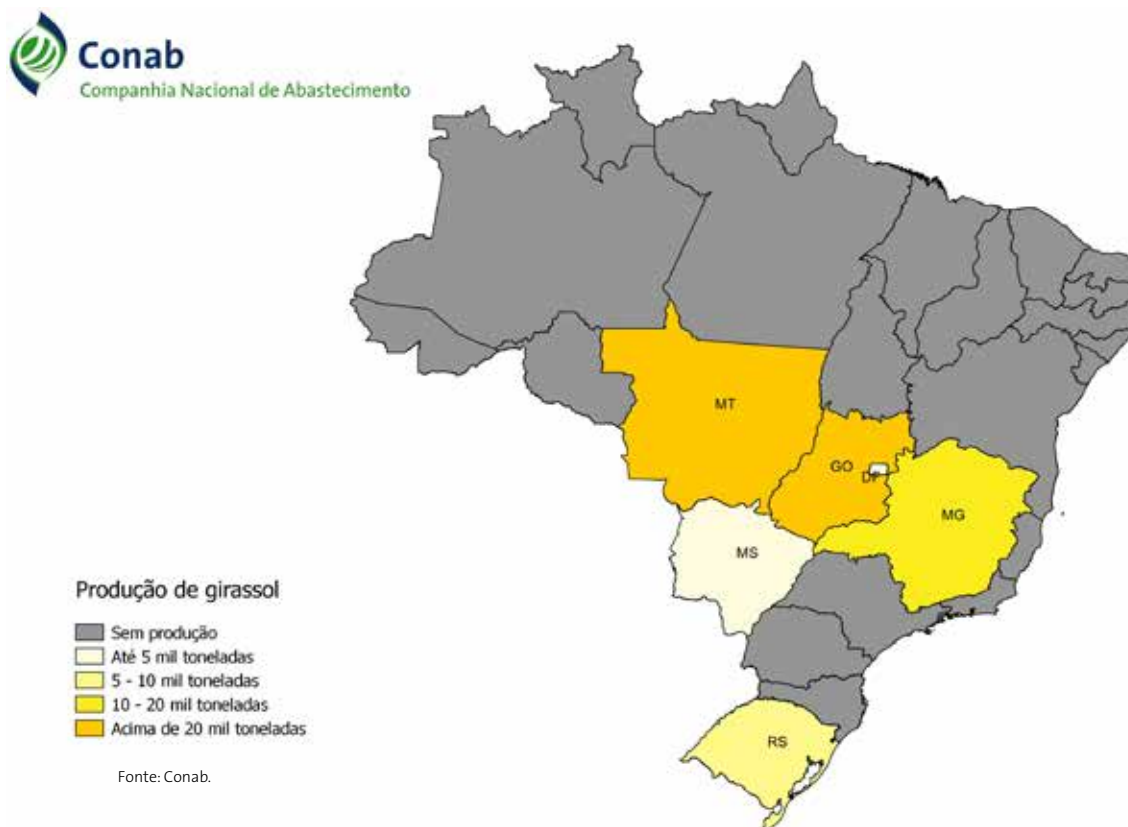


Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	84,1	84,1	84,1	-	-	1.526	1.614	5,8	128,3	135,7	135,7	5,8	5,8
MT	60,5	60,5	60,5	-	-	1.685	1.633	(3,1)	101,9	98,8	98,8	(3,0)	(3,0)
MS	0,7	0,7	0,7	-	-	1.100	1.582	43,8	0,8	1,1	1,1	37,5	37,5
GO	22,2	22,2	22,2	-	-	1.080	1.541	42,7	24,0	34,2	34,2	42,5	42,5
DF	0,7	0,7	0,7	-	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	1,6	-	-
SUDESTE	8,1	8,1	8,1	-	-	1.052	1.326	26,0	8,5	10,7	10,7	25,9	25,9
MG	8,1	8,1	8,1	-	-	1.052	1.326	26,0	8,5	10,7	10,7	25,9	25,9
SUL	3,3	3,1	3,5	(6,1)	6,1	1.626	1.568	(3,6)	5,4	4,9	5,5	(9,3)	1,9
RS	3,3	3,1	3,5	(6,1)	6,1	1.626	1.568	(3,6)	5,4	4,9	5,5	(9,3)	1,9
CENTRO-SUL	95,5	95,3	95,7	(0,2)	0,2	1.489	1.588	6,6	142,2	151,3	151,9	6,4	6,8
BRASIL	95,5	95,3	95,7	(0,2)	0,2	1.489	1.588	6,6	142,2	151,3	151,9	6,4	6,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2018/19, de mamona, é de incremento de área plantada, que nessa segunda intenção vem apresentar um intervalo variando de 50,3 a 56,6%, comparada com o plantio da safra anterior, que foi de 31,8 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 43 a 45 mil hectares. Podendo ocorrer variação entre 59,3% e 66,7% na área em relação à safra anterior. Com o rendimento médio estimado em 557 kg/ha (9,2 scs/ha) espera-se a produção entre 24 e 25,1 mil toneladas de grãos de mamona.

A mamoneira é cultivada no sistema solteiro (monocultivo) ou consorciado com feijão caupi, em sistema de produção semiperene, podendo-se encontrar lavouras em diferentes estágios vegetativos, condu-

zidos por médio e pequenos produtores, com pouco aporte de insumos, em regime de sequeiro ou irrigado com gotejamento. As áreas produtivas estão localizadas exclusivamente no Centro-Norte e seguindo a tendência de expansão agrícola da cultura dos feijões, estimando-se um aumento de até 66,7% em relação à área cultivada na última safra. O crescimento do cultivo das lavouras de mamona não foi maior devido a limitações de mercado, que vem registrando redução na demanda da oleaginosa.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona está em plena extinção no estado. Até o momento não há relatos de área plantada. Estima-se um intervalo de 0 a 100 hectares, caso as condições favoráveis de umidade no solo sejam fator motivador para o plantio nos próximos meses.



Figura 13 – Mapa da produção agrícola - Mamona

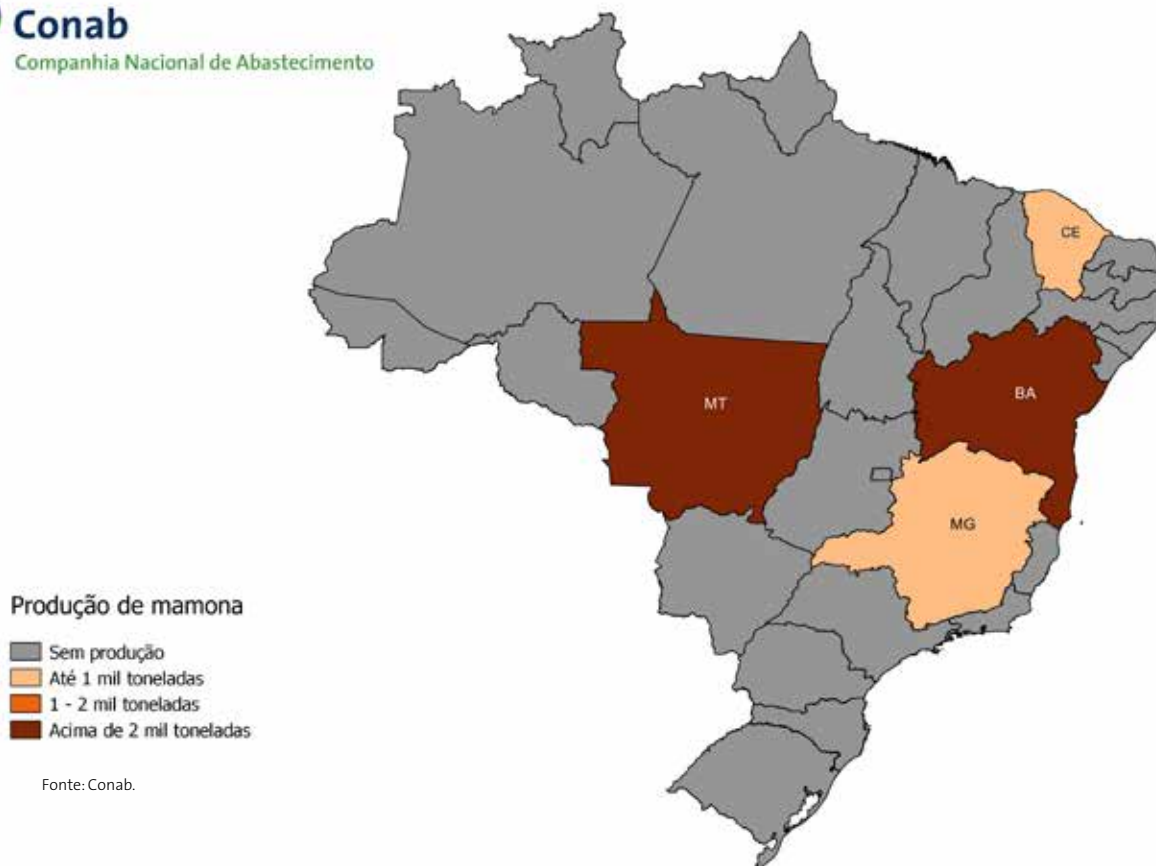


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	29,0	45,0	47,0	55,2	62,1	606	544	(10,2)	17,5	24,5	25,6	40,0	46,3
CE	2,0	2,0	2,0	-	-	262	257	(1,9)	0,5	0,5	0,5	-	-
BA	27,0	43,0	45,0	59,3	66,7	631	557	(11,7)	17,0	24,0	25,1	41,2	47,6
CENTRO-OESTE	2,7	2,7	2,7	-	-	900	450	(50,0)	2,4	2,4	2,4	-	-
MT	2,7	2,7	2,7	-	-	900	900	-	2,4	2,4	2,4	-	-
SUDESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	896	841	(6,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,1	0,1	0,1	-	-	896	841	(6,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NORDESTE	29,0	45,0	47,0	55,2	62,1	606	544	(10,2)	17,5	24,5	25,6	40,0	46,3
CENTRO-SUL	2,8	2,8	2,8	-	-	900	898	(0,2)	2,5	2,5	2,5	-	-
BRASIL	31,8	47,8	49,8	50,3	56,6	631	564	(10,6)	20,0	27,0	28,1	35,0	40,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.7. MILHO

10.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

O cultivo do milho primeira safra concorre com a soja, resultando em área plantada inferior quando comparada à segunda safra. Contudo, tem-se observado para esta temporada uma tendência de aumento na área plantada, entre 0,5 e 3,5% em relação à safra passada. O acompanhamento da evolução de áreas semeadas e as condições de desenvolvimento do milho primeira safra em cada estado são descritas a seguir.

Em Rondônia, o cultivo de milho primeira safra é de pequeno produtor rural familiar, para alimentação animal. A expectativa é de manutenção de área em relação à safra passada.

No Acre, o plantio já foi iniciado. Há a expectativa de manutenção da área plantada de milho primeira safra em relação à safra passada.

Em Tocantins, a expectativa é de redução da área de milho de primeira safra. Os baixos preços praticados atualmente no mercado e os estoques do grão não estimulam os produtores ao plantio dessa lavoura. A dificuldade de comercialização do milho e o início antecipado das chuvas têm contribuído para a migração ao plantio da soja.

No Maranhão, a perspectiva é de aumento de área plantada, cujo nível tecnológico é alto. Há otimismo com relação ao preço da saca do grão, já que a tendência é de aumento do volume de exportação. Outro fator para o aumento de área de milho no estado se deve à intenção do pequeno produtor produzir o milho em substituição ao arroz, pela facilidade de comercialização e uso para alimentação animal.

No Piauí, a área de milho deverá apresentar manutenção ou pequeno incremento com relação à safra anterior, variando entre 425,3 mil hectares e 433,8 mil hectares. A expectativa é que o plantio do milho inicie em dezembro.

Na Bahia, há a expectativa de redução de até 5,3% da área cultivada em relação à safra passada, principalmente por pequenos produtores no extremo-oeste. A expectativa de menor disponibilidade de chuva tem levado o produtor a priorizar o cultivo do feijão solteiro ao invés do consórcio com o milho devido à diferença no ciclo da cultura.

Na região centro-sul do estado e no Vale do São Francisco, as lavouras conduzidas por pequenos e médios produtores são destinadas à manutenção das criações e à comercialização dos excedentes. Com as pri-

meiras chuvas registradas em outubro, estima-se que o plantio evolua em 2% da área esperada.

Em Mato Grosso, o mercado interno deve incentivar a semeadura de áreas de milho primeira safra para o atendimento a confinamentos, granjas e outros demandantes internos. A expectativa é de forte incremento em relação ao último ciclo.

Em Mato Grosso do Sul há a expectativa de aumento da área plantada, em razão dos bons preços praticados no mercado interno. Como o milho compete por área com a cultura da soja, o cultivo em primeira safra é bastante reduzido, quando comparado à segunda safra, restringindo a alguns municípios onde produtores semeiam o cereal para consumo próprio e atender consumidores como granjas, confinamentos e pequenas fábricas de rações. Atualmente as lavouras plantadas se encontram em desenvolvimento vegetativo, com condições favoráveis de umidade e luminosidade.

Em Goiás, o plantio de milho primeira safra está em andamento. Observa-se aumento de área nas regiões sul e centro do estado, que abastecem as granjas de aves e suínos. Na região leste cerca de 50% das áreas de milho já foram semeadas.

Figura 14 - Lavoura de milho, em Chapadão do Céu – GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, estima-se que 70% das áreas foram semeadas e as lavouras se encontram em bom estágio de germinação. A redução na área plantada, comparada com a safra anterior, é reflexo da baixa perspectiva de reação nos preços futuros.

Em Minas Gerais, a expectativa é de aumento na área semeada com milho na primeira safra. Até o momento do levantamento cerca de 45% da área estimada já havia sido semeada.



Figura 15 - Milho no município de Madre de Deus de Minas - MG



Fonte: Conab

Em São Paulo, a redução de área é em razão da preferência pelo cultivo da soja. O milho vem apresentando oscilação nos seus preços ao longo do ano e, diante dessa variável, o produtor optou pela soja. Os produtores também alegam uma quantidade considerável de milho armazenado.

No Paraná, o plantio do milho está quase finalizado, com 90% plantado. O aumento da área de milho ocorreu devido à substituição de áreas de feijão devido aos preços atrativos. O clima, embora bastante chuvoso e temperaturas um pouco baixas, é considerado favorável à cultura, esperando-se uma boa produtividade. No geral, as lavouras estão em boas condições.

Em Santa Catarina, a cultura do milho se encontra com aproximadamente 72% de suas lavouras implantadas. Concentrada na região do extremo-oeste do estado, devido as condições climáticas mais favoráveis, 86% das lavouras estão em estágio vegetativo, 11% em germinação/emergência e 3% em floração.

As lavouras implantadas em setembro suportaram melhor o excesso de umidade, já que se encontravam em desenvolvimento vegetativo mais avançado. O excesso de chuva em outubro dificultou o avanço

do plantio e da germinação. Há registro de replantio pontuais. Mesmo em lavouras contendo tecnologia Bt houve o relato de ataques de pragas, como percevejos e lagartas, em cultivos mais adiantados. Apesar do plantio ainda não ter sido finalizado, observa-se uma tendência de manutenção da área em relação à safra passada. O preço, aliado ao maior risco da cultura em relação à soja, podem ser uma das causas do menor interesse em investir na cultura.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do milho avançou para 70,4% da área prevista para essa safra. A evolução na semeadura e no desenvolvimento ocorre do oeste para o leste do estado é devido, principalmente, das temperaturas serem mais elevadas naquela região. Assim, as regiões da Fronteira Oeste, Missões e Alto Uruguai estão com lavouras implantadas, já se aproximando da fase de florescimento. Mais ao centro do estado, regiões do Alto Jacuí, Produção e Norte, as lavouras estão quase todas implantadas e em desenvolvimento vegetativo. Campos de Cima da Serra, Campanha e Sul, por fim, encontram-se em início de semeadura e estabelecimento da cultura.

As condições de desenvolvimento estão adequadas, tanto para a semeadura e germinação quanto para o desenvolvimento das plantas, mantendo o potencial produtivo da cultura elevado.

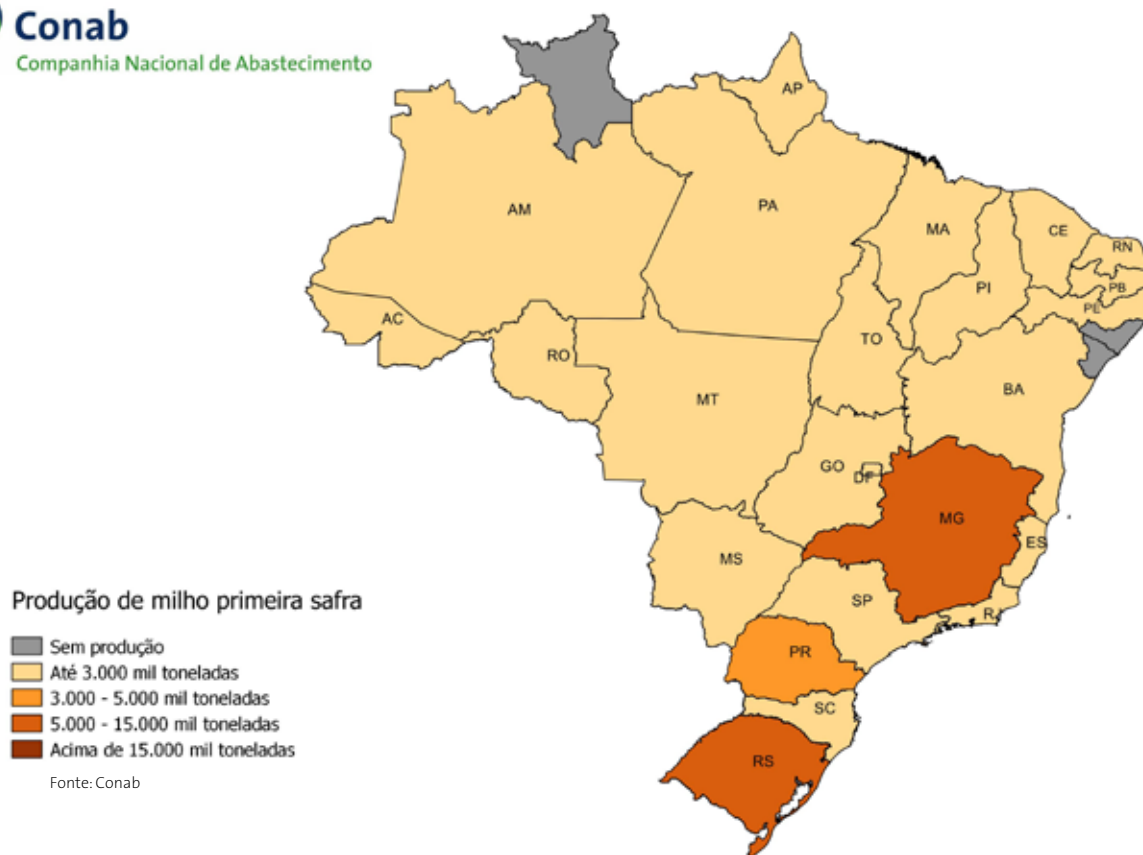
Figura 16 - Milho em desenvolvimento vegetativo, em Santo Augusto - RS



Fonte: Conab



Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Paraibano								PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Agreste Paraibano									P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertão Pernambucano								PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano				PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C					
GO	Leste Goiano				PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C					
	Sul Goiano				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal			PP	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
SC	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	290,9	273,8	283,7	(5,9)	(2,5)	3.302	3.305	0,1	962,0	902,0	940,5	(6,2)	(2,2)
RR	-	-	-	-	-	-	2.225	-	-	-	-	-	-
RO	29,1	29,1	29,1	-	-	2.471	2.496	1,0	71,9	72,6	72,6	1,0	1,0
AC	31,0	31,0	31,0	-	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	79,0	(2,6)	(2,6)
AM	8,1	8,1	8,1	-	-	2.560	2.507	(2,1)	20,7	20,3	20,3	(2,1)	(2,1)
AP	1,6	1,6	1,6	-	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	1,5	(3,6)	(3,6)
PA	167,9	156,1	161,2	(7,0)	(4,0)	3.286	3.265	(0,6)	551,7	509,7	526,3	(7,6)	(4,6)
TO	53,2	47,9	52,7	(10,0)	(1,0)	4.417	4.568	3,4	235,0	218,8	240,7	(6,9)	2,4
NORDESTE	1.937,2	1.923,2	1.957,7	(0,7)	1,1	2.889	2.374	(17,8)	5.596,0	4.538,2	4.675,8	(18,9)	(16,4)
MA	311,0	317,2	323,4	2,0	4,0	4.854	4.240	(12,6)	1.509,6	1.344,9	1.371,2	(10,9)	(9,2)
PI	425,3	425,3	433,8	-	2,0	3.309	2.490	(24,8)	1.407,3	1.059,0	1.080,2	(24,8)	(23,2)
CE	535,1	535,1	535,1	-	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	359,1	(13,8)	(13,8)
RN	40,9	40,9	40,9	-	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	18,6	(4,0)	(4,0)
PB	108,6	108,6	108,6	-	-	780	513	(34,2)	84,7	55,7	55,7	(34,2)	(34,2)
PE	136,0	136,0	136,0	-	-	485	446	(8,0)	66,0	60,7	60,7	(8,0)	(8,0)
BA	380,3	360,1	379,9	(5,3)	(0,1)	5.503	4.555	(17,2)	2.092,8	1.640,3	1.730,4	(21,6)	(17,3)
CENTRO-OESTE	284,7	339,4	358,6	19,2	26,0	8.012	7.991	(0,3)	2.281,0	2.713,4	2.864,2	19,0	25,6
MT	27,2	32,6	40,8	20,0	50,0	7.331	7.480	2,0	199,4	243,8	305,2	22,3	53,0
MS	15,5	19,4	20,9	25,0	35,0	9.212	9.119	(1,0)	142,8	176,9	190,6	23,9	33,5
GO	214,2	261,3	269,9	22,0	26,0	8.000	7.945	(0,7)	1.713,6	2.076,0	2.144,4	21,2	25,1
DF	27,8	26,1	27,0	(6,0)	(3,0)	8.100	8.298	2,4	225,2	216,6	224,0	(3,8)	(0,5)
SUDESTE	1.191,9	1.189,4	1.229,7	(0,2)	3,2	6.465	6.303	(2,5)	7.706,2	7.495,4	7.751,1	(2,7)	0,6
MG	825,7	837,3	867,0	1,4	5,0	6.535	6.339	(3,0)	5.395,9	5.307,6	5.495,9	(1,6)	1,9
ES	13,4	13,4	13,4	-	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	38,0	(5,4)	(5,4)
RJ	1,0	1,0	1,0	-	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	2,7	(11,8)	(11,8)
SP	351,8	337,7	348,3	(4,0)	(1,0)	6.444	6.358	(1,3)	2.267,0	2.147,1	2.214,5	(5,3)	(2,3)
SUL	1.377,4	1.382,3	1.430,5	0,4	3,9	7.453	7.686	3,1	10.265,7	10.634,7	10.984,4	3,6	7,0
PR	330,0	350,5	352,8	6,2	6,9	8.748	8.620	(1,5)	2.886,8	3.021,3	3.041,1	4,7	5,3
SC	319,0	318,0	320,9	(0,3)	0,6	7.997	7.926	(0,9)	2.551,0	2.520,5	2.543,5	(1,2)	(0,3)
RS	728,4	713,8	756,8	(2,0)	3,9	6.628	7.135	7,6	4.827,8	5.093,0	5.399,8	5,5	11,8
NORTE/NORDESTE	2.228,1	2.197,0	2.241,4	(1,4)	0,6	2.943	2.491	(15,4)	6.558,0	5.440,1	5.616,3	(17,0)	(14,4)
CENTRO-SUL	2.854,0	2.911,1	3.018,8	2,0	5,8	7.096	7.157	0,9	20.252,8	20.843,5	21.599,6	2,9	6,6
BRASIL	5.082,1	5.108,1	5.260,2	0,5	3,5	5.275	5.160	(2,2)	26.810,9	26.283,6	27.215,9	(2,0)	1,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	385,6	385,6	385,6	-	-	3.850	4.350	13,0	1.484,7	1.677,5	1.677,5	13,0	13,0
RR	9,6	9,6	9,6	-	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	47,8	2,5	2,5
RO	149,1	149,1	149,1	-	-	4.497	4.607	2,4	670,5	686,9	686,9	2,4	2,4
PA	69,0	69,0	69,0	-	-	3.403	3.600	5,8	234,8	248,4	248,4	5,8	5,8
TO	157,9	157,9	157,9	-	-	3.374	4.398	30,3	532,8	694,4	694,4	30,3	30,3
NORDESTE	730,8	730,8	730,8	-	-	1.668	2.597	55,7	926,3	1.898,2	1.898,2	104,9	104,9
MA	172,4	172,4	172,4	-	-	2.172	3.300	51,9	374,5	568,9	568,9	51,9	51,9
PI	63,2	63,2	63,2	-	-	1.289	4.409	242,0	81,5	278,6	278,6	242,0	242,0
PE	79,7	79,7	79,7	-	-	600	600	-	47,8	47,8	47,8	-	-
AL	26,2	26,2	26,2	-	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	26,7	(6,6)	(6,6)
SE	158,4	158,4	158,4	-	-	1.212	4.028	232,3	192,0	638,0	638,0	232,3	232,3
BA	230,9	230,9	230,9	-	-	875	1.464	67,3	202,0	338,0	338,0	67,3	67,3
CENTRO-OESTE	7.457,4	7.457,4	7.457,4	-	-	5.271	5.932	12,5	39.170,2	44.239,0	44.239,0	12,9	12,9
MT	4.471,2	4.471,2	4.471,2	-	-	5.860	6.150	4,9	26.201,2	27.497,9	27.497,9	4,9	4,9
MS	1.720,0	1.720,0	1.720,0	-	-	3.685	5.104	38,5	6.338,2	8.778,9	8.778,9	38,5	38,5
GO	1.230,4	1.230,4	1.230,4	-	-	5.200	6.253	20,3	6.398,1	7.693,7	7.693,7	20,3	20,3
DF	35,8	35,8	35,8	-	-	6.500	7.500	15,4	232,7	268,5	268,5	15,4	15,4
SUDESTE	875,0	875,0	875,0	-	-	3.910	4.991	27,6	3.423,2	4.367,0	4.367,0	27,6	27,6
MG	339,4	339,4	339,4	-	-	4.981	5.483	10,1	1.690,6	1.860,9	1.860,9	10,1	10,1
SP	535,6	535,6	535,6	-	-	3.235	4.679	44,6	1.732,7	2.506,1	2.506,1	44,6	44,6
SUL	2.100,9	2.100,9	2.100,9	-	-	4.330	5.499	27,0	8.970,8	11.552,8	11.552,8	28,8	28,8
PR	2.100,9	2.100,9	2.100,9	-	-	4.270	5.499	28,8	8.970,8	11.552,8	11.552,8	28,8	28,8
NORTE/NORDESTE	1.116,4	1.116,4	1.116,4	-	-	2.422	3.203	32,2	2.411,0	3.575,7	3.575,7	48,3	48,3
CENTRO-SUL	10.433,3	10.433,3	10.433,3	-	-	4.967	5.766	16,1	51.564,2	60.158,8	60.158,8	16,7	16,7
BRASIL	11.549,7	11.549,7	11.549,7	-	-	4.721	5.518	16,9	53.975,2	63.734,5	63.734,5	18,1	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.7.3. MILHO TOTAL

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	676,5	659,4	669,3	(2,5)	(1,1)	3.617	3.912	8,2	2.446,7	2.579,5	2.618,1	5,4	7,0
RR	9,6	9,6	9,6	-	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	47,8	2,5	2,5
RO	178,2	178,2	178,2	-	-	4.166	4.262	2,3	742,4	759,5	759,5	2,3	2,3
AC	31,0	31,0	31,0	-	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	79,0	(2,6)	(2,6)
AM	8,1	8,1	8,1	-	-	2.560	2.507	(2,1)	20,7	20,3	20,3	(2,1)	(2,1)
AP	1,6	1,6	1,6	-	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	1,5	(3,6)	(3,6)
PA	236,9	225,1	230,2	(5,0)	(2,8)	3.320	3.367	1,4	786,5	758,1	774,7	(3,6)	(1,5)
TO	211,1	205,8	210,6	(2,5)	(0,2)	3.637	4.439	22,1	767,7	913,3	935,2	19,0	21,8
NORDESTE	2.668,0	2.654,0	2.688,5	(0,5)	0,8	2.445	2.435	(0,4)	6.522,4	6.436,3	6.574,0	(1,3)	0,8
MA	483,4	489,6	495,8	1,3	2,6	3.897	3.911	0,3	1.884,0	1.913,8	1.940,1	1,6	3,0
PI	488,5	488,5	497,0	-	1,7	3.048	2.736	(10,2)	1.488,8	1.337,6	1.358,8	(10,2)	(8,7)
CE	535,1	535,1	535,1	-	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	359,1	(13,8)	(13,8)
RN	40,9	40,9	40,9	-	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	18,6	(4,0)	(4,0)
PB	108,6	108,6	108,6	-	-	780	513	(34,2)	84,7	55,7	55,7	(34,2)	(34,2)
PE	215,7	215,7	215,7	-	-	527	503	(4,7)	113,8	108,5	108,5	(4,7)	(4,7)
AL	26,2	26,2	26,2	-	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	26,7	(6,6)	(6,6)
SE	158,4	158,4	158,4	-	-	1.212	4.028	232,3	192,0	638,0	638,0	232,3	232,3
BA	611,2	591,0	610,8	(3,3)	(0,1)	3.755	3.367	(10,3)	2.294,8	1.978,3	2.068,5	(13,8)	(9,9)
CENTRO-OESTE	7.742,1	7.796,8	7.816,0	0,7	1,0	5.354	6.024	12,5	41.451,2	46.952,3	47.103,1	13,3	13,6
MT	4.498,4	4.503,8	4.512,0	0,1	0,3	5.869	6.161	5,0	26.400,6	27.741,7	27.803,1	5,1	5,3
MS	1.735,5	1.739,4	1.740,9	0,2	0,3	3.734	5.150	37,9	6.481,0	8.955,8	8.969,5	38,2	38,4
GO	1.444,6	1.491,7	1.500,3	3,3	3,9	5.615	6.553	16,7	8.111,7	9.769,7	9.838,0	20,4	21,3
DF	63,6	61,9	62,8	(2,7)	(1,3)	7.199	7.840	8,9	457,9	485,1	492,5	5,9	7,6
SUDESTE	2.066,9	2.064,4	2.104,7	(0,1)	1,8	5.385	5.752	6,8	11.129,4	11.862,4	12.118,1	6,6	8,9
MG	1.165,1	1.176,7	1.206,4	1,0	3,5	6.082	6.095	0,2	7.086,5	7.168,6	7.356,8	1,2	3,8
ES	13,4	13,4	13,4	-	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	38,0	(5,4)	(5,4)
RJ	1,0	1,0	1,0	-	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	2,7	(11,8)	(11,8)
SP	887,4	873,3	883,9	(1,6)	(0,4)	4.507	5.334	18,4	3.999,7	4.653,2	4.720,6	16,3	18,0
SUL	3.478,3	3.483,2	3.531,4	0,1	1,5	5.530	6.376	15,3	19.236,6	22.187,6	22.537,2	15,3	17,2
PR	2.430,9	2.451,4	2.453,7	0,8	0,9	4.878	5.946	21,9	11.857,7	14.574,2	14.594,0	22,9	23,1
SC	319,0	318,0	320,9	(0,3)	0,6	7.997	7.926	(0,9)	2.551,0	2.520,5	2.543,5	(1,2)	(0,3)
RS	728,4	713,8	756,8	(2,0)	3,9	6.628	7.135	7,6	4.827,8	5.093,0	5.399,8	5,5	11,8
NORTE/NORDESTE	3.344,5	3.313,4	3.357,8	(0,9)	0,4	2.682	2.729	1,8	8.969,1	9.015,8	9.192,0	0,5	2,5
CENTRO-SUL	13.287,3	13.344,4	13.452,1	0,4	1,2	5.405	6.074	12,4	71.817,1	81.002,3	81.758,4	12,8	13,8
BRASIL	16.631,8	16.657,8	16.809,9	0,2	1,1	4.857	5.407	11,3	80.786,2	90.018,1	90.950,4	11,4	12,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.1.8. SOJA

A soja, pela sua demanda, é um produto com forte liquidez e reforça a aposta dos produtores no incremento de área para a oleaginosa.

O somatório das expectativas para a temporada 2018/19 indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o intervalo de 0,6% a 2,8% em relação à safra passada, variando de 35.359 mil hectares a 36.125,1 mil hectares.

Em Mato Grosso, outubro apresentou volume de chuvas bastante satisfatório, que tem impulsionado os trabalhos de plantio de soja. O fato proporcionou o adiantamento dos trabalhos de semeadura, que já passam de 80% até o fechamento do mês, enquanto que, no mesmo momento do ano passado, contabilizava-se 40,5%. No Paraná, aproximadamente 59% da área estimada já estava semeada na época do levantamento. Na Bahia, com o início da estação chuvosa esperada para outubro e novembro, foi observado em campo o preparo do solo e a semeadura de soja.



10.1.8.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Na Região Norte-Nordeste, o plantio da oleaginosa iniciou com a chegada das primeiras chuvas. A safra passada ocorreu dentro de um quadro climático bastante favorável, quando comparada com as observadas nas últimas três safras, e esse desempenho tem servido de estímulo ao produtor local, que pretende ampliar a área plantada. Nessa perspectiva, o incremento percentual deverá ser expressivo, variando de 0,6% a 3,1% em relação aos 5.195,2 mil hectares plantados na safra passada.

Em Rondônia, devido ao atraso das chuvas iniciais e também na entrega de fertilizantes, o plantio está mais lento que na safra passada. Até o dia 30 de outubro, a semeadura atingiu 50% da área, estimada entre 333,6 e 343,6 mil hectares, enquanto na safra passada, no mesmo período, o plantio já tinha atingido 55% da área prevista.

Figura 18 - Lavoura de soja, em Pimenteiras do Oeste – TO



Fonte: Conab.

No Pará, a região sudeste já está com preparo de área bem adiantado e no início de dezembro se inicia o plantio. No momento está ocorrendo a aplicação de calcário. A região sul do estado já está com 30% de área semeada, pois já estão ocorrendo precipitações acima de 250 mm de acúmulo nos últimos 30 dias.

Em Tocantins, a cultura apresentará incrementos de área em razão dos bons resultados, tanto financeiros como de produtividade, motivando a abertura de novas áreas, além do uso dessas lavouras para a renovação de pastagens. Essa prática deverá se intensificar nos próximos anos, principalmente, pela atratividade das linhas de crédito oficiais incluídas no projeto de Agricultura de Baixo Carbono (ABC). O incremento de área ocorrerá no intervalo de 998 mil hectares a 1.035,5 mil hectares.

O plantio já foi iniciado em praticamente todas as regiões produtoras do estado. A estimativa é que, no período do levantamento, cerca de 20% da área já tinha sido plantada.

Figura 19 - Soja emergindo, em Porto Nacional - TO



Fonte: Conab.

No Maranhão, o bom volume de chuvas, até o momento do levantamento, condicionou o solo a uma umidade suficiente para o início dos plantios. A estimativa é que 15% da área já foi plantada, no sul do estado.

Há indicativos de aumento da área plantada, variando de 1% a 3% em relação aos 951,5 mil hectares plantados na safra passada.

No Piauí, a área deverá ter um aumento entre 1% e 5% em relação à safra passada. Devido a antecipação do período chuvoso nesta safra, em relação à safra passada, o plantio da soja já teve início em muitas áreas do cerrado piauiense a partir da primeira quinzena de outubro, atingindo até o período do levantamento 12% da área total. Da área plantada, 68% se encontra em germinação e 32% em estágio de desenvolvimento vegetativo.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá situar-se entre 1.599,3 mil hectares e 1.620,1 mil hectares, podendo aumentar em até 1,3% em relação à safra passada.

Em campo foi possível observar o preparo do solo e a semeadura de soja em solo seco, encontrar plantas de soja em fase de emergência de cotilédone e em desenvolvimento vegetativo. Estima-se que foram semeadas 12% da área esperada para a soja.

O cultivo da soja é realizado por grandes e médios produtores, com alto aporte tecnológico e intensa utilização de insumos, ocupando áreas produtivas no extremo-oeste do estado e no Vale do São Francisco, em manejo de sequeiro e irrigadas com pivô central.



10.1.8.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, é esperado incremento no plantio, variando de 1,3% a 3,2% em relação ao exercício anterior, podendo ultrapassar os 16 milhões de hectares plantados.

Em Mato Grosso, o plantio da soja se encontra avançada, impulsionado pelo regime de chuvas favorável à cultura e já contabiliza 81,2% das áreas até o fechamento de outubro. O ritmo é bastante acelerado e, a título de comparação, no mesmo momento da safra passada, 40,5% havia sido semeado.

Estima-se que o aumento de área deverá se situar entre 0,5% e 2,5% em relação ao espaço destinado à cultura na temporada passada, ou seja, a área deverá expandir de 9.518,6 mil hectares, semeados em 2017/18, para área compreendida na faixa de 9.566,2 a 9.756,6 mil hectares para a temporada 2018/19. A continuidade do crescimento da área de soja ocorre mesmo com todos os obstáculos que se impuseram ao início do atual ciclo, tais como: encarecimento dos fretes rodoviários, dólar elevado em detrimento dos custos de produção e dificuldades de ordem logística, o que demonstra a força do agronegócio de Mato Grosso em se manter firme mesmo em cenários de adversidades. No que diz respeito ao mercado, a comercialização da safra 2017/18 é estimada em 96,4%, enquanto que a negociação da produção 2018/19 já atinge 35,3%.

Em Mato Grosso do Sul, a expectativa de aumento de área decorre da aquisição de talhões onde não serão mais cultivadas cana-de-açúcar, além de áreas de pastagem.

As precipitações frequentes no início do plantio atrapalharam a semeadura e outros trabalhos de campo, porém o plantio está adiantado na maioria dos municípios. Até o final de outubro aproximadamente 80% da área total cultivada no estado já havia sido plantada, onde 10% estava em germinação e 90% em desenvolvimento vegetativo. Nos municípios da macrorregião sudoeste de Mato Grosso do Sul ocorreram casos pontuais de necessidade de replantio devido a problemas de encharcamento de solo, chuva de granizo e aprofundamento de sementes, totalizando uma área de aproximadamente mil hectares.

Em relação a pragas e doenças, algumas áreas têm apresentado ataques de bicudo da soja em plântulas e alguns casos de requeima, que prevalece principalmente nos cultivos da oleaginosa quando ocorrem chuvas frequentes após a semeadura, podendo causar a deterioração das sementes e o tombamento das plântulas. Apesar dos poucos danos causados com pragas e doenças, o que tem sido combatido com efi-

ciência, são as plantas invasoras buva e capim amargoso.

Com a elevação da cotação do dólar a partir de abril de 2018, o impacto maior no aumento dos insumos foi causado para aqueles produtores que deixaram para comprar seus insumos próximos do plantio, como também para os pequenos agricultores da agricultura familiar, os quais tiveram que reduzir as quantidades de adubo necessárias.

A tecnologia aplicada ao cultivo se manteve em relação à safra de soja passada, mesmo diante da elevação dos custos dos insumos. As explicações para o fato decorrem de que a soja é a principal cultura do estado, portanto os produtores sempre buscam a melhor tecnologia de cultivo. Além disso, a maioria dos insumos foram adquiridos antes da grande elevação do valor da moeda americana, que ocasionou o encarecimento destes. Quando considerado as operações de barter, o aumento observado no preço da soja compensou os custos elevados dos insumos.

Em Goiás, o plantio iniciou a partir de 1º de outubro, logo após o fim do vazão sanitário. A umidade no solo favoreceu a germinação das sementes bem como as chuvas mais regulares.

Os trabalhos de plantio estão adiantados e devem restar poucas áreas para semear em novembro. As primeiras áreas de soja já estarão prontas para colheita a partir do dia 12 de janeiro.

Figura 20 - Lavoura de soja, em Jataí - GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, a estimativa é de um aumento de 2% a 4% na área, quando comparada à safra passada. No momento do levantamento, a semeadura já ultrapassava 35% da área estimada.



10.1.8.3. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar incremento de 2,2% a 4,2% em relação à safra passada.

Em Minas Gerais, a estimativa inicial para o plantio de soja varia de 1.523,6 mil hectares a 1.553,8 mil hectares, representando incremento de 1% a 3% sobre a safra anterior, motivado principalmente pelas boas perspectivas de mercado e pelos excelentes resultados alcançados na safra 2017/18. No momento do levantamento aproximadamente 40% da área já havia sido

10.1.8.4. REGIÃO SUL

Na Região Sul é esperado um decréscimo de 0,6% a um incremento de 1,7% na área plantada em relação ao observado no exercício anterior.

No Paraná, aproximadamente 59% da área estimada já estava semeada na época do levantamento. Em decorrência das chuvas nas últimas semanas, a cultura que já está implantada se apresenta em ótimo estado, mas o plantio se encontra levemente atrasado.

Em comparação à safra passada, a área plantada praticamente é a mesma, estimada entre 5.453,9 e 5.492,1 mil hectares. Essa estabilidade de área se deve aos bons preços praticados nas últimas safras.

Em Santa Catarina, aproximadamente 18% da área inicialmente prevista para a oleaginosa havia sido implantada até a quarta semana de outubro. Em relação ao mesmo período da safra passada, observa-se um atraso em torno de 10%, resultado das instabilidades climáticas incidentes sobre todas as regiões produtoras catarinenses. As regiões mais avançadas em relação ao plantio são o extremo-oeste, com 24%, e meio-oeste, com 28% das lavouras já implantadas. O planalto norte conta com apenas 3%.

Das lavouras já implantadas, aproximadamente 34%

semeada.

Em São Paulo, a tendência é de crescimento da área plantada com a oleaginosa, avançando principalmente sobre áreas que cultivavam milho, cana-de-açúcar e, em alguns municípios, feijão, tendo como suporte, a forte demanda junto ao mercado chinês, a valorização do dólar, menor custo de produção e a maior liquidez na comercialização. As expectativas de aumento na área plantada apontam para o intervalo de 1.000,1 mil hectares a 1.019,3 mil hectares.

se encontram em fase de germinação/emergência, e o restante (66%) em fase inicial de desenvolvimento vegetativo.

Figura 21 - Lavoura de soja, em São Domingos – SC



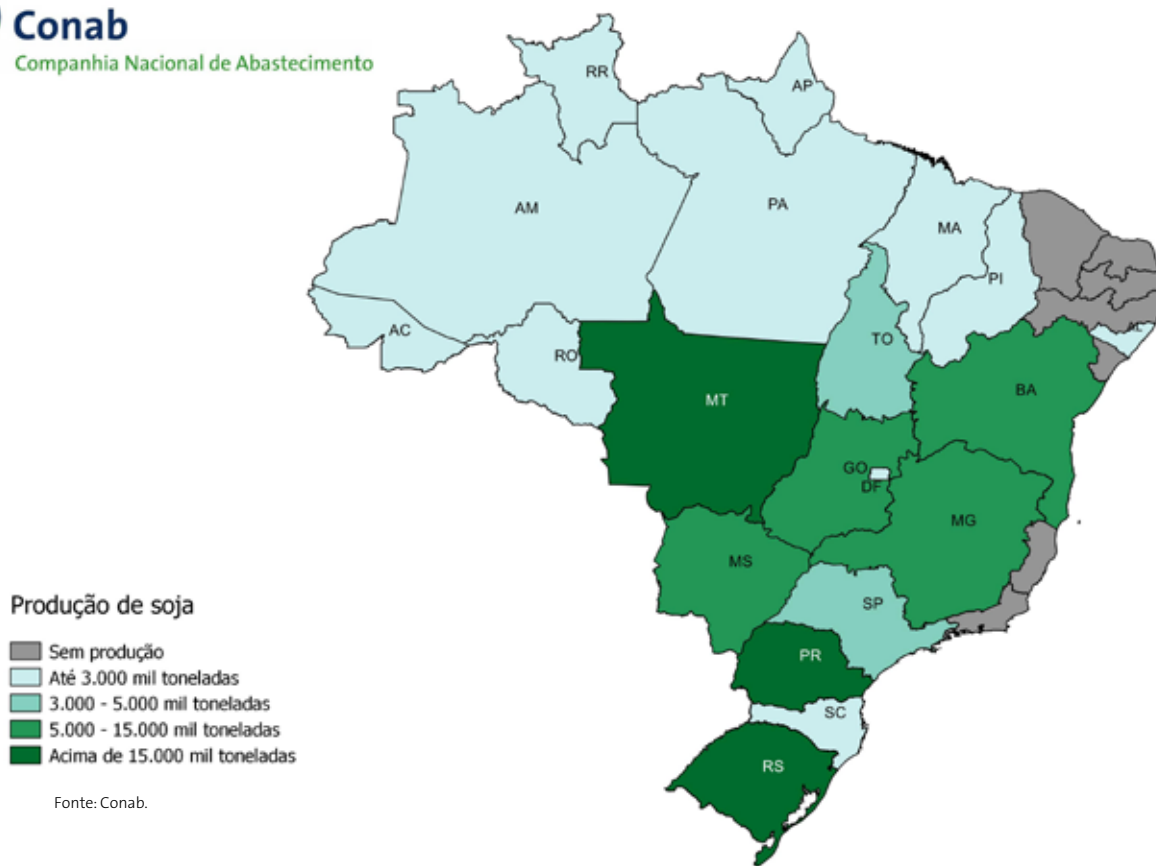
Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul, a semeadura se iniciou em praticamente todo o estado. Na maioria das regiões, o zoneamento inicia na segunda metade de outubro, por isso, a área semeada ainda é pequena, cerca de 10% do total, mas deve evoluir de maneira significativa nos próximos dias, caso sejam mantidas as condições meteorológicas adequadas dos últimos dias, com temperaturas e umidade do solo em níveis adequados.

A estimativa é que a área de soja esteja no intervalo de 5.635,2 a 5.862,9 mil hectares.



Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Soja



Produção de soja

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.931,7	1.948,3	2.012,6	0,9	4,2	3.056	3.107	1,7	5.903,9	6.053,0	6.252,8	2,5	5,9
RR	38,2	38,2	38,2	-	-	3.077	3.073	(0,1)	117,5	117,4	117,4	(0,1)	(0,1)
RO	333,6	333,6	343,6	-	3,0	3.282	3.279	(0,1)	1.094,9	1.093,9	1.126,7	(0,1)	2,9
AC	0,5	0,9	1,0	80,0	100,0	2.938	2.938	-	1,5	2,6	2,9	73,3	93,3
AM	1,5	2,3	2,5	50,0	66,0	2.250	2.250	-	3,4	5,2	5,6	52,9	64,7
AP	20,2	20,2	20,2	-	-	2.884	2.800	(2,9)	58,3	56,6	56,6	(2,9)	(2,9)
PA	549,6	555,1	571,6	1,0	4,0	2.785	3.040	9,2	1.530,6	1.687,5	1.737,7	10,3	13,5
TO	988,1	998,0	1.035,5	1,0	4,8	3.135	3.096	(1,2)	3.097,7	3.089,8	3.205,9	(0,3)	3,5
NORDESTE	3.263,5	3.280,1	3.348,3	0,5	2,6	3.631	3.158	(13,0)	11.850,7	10.359,4	10.573,1	(12,6)	(10,8)
MA	951,5	961,0	980,0	1,0	3,0	3.125	2.990	(4,3)	2.973,4	2.873,4	2.930,2	(3,4)	(1,5)
PI	710,5	717,6	746,0	1,0	5,0	3.573	3.121	(12,7)	2.538,6	2.239,6	2.328,3	(11,8)	(8,3)
AL	2,2	2,2	2,2	-	-	2.500	2.500	-	5,5	5,5	5,5	-	-
BA	1.599,3	1.599,3	1.620,1	-	1,3	3.960	3.277	(17,2)	6.333,2	5.240,9	5.309,1	(17,2)	(16,2)
CENTRO-OESTE	15.648,8	15.845,7	16.155,2	1,3	3,2	3.447	3.324	(3,6)	53.945,4	52.663,7	53.693,4	(2,4)	(0,5)
MT	9.518,6	9.566,2	9.756,6	0,5	2,5	3.394	3.314	(2,4)	32.306,1	31.702,4	32.333,4	(1,9)	0,1
MS	2.672,0	2.752,2	2.819,0	3,0	5,5	3.593	3.380	(5,9)	9.600,5	9.302,4	9.528,2	(3,1)	(0,8)
GO	3.386,7	3.454,4	3.505,2	2,0	3,5	3.480	3.303	(5,1)	11.785,7	11.409,9	11.577,7	(3,2)	(1,8)
DF	71,5	72,9	74,4	2,0	4,0	3.540	3.415	(3,5)	253,1	249,0	254,1	(1,6)	0,4
SUDESTE	2.470,1	2.523,7	2.573,1	2,2	4,2	3.625	3.502	(3,4)	8.955,0	8.837,0	9.010,1	(1,3)	0,6
MG	1.508,5	1.523,6	1.553,8	1,0	3,0	3.676	3.527	(4,1)	5.545,2	5.373,7	5.480,3	(3,1)	(1,2)
SP	961,6	1.000,1	1.019,3	4,0	6,0	3.546	3.463	(2,3)	3.409,8	3.463,3	3.529,8	1,6	3,5
SUL	11.835,1	11.761,2	12.035,9	(0,6)	1,7	3.264	3.303	1,2	38.626,7	38.857,6	39.737,3	0,6	2,9
PR	5.464,8	5.453,9	5.492,1	(0,2)	0,5	3.508	3.443	(1,9)	19.170,5	18.777,8	18.909,3	(2,0)	(1,4)
SC	678,2	672,1	680,9	(0,9)	0,4	3.400	3.440	1,2	2.305,9	2.312,0	2.342,3	0,3	1,6
RS	5.692,1	5.635,2	5.862,9	(1,0)	3,0	3.013	3.153	4,6	17.150,3	17.767,8	18.485,7	3,6	7,8
NORTE/NORDESTE	5.195,2	5.228,4	5.360,9	0,6	3,2	3.417	3.139	(8,2)	17.754,6	16.412,4	16.825,9	(7,6)	(5,2)
CENTRO-SUL	29.954,0	30.130,6	30.764,2	0,6	2,7	3.389	3.330	(1,7)	101.527,1	100.358,3	102.440,8	(1,2)	0,9
BRASIL	35.149,2	35.359,0	36.125,1	0,6	2,8	3.394	3.302	(2,7)	119.281,7	116.770,7	119.266,7	(2,1)	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 33 – Evolução de área entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)								
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	Lim Inf (i)	Lim Sup (j)	(i/h)	(j/h)
NORTE	1.178,9	1.441,2	1.576,3	1.809,0	1.931,8	1.948,3	2.007,1	0,9	3,9
RR	18,0	23,8	24,0	30,0	38,2	38,2	38,2	-	-
RO	191,1	231,5	252,6	296,0	333,6	333,6	343,6	-	3,0
AC	-	-	-	-	0,6	0,9	1,0	50,0	66,7
AM	-	-	-	-	1,5	2,3	2,5	53,3	66,7
AP	-	-	-	18,9	20,2	20,2	20,2	-	-
PA	221,4	336,3	428,9	500,1	549,6	555,1	566,1	1,0	3,0
TO	748,4	849,6	870,8	964,0	988,1	998,0	1.035,5	1,0	4,8
NORDESTE	2.602,2	2.845,3	2.878,2	3.095,8	3.263,5	3.291,2	3.377,1	0,8	3,5
MA	662,2	749,6	786,3	821,7	951,5	970,5	989,6	2,0	4,0
PI	627,3	673,7	565,0	693,8	710,5	717,6	746,0	1,0	5,0
BA	1.312,7	1.422,0	1.526,9	1.580,3	1.599,3	1.600,9	1.639,3	0,1	2,5
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.616,1	14.925,1	15.193,6	15.648,8	15.846,1	16.172,9	1,3	3,3
MT	8.615,7	8.934,5	9.140,0	9.322,8	9.518,6	9.566,2	9.756,6	0,5	2,5
MS	2.120,0	2.300,5	2.430,0	2.522,3	2.672,0	2.752,2	2.819,0	3,0	5,5
GO	3.101,7	3.325,0	3.285,1	3.278,5	3.386,7	3.454,4	3.522,2	2,0	4,0
DF	72,0	56,1	70,0	70,0	71,5	73,3	75,1	2,5	5,0
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	2.326,9	2.351,4	2.470,1	2.504,4	2.553,9	1,4	3,4
MG	1.238,2	1.319,4	1.469,3	1.456,1	1.508,5	1.523,6	1.553,8	1,0	3,0
SP	751,7	796,8	857,6	895,3	961,6	980,8	1.000,1	2,0	4,0
SUL	10.492,7	11.074,1	11.545,4	11.459,6	11.835,1	11.856,3	12.063,2	0,2	1,9
PR	5.010,4	5.224,8	5.451,3	5.249,6	5.464,8	5.492,1	5.519,4	0,5	1,0
SC	542,7	600,1	639,1	640,4	678,2	672,1	680,9	(0,9)	0,4
RS	4.939,6	5.249,2	5.455,0	5.569,6	5.692,1	5.692,1	5.862,9	-	3,0
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.286,5	4.454,5	4.904,8	5.195,3	5.239,5	5.384,2	0,9	3,6
CENTRO-SUL	26.392,0	27.806,4	28.797,4	29.004,6	29.954,0	30.206,8	30.790,0	0,8	2,8
BRASIL	30.173,1	32.092,9	33.251,9	33.909,4	35.149,3	35.446,3	36.174,2	0,8	2,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 34 – Evolução de produtividade entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produtividade (em kg/ha)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(h/g)
NORTE	2.877	2.976	2.423	3.061	3.056	(0,1)
RR	3.120	2.685	3.300	3.000	3.077	2,6
RO	3.180	3.166	3.028	3.143	3.282	4,4
AC	-	-	-	-	2.055	-
AM	-	-	-	-	2.250	-
AP	-	-	-	2.878	2.884	0,2
PA	3.020	3.024	3.003	3.270	2.785	(14,8)
TO	2.751	2.914	1.937	2.932	3.135	6,9
NORDESTE	2.544	2.841	1.774	3.115	3.631	16,6
MA	2.754	2.761	1.590	3.010	3.125	3,8
PI	2.374	2.722	1.143	2.952	3.573	21,0
BA	2.520	2.940	2.103	3.242	3.960	22,1
CENTRO-OESTE	3.005	3.008	2.931	3.301	3.447	4,4
MT	3.069	3.136	2.848	3.273	3.394	3,7
MS	2.900	3.120	2.980	3.400	3.593	5,7
GO	2.900	2.594	3.120	3.300	3.480	5,5
DF	3.000	2.626	3.300	3.450	3.540	2,6
SUDESTE	2.520	2.775	3.255	3.467	3.625	4,6
MG	2.687	2.658	3.220	3.480	3.676	5,6
SP	2.246	2.970	3.316	3.445	3.546	2,9
SUL	2.792	3.071	3.047	3.542	3.264	(7,9)
PR	2.950	3.294	3.090	3.731	3.508	(6,0)
SC	3.030	3.200	3.341	3.580	3.400	(5,0)
RS	2.605	2.835	2.970	3.360	3.013	(10,3)
NORTE/NORDESTE	2.648	2.887	2.004	3.095	3.417	10,4
CENTRO-SUL	2.884	3.016	3.004	3.410	3.389	(0,6)
BRASIL	2.854	2.998	2.870	3.364	3.394	0,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



Tabela 35– Evolução de produção entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produção (em mil toneladas)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(h/g)
NORTE	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.903,6	6,6
RR	56,2	63,9	79,2	90,0	117,5	30,6
RO	607,7	732,9	765,0	930,3	1.094,9	17,7
AC	-	-	-	-	1,2	-
AM	-	-	-	-	3,4	-
AP	-	-	-	54,4	58,3	7,2
PA	668,6	1.017,0	1.288,0	1.635,3	1.530,6	(6,4)
TO	2.058,8	2.475,7	1.686,7	2.826,4	3.097,7	9,6
NORDESTE	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	11.850,7	22,9
MA	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.538,6	23,9
BA	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	6.333,2	23,6
CENTRO-OESTE	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.945,4	7,6
MT	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.600,5	11,9
GO	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	216,0	147,3	231,0	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.955,0	9,9
MG	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.409,8	10,6
SUL	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	17.754,3	17,0
CENTRO-SUL	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	101.527,1	2,7
BRASIL	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.281,4	4,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.1.9. SORGO

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

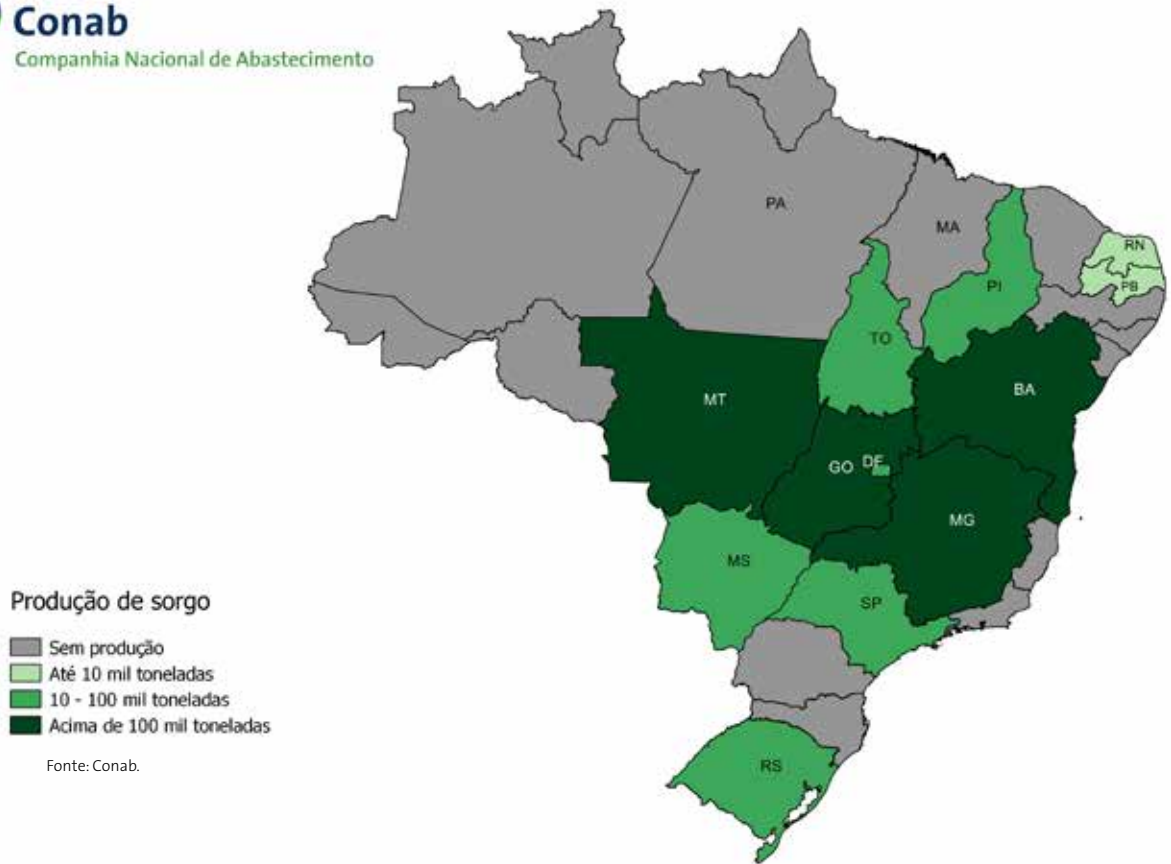


Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	32,7	32,7	32,7	-	-	1.651	1.517	(8,1)	53,9	49,6	49,6	(8,0)	(8,0)
PA	4,1	4,1	4,1	-	-	3.012		(100,0)	12,3	-	-	(100,0)	(100,0)
TO	28,6	28,6	28,6	-	-	1.456	1.735	19,2	41,6	49,6	49,6	19,2	19,2
NORDESTE	224,7	219,6	224,6	(2,3)	-	1.812	617	(65,9)	407,1	134,5	139,7	(67,0)	(65,7)
MA	105,6	105,6	105,6	-	-	2.810		(100,0)	296,7	-	-	(100,0)	(100,0)
PI	16,5	16,5	16,5	-	-	514	1.982	285,6	8,5	32,7	32,7	284,7	284,7
RN	1,3	1,3	1,3	-	-	1.346	1.317	(2,2)	1,7	1,7	1,7	-	-
PB	1,2	1,2	1,2	-	-	1.700	1.549	(8,9)	2,0	1,9	1,9	(5,0)	(5,0)
BA	100,1	95,0	100,0	(5,1)	(0,1)	981	1.034	5,4	98,2	98,2	103,4	-	5,3
CENTRO-OESTE	295,1	295,1	295,1	-	-	3.022	3.295	9,1	891,6	972,3	972,3	9,1	9,1
MT	51,7	51,7	51,7	-	-	2.438	2.542	4,3	126,0	131,4	131,4	4,3	4,3
MS	7,0	7,0	7,0	-	-	3.500	3.046	(13,0)	24,5	21,3	21,3	(13,1)	(13,1)
GO	229,2	229,2	229,2	-	-	3.100	3.436	10,8	710,5	787,5	787,5	10,8	10,8
DF	7,2	7,2	7,2	-	-	4.250	4.461	5,0	30,6	32,1	32,1	4,9	4,9
SUDESTE	220,7	220,7	220,7	-	-	3.436	3.461	0,7	758,2	763,8	763,8	0,7	0,7
MG	210,4	210,4	210,4	-	-	3.483	3.470	(0,4)	732,8	730,1	730,1	(0,4)	(0,4)
SP	10,3	10,3	10,3	-	-	2.470	3.274	32,6	25,4	33,7	33,7	32,7	32,7
SUL	9,0	8,0	10,0	(11,1)	11,1	2.777	2.667	(4,0)	25,0	21,3	26,7	(14,8)	6,8
RS	9,0	8,0	10,0	(11,0)	11,0	2.777	2.667	(4,0)	25,0	21,3	26,7	(14,8)	6,8
NORTE/NORDESTE	257,4	252,3	257,3	(2,0)	-	1.792	733	(59,1)	461,0	184,1	189,3	(60,1)	(58,9)
CENTRO-SUL	524,8	523,8	525,8	(0,2)	0,2	3.192	3.354	5,1	1.674,8	1.757,4	1.762,8	4,9	5,3
BRASIL	782,2	776,1	783,1	(0,8)	0,1	2.731	2.497	(8,6)	2.135,8	1.941,5	1.952,1	(9,1)	(8,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.2. CULTURAS DE INVERNO

A safra 2018, das culturas de inverno, está em fase final, restando praticamente apenas os estados do Sul finalizarem a colheita.

A ocorrência frequente de precipitações em outubro, principalmente na Região Sul, fez com que parte do

trigo que estava sendo colhido apresentasse problemas de qualidade.

A expectativa é que a produção nacional desses grãos seja de 6.845,9 mil toneladas, representando aumento de 30% em relação aos números obtidos em 2017.

10.2.1. AVEIA BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras de aveia que ainda estavam no campo, até a segunda quinzena de setembro e outubro, tiveram problemas com o excesso de chuvas, que atingiu o estado a partir do dia 17 de setembro.

O problema climático dificultou ou até mesmo inviabilizou a colheita de muitas lavouras, de forma que a produtividade média das lavouras plantadas no estado está estimada em apenas 1.000 kg/ha.

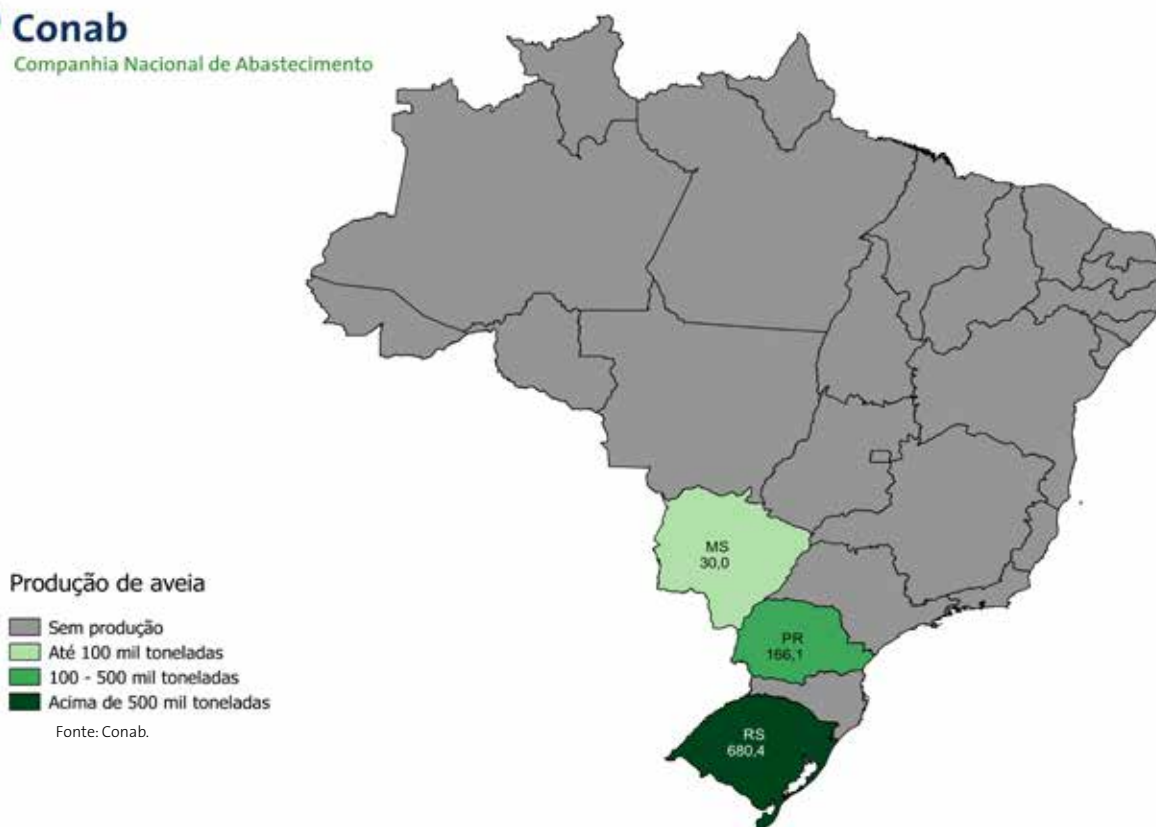
No Paraná, a colheita foi concluída em 68% da área plantada de 79,8 mil hectares e a produtividade é de 2.081 kg/ha. O rendimento, comparado à safra anterior, deve ter uma pequena redução, devido à estiagem no desenvolvimento inicial da planta.

Aproximadamente 63% das lavouras se encontram em boas condições, 29% em médias condições e 8% em condições ruins, reflexo da estiagem no desenvolvimento inicial das plantas.

No Rio Grande do Sul, a colheita da aveia está evoluindo, tendo atingido 60,9% até o momento. As condições de frequentes chuvas no final de setembro e início de outubro proporcionaram uma redução do potencial produtivo da cultura, pela ocorrência de doenças fúngicas e de acamamento. A região de Ijuí, a maior produtora do cereal, foi uma das mais atingidas pelas intempéries e também uma nas quais o potencial foi mais reduzido. Ainda assim, a produtividade média de 2.560 kg/ha nesta safra é 38,5% superior ao verificado na anterior.



Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 6 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	30,0	3,4	1.550	1.000	(35,5)	45,0	30,0	(33,3)
MS	29,0	30,0	3,4	1.550	1.000	(35,5)	45,0	30,0	(33,3)
SUL	311,3	345,6	11,0	1.891	2.449	29,5	588,8	846,5	43,8
PR	63,1	79,8	26,5	2.058	2.081	1,1	129,9	166,1	27,9
RS	248,2	265,8	7,1	1.849	2.560	38,5	458,9	680,4	48,3
CENTRO-SUL	340,3	375,6	10,4	1.862	2.334	25,3	633,8	876,5	38,3
BRASIL	340,3	375,6	10,4	1.862	2.334	25,3	633,8	876,5	38,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.2.2. CANOLA

No Paraná, a área reduziu 84,5% em relação à safra anterior, porque além do único produtor da cultura na região de Jacarezinho ter deixado de cultivar a oleaginosa, a região de Ponta Grossa também não plantou, por estar desestimulada com a produtividade da cultura, que não tem alcançado a expectativa dos produtores, e também devido ao preço, que deixou de ser atrativo, haja vista que com a queda na utilização de óleo de canola pela população e, conseqüentemente, queda na produção do produto, a indústria de óleo não garante mais a compra da produção.

A colheita avança no estado, tendo sido colhido até o momento 62% da área. A produtividade é de 1.300 kg/ha, o que representa um ligeiro aumento em relação à safra anterior. A safra 2017 foi significativamente pre-

judicada por geadas e a safra atual também foi atingida por geada na formação das plantas e atualmente pela chuva na colheita.

No Rio Grande do Sul, a cultura da canola se encontra praticamente toda colhida, aproximadamente 87% da área total. As condições de desenvolvimento durante toda a safra foram muito boas, mantendo um alto potencial produtivo. Com a evolução da colheita, esse potencial tem se confirmado em todo o estado, com a produtividade ficando em 1.350 kg/ha, 69% acima da safra anterior.

Foram verificados apenas alguns casos de debulha de síliquas em razão da ocorrência de chuvas no momento da colheita, muito embora isso não tenha comprometido significativamente o rendimento das lavouras.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Canola

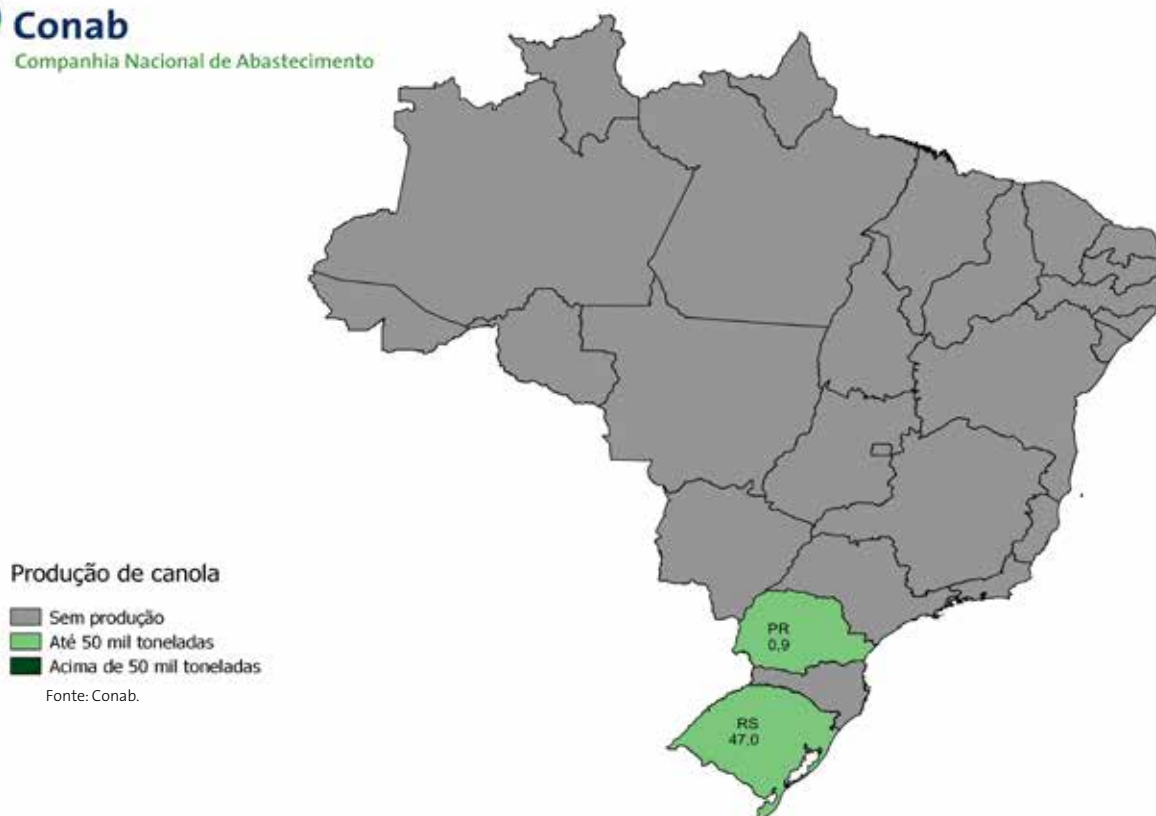


Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.349	59,1	40,8	47,9	17,4
PR	4,8	0,7	(84,5)	1.286	1.300	1,1	6,2	0,9	(85,5)
RS	43,3	34,8	(19,6)	799	1.350	69,0	34,6	47,0	35,8
CENTRO-SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.349	59,1	40,8	47,9	17,4
BRASIL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.349	59,1	40,8	47,9	17,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.2.3. CENTEIO

No Paraná, mesmo com pouca expressão econômica, a área plantada é de 2,2 mil hectares, o que significa 4,8% de aumento em relação à safra anterior. Essa estabilidade de área plantada se deve principalmente ao incentivo que as cooperativas, que utilizam o produto para fabricação de farinha, dão aos cooperados com o pagamento de bonificação.

Mesmo sendo de ciclo mais longo, muitos produtores optam pelo plantio por conta das vantagens da sua pa-

lhada farta e que se decompõe lentamente no plantio direto, trazendo economia na aplicação de herbicidas nas lavouras seguintes.

A colheita do centeio está atrasada devido à ocorrência de chuvas em outubro.

O rendimento esperado é de 2.160 kg/ha, 28,7% superior à safra anterior, haja vista que a safra 2017 foi muito prejudicada pela geada.

Figura 26 - Mapa da produção agrícola - Centeio

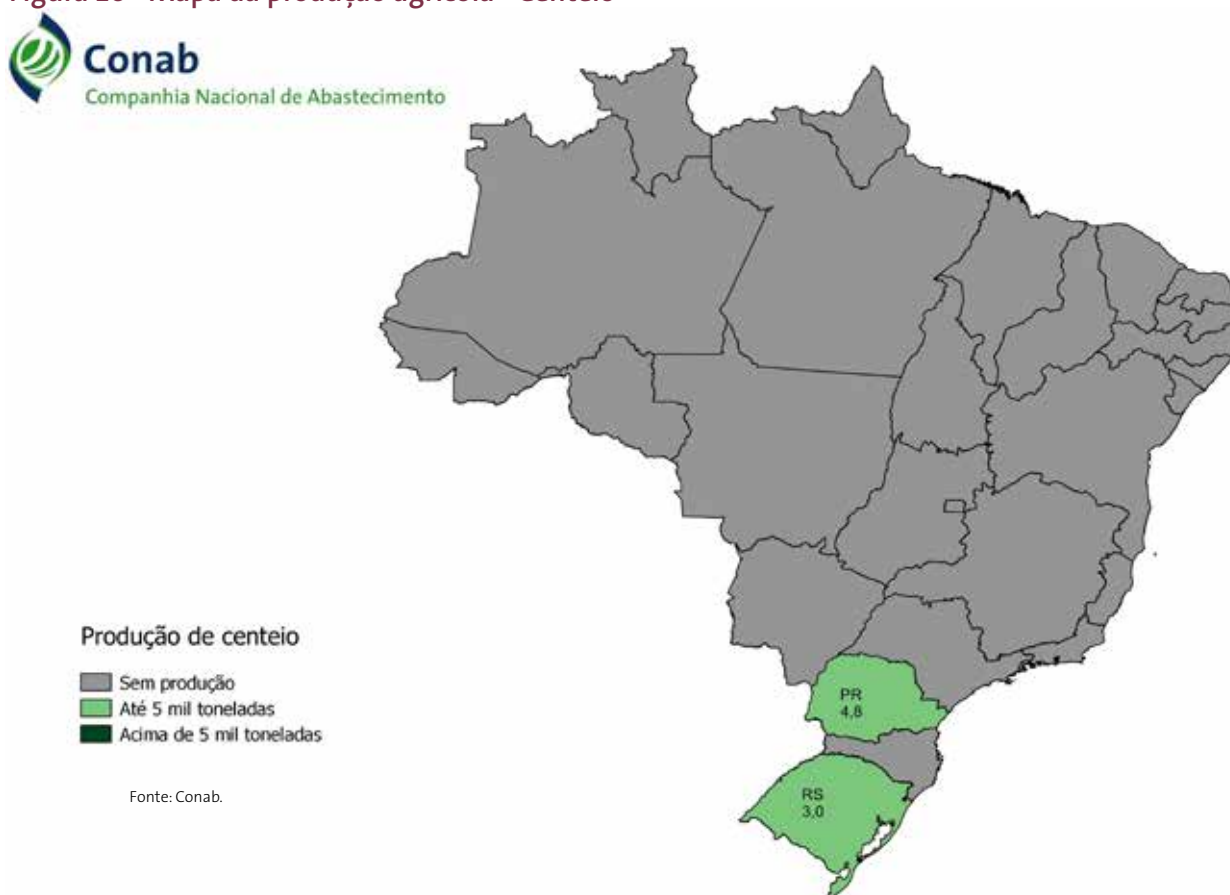


Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.108	22,4	6,2	7,8	25,8
PR	2,1	2,2	5,6	1.678	2.160	28,7	3,5	4,8	37,1
RS	1,5	1,5	-	1.826	2.000	9,5	2,7	3,0	11,1
CENTRO-SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.108	22,4	6,2	7,8	25,8
BRASIL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.108	22,4	6,2	7,8	25,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.



10.2.4. CEVADA

No Paraná, a colheita já iniciou em 3% da área plantada, que está estimada em 55,7 mil hectares, o que representa um incremento de 10,9% em relação à safra anterior. As maltarias, instaladas no Paraná, fomentam a produção do cereal, garantindo a compra de 100% da produção, desde que atinja qualidade para malte.

Assim, há a preocupação quanto à qualidade do produto a ser retirado das lavouras em virtude das chuvas constantes nos municípios onde ela é cultivada. Os primeiros grãos colhidos apresentam qualidade para malte. 77% das lavouras são consideradas boas, 22% médias e 1% ruim.

O rendimento estimado é de 4.392 kg/ha, ou seja, 33% superior à safra anterior, que foi prejudicada por geadas.

Em Santa Catarina, o cultivo da cevada, que é centralizado na região de Campos Novos, manteve-se constante neste segundo levantamento.

Até agora não há registro de prejuízos importantes devido às instabilidades climáticas ocorridas nos úl-

timos dias e que atingiram praticamente todas as regiões produtoras, com chuvas constantes e ventos fortes. Assim, até o momento, a expectativa de produtividade inicial permanece dentro do esperado.

A cultura se encontra 100% em granação. A qualidade das lavouras é considerada boa, e a colheita deve se concentrar em novembro.

No Rio Grande do Sul, avança a colheita da cevada, chegando a cerca de 25% da área. A situação da cultura, no entanto, não é nada satisfatória, já que as lavouras sofreram com as intempéries e, pelo segundo ano consecutivo na região, a qualidade do grão não se encontra nos padrões exigidos pela principal fomentadora, correndo risco de ter um percentual elevado do produto colhido destinado à alimentação animal.

A produtividade, assim como a qualidade, foi prejudicada, ficando em 2.500 kg/ha. Embora o sentimento geral dos produtores é de frustração com a cultura, em virtude do clima, quando se compara com a safra anterior esse valor é 24,6% superior.

Figura 27 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Produção de cevada

- Sem produção
- Até 100 mil toneladas
- Acima de 100 mil toneladas

Fonte: Conab.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.448	32,5	282,1	385,8	36,8
PR	50,2	55,7	10,9	3.301	4.392	33,1	165,7	244,6	47,6
SC	1,2	0,6	(50,0)	1.700	3.700	117,6	2,0	2,2	10,0
RS	57,0	55,6	(2,5)	2.006	2.500	24,6	114,3	139,0	21,6
CENTRO-SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.448	32,5	282,1	385,8	36,8
BRASIL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.448	32,5	282,1	385,8	36,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.2.5. TRIGO

No Distrito Federal, a área semeada na safra atual foi de 2,3 mil hectares (um acréscimo de 155% em comparação com 2017).

A área cultivada com trigo de sequeiro já supera a área cultivada com trigo irrigado. Os produtores, ao plantar o trigo de sequeiro, estão pensando no sistema, ao ver que o rendimento da soja, plantada depois do trigo, tende a aumentar. Vale ressaltar que o cultivo de trigo de sequeiro é de alto risco, em especial com a ocorrência de doenças como a brusone, e o potencial de rendimento está associado à disponibilidade e distribuição hídrica durante o ciclo de desenvolvimento da cultura. A produtividade do trigo de sequeiro é estimada em 2.400 kg/ha, enquanto que a do trigo irrigado é de 6.600 Kg/ha, configurando, portanto, uma produtividade média de 4.105 Kg/ha. Tal rendimento representa uma diminuição de 31,6% em relação à safra passada e está atrelada ao aumento de área em sequeiro.

O cenário está favorável para o crescimento da cultura na região, principalmente em razão da introdução de novas variedades menos susceptíveis a doenças e mais tolerantes à deficiência hídrica, além do reaproveitamento da adubação deixada pela cultura anterior. Com isso, a expectativa de produção é na ordem de 9,4 mil toneladas, simbolizando um crescimento de 74,1% em comparação à temporada anterior.

Em Minas Gerais, a área destinada à triticultura sofreu uma ligeira redução (1,1%) em relação à safra anterior, alcançando, dessa forma, 83,7 mil hectares na safra atual. No que se refere a produtividade média, a estimativa também é de decréscimo na ordem de 7% quando comparada ao mesmo período, projetando-se, aproximadamente, 2.475 kg/ha. O sistema de cultivo em sequeiro impulsionou essa diminuição do rendimento médio, em razão da estiagem que as regiões produtoras enfrentaram durante o ciclo da cultura. A colheita está finalizada.

Em São Paulo, a área nessa safra foi 15,2% menor que na safra passada. Além da estiagem, que ocasionou atraso no plantio, o alto custo da lavoura de trigo desestimulou os produtores nessa safra. Os produtores tradicionais de trigo efetuaram o plantio, com vistas à cobertura do solo.

A paralisação dos caminhoneiros fez com que atrasassem o recebimento de fertilizantes pelos produtores, também acarretando atraso no plantio. Dessa forma, o desenvolvimento da cultura ficou comprometido.

A colheita está concluída e o rendimento médio é cerca de 19% a menos que na safra passada.

Em outubro, quando se efetivou a colheita, o cereal passou pelas chuvas diárias que ocorrem no estado. Como consequência, o trigo que entrou nesse período vem apresentando tipo inferior, perdendo qualidade. No Paraná, a colheita já atinge 77%, devendo se encerrar em novembro. Em relação à safra anterior houve um aumento de área de 14%, que se deve à substituição das áreas de milho segunda safra (a estiagem inviabilizou a semeadura do milho no período ideal) e aos preços atrativos do trigo no momento do plantio. A produtividade é de 2.676 kg/ha, ou seja, 16% superior à safra passada, que foi muito prejudicada pelas geadas e também por estiagem. Porém devido às persistentes chuvas ocorridas em outubro, parte do produto já colhido apresenta problemas de qualidade, como baixo pH (triguilho) e baixo falling number (índice de queda).

Em Santa Catarina, as más condições climáticas atuantes desde o início de outubro têm afetado a qualidade das lavouras na maioria das regiões. Excesso de chuva, vento e longos períodos de sombreamento estão causando prejuízos aos tricultores por meio do aumento da pressão de doenças, acamamento e redução na qualidade dos grãos colhidos e a colher.



A giberela foi a principal doença identificada nas lavouras, favorecida pela alta umidade e sombreamento, seguida por casos de brusone, em menor quantidade. Ainda, lavouras que se encontravam em final de enchimento de grãos foram atacadas por doenças foliares, as quais reduziram o potencial fotossintético das plantas ainda em desenvolvimento.

As primeiras lavouras colhidas apresentaram grãos de baixa qualidade, brotados e doentes, devendo ser destinados, se possível, para a fabricação de ração, dependendo da condição sanitária, já que a alta infestação de giberela pode comprometer o produto devido à toxina produzida pelo fungo.

Até o final de outubro em torno de 7% das lavouras haviam sido colhidas, estando o restante entre maturação (58%) e final de granação (35%).

Com o fim das instabilidades nos últimos dias de outubro, as operações de colheita voltaram em ritmo lento devido ao excesso de umidade do solo e das plantas, já que em alguns locais houve acamamento de parte das lavouras. Há casos em que os produtores já acionaram o Proagro, pois a cultura não possui mais condições de colheita devido ao péssimo estado dos grãos, que se encontram doentes e brotados.

As lavouras localizadas na região meio-oeste se encontram mais atrasadas e, caso as condições climáticas se estabilizarem a partir de agora, podem gerar uma produção e qualidade satisfatória.

Contudo a produtividade já mostra sinais de recuo em relação ao estimado no levantamento passado, na ordem de 9,7%, o que deve resultar em 2.800 kg/ha, mas ainda acima do registrado na safra passada, que fechou em 2.630 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, a cultura entrou na fase da colheita em outubro, com 22% das lavouras já colhidas. O restante se encontra predominantemente em maturação (67,6%) e menor parte em enchimento de grãos (9,4%) e florescimento (1%). Nos próximos dias, dada a enorme capacidade do maquinário e caso se mantenham as

condições meteorológicas, devemos observar um considerável aumento na área colhida, chegando praticamente à totalidade até o próximo levantamento.

Como era esperado, o último mês deveria ser um determinante tanto da qualidade quanto da quantidade a ser colhida pelos produtores. Caso ocorressem excessivas chuvas, favorecendo a ocorrência de fungos e a perda de peso de grãos, o elevado potencial produtivo mantido durante todo desenvolvimento da cultura poderia ser perdido. Assim, o que se verificou nesse período foram condições relativamente boas, porém não perfeitas, com ocorrência frequente de precipitações, favorecendo a infecção e ataques de giberela nas espigas e perda de peso. As primeiras lavouras colhidas, em sua maioria, apresentaram peso do hectolitro (PH) em torno de 76, um pouco abaixo do ideal para panificação que é 78. Além disso, verificou-se ampla variação nesse atributo, desde PH em torno de 72 até acima de 80.

Quanto à produtividade, poderia ser maior se não fossem os motivos descritos acima, mas, ainda assim, é 50,4% superior à safra passada, que sofreu com maior severidade as intempéries climáticas.

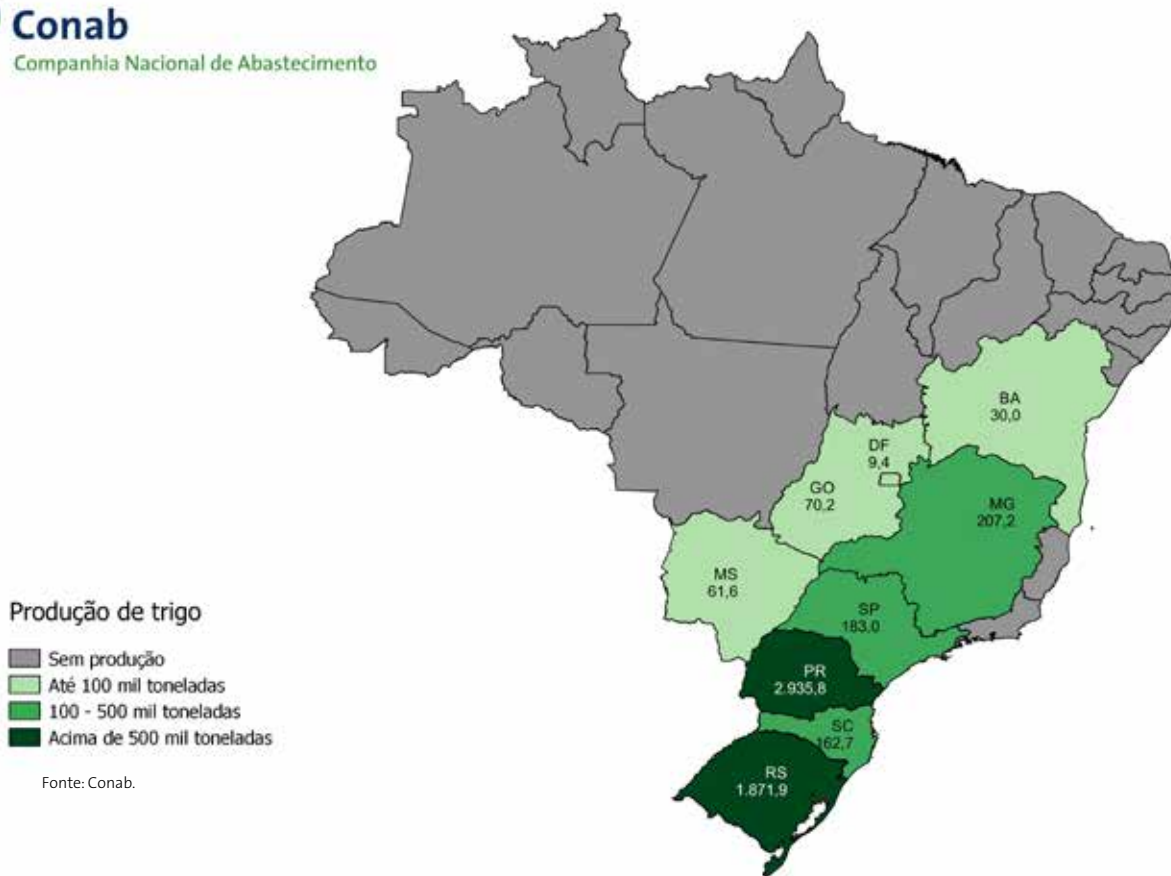
Figura 28 -Trigo em maturação, em Caçapava do Sul – RS



Fonte: Conab.



Figura 29 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 7 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Oeste Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Serrana					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	43,3	35,7	3.229	3.261	1,0	103,0	141,2	37,1
MS	20,0	28,0	40,0	1.950	2.200	12,8	39,0	61,6	57,9
GO	11,0	13,0	18,2	5.330	5.400	1,3	58,6	70,2	19,8
DF	0,9	2,3	155,0	6.000	4.105	(31,6)	5,4	9,4	74,1
SUDESTE	164,5	151,5	(7,9)	2.996	2.576	(14,0)	491,5	390,2	(20,6)
MG	84,6	83,7	(1,1)	2.662	2.475	(7,0)	225,2	207,2	(8,0)
SP	79,9	67,8	(15,2)	3.333	2.699	(19,0)	266,3	183,0	(31,3)
SUL	1.714,6	1.836,9	7,1	2.122	2.706	27,5	3.637,6	4.970,4	36,6
PR	961,5	1.097,1	14,1	2.308	2.676	15,9	2.219,1	2.935,8	32,3
SC	53,9	58,1	7,8	2.630	2.800	6,5	141,8	162,7	14,7
RS	699,2	681,7	(2,5)	1.826	2.746	50,4	1.276,7	1.871,9	46,6
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	2.031,7	6,3	2.215	2.708	22,3	4.232,1	5.501,8	30,0
BRASIL	1.916,0	2.036,7	6,3	2.225	2.716	22,1	4.262,1	5.531,8	29,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.

10.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, a cultura já foi toda colhida, apresentando diminuição na área de cultivo (32%), na produção (36,5%) e na produtividade (7,2%), quando comparadas aos valores obtidos na safra 2017. É cultivado juntamente com as lavouras de trigo, mas ainda assim em áreas menores. Os tratamentos culturais necessários são similares aos do trigo, principalmente no que diz respeito à adubação da área onde é realizado o plantio.

No Paraná, a colheita do cereal já atinge 22% da área plantada e não apresentou, até o momento, redução na produtividade, que é de 3.089 kg/ha, ou seja, 35,7% superior à da safra anterior.

As lavouras seguem com condições entre regulares e boas.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Triticale

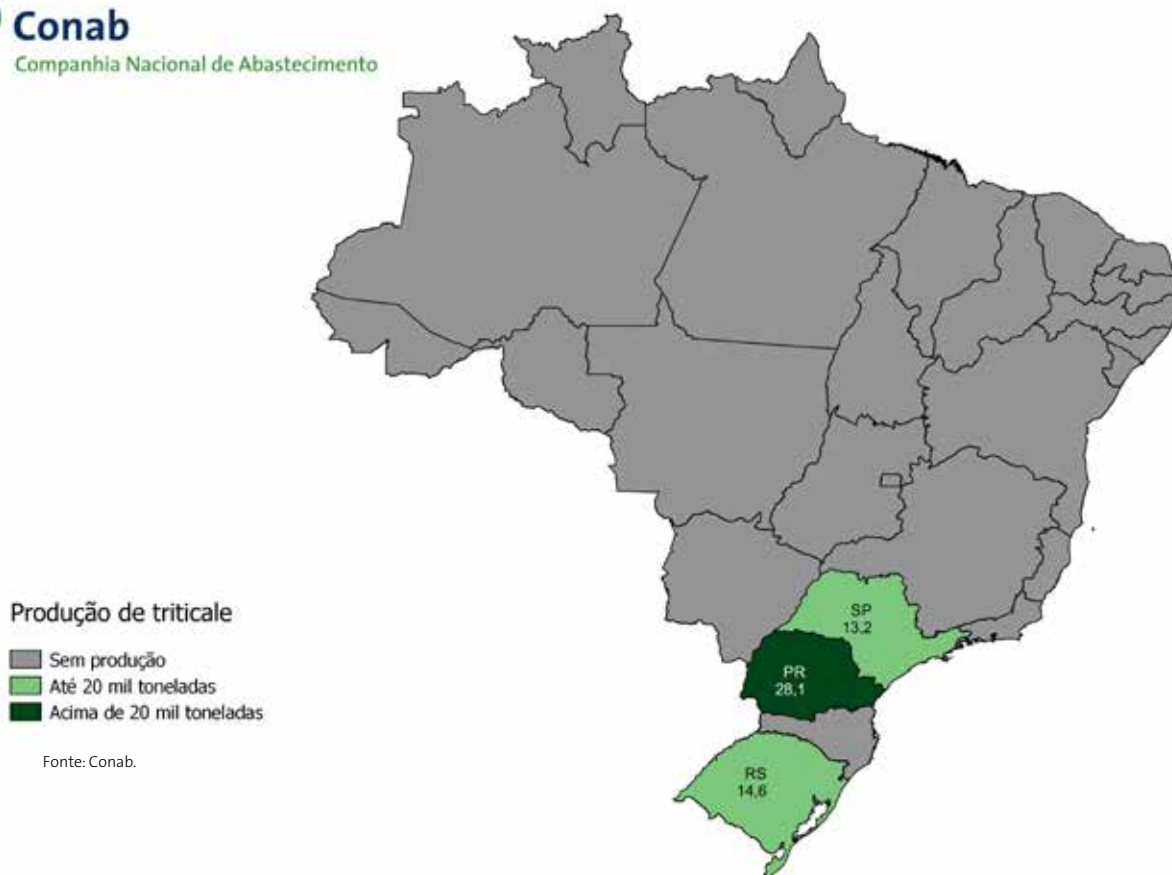


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	5,1	(32,0)	2.773	2.588	(6,7)	20,8	13,2	(36,5)
SP	7,5	5,1	(32,0)	2.779	2.580	(7,2)	20,8	13,2	(36,5)
SUL	15,5	14,8	(4,5)	2.110	2.885	36,7	32,7	42,7	30,6
PR	9,8	9,1	(7,3)	2.277	3.089	35,7	22,3	28,1	26,0
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.565	40,5	10,4	14,6	40,4
NORTE/NORDESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BRASIL	23,0	19,9	(13,5)	2.326	2.809	20,8	53,5	55,9	4,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2018.





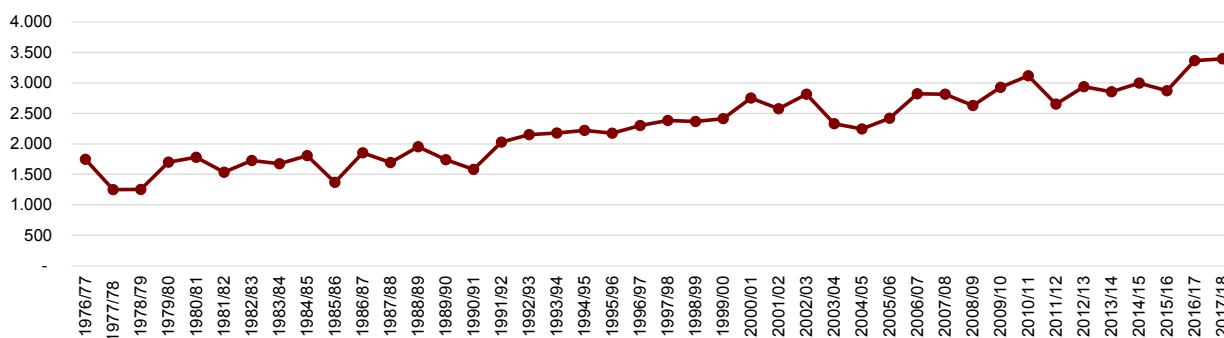
11. VAZIO SANITÁRIO

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Nesse período, apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura, e visa manter a sanidade das lavouras, permitindo o alcance do máximo potencial produtivo da planta.

Na produção brasileira de grãos, algumas culturas dispõem de um calendário agrícola que inclui o mecanismo do vazio sanitário como método de controle para eventuais pragas e doenças que podem se manter vivas no campo durante a entressafra e, posteriormente, trazer danos econômicos consideráveis na safra propriamente dita. Um exemplo disso é a incidência de ferrugem asiática na soja, importante doença para a cultura no país.

O primeiro relato de ferrugem asiática da soja no Brasil aconteceu em 2001 e coincidiu justamente com um período de decréscimo da produtividade média brasileira para a cultura. Observa-se que a partir da safra 2001/02 (primeira safra após o aparecimento da doença no país) houve uma pequena redução nesse rendimento médio, acentuando-se na safra 2004/05 e voltando ao normal apenas na safra 2006/07. É importante destacar que a partir de 2006 foi implantado o vazio sanitário nos estados de Goiás e Mato Grosso, podendo explicar a recuperação da produtividade a patamares já alcançados.

Gráfico 1 - Série histórica da produtividade da soja



Fonte: Conab.

O agente causal dessa doença (o fungo *Phakopsora pachyrhizi*) necessita de um hospedeiro vivo para completar seu ciclo e, além disso, conta com uma boa viabilidade de suas estruturas reprodutivas (esporos) no campo, quando as condições são favoráveis à sua manutenção e seu desenvolvimento. Algumas pesquisas mencionam que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa) é de 55 dias. Portanto, mantendo-se um período mínimo de 60 dias (podendo alcançar até 90 dias) de vazio sanitário, o sojicultor diminui a possibilidade de incidência precoce da doença, mas não resolve por completo os problemas causados pelo fungo.

Atualmente 12 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Piauí, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema, a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido

à sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro) e, por isso, não adota o vazio sanitário. No Piauí, a região produtora sofre escassez de chuvas e temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (Meyer, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o mesmo Consórcio Antiferrugem/Sistema, não houve relato de foco da doença nas últimas safras no estado. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então se optou pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Um ponto preocupante, quanto ao manejo da doença, é a situação da Bolívia, onde não ocorre o vazio sanitário e as frequentes correntes de vento, que sopram do Pacífico e do sul da América do Sul, trazem esporos para as lavouras no Brasil (Faep, 2008), sendo fonte de inóculo para os cultivos de verão, especialmente em Mato Grosso. Na Bolívia são feitas, no mínimo, duas safras por ano (verão e inverno), com ocorrência de fortes epidemias de ferrugem asiática, que encontra hospedeiro o ano todo (Faep, 2008).



Quadro 1 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Decêndio	2ª Dec.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.		
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Nordeste													01/09	30/10
PA/Noroeste													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste													15/08	15/10
BA													01/07	07/10
MT													15/06	15/09
MS														
GO														
DF													01/07	30/09
MG														
SP													15/06	15/09
PR													10/06	10/09
SC													15/06	15/09
PARAGUAI													01/06	30/08

Legenda: PA/Sul: microrregiões de Conceição do Araguaia, Redenção, Marabá, São Félix do Xingu, Parauapebas, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão) e de Altamira (Distritos e Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra);

PA/Nordeste: microrregiões de Paragominas, Bragantina, Guamá, Tomé-Açu, Salgado, Tucuruí, Castanhal, Arari, Salgado, Belém, Cametá, Furos de Breves e de Portel

PA/Noroeste: microrregião de Santarém, Almeirim, Óbidos, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), e de Altamira (com exceção dos Distritos de Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

Além da soja, outras culturas também adotam o vazio sanitário como medida de controle preventiva, tal como o algodão, com o objetivo principal de inviabilizar a persistência e o desenvolvimento do bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*) na lavoura, visando proteger a produção, evitando danos econômicos. Considerada praga chave para a cotonicultura, o bicudo tem grande capacidade destrutiva e boa habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela

foi, por exemplo, responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90 esse estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto em Mato Grosso, por exemplo, plantava-se cerca de 30 mil hectares. Juntamente com esses dois estados (Mato Grosso e Paraná) o vazio sanitário para o algodão também está estabelecido na Bahia, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.



Quadro 2 – Período de vazio sanitário para o algodão

UF	JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim		
	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec				
BA – Extremo Oeste																					20/09	20/11	
BA – Centro-Sul ¹																							
MT																						01/10	30/11
MS																						15/09	30/11
GO – Região 1																						05/09	25/11
GO – Região 2																						10/09	30/11
GO – Região 3																						15/09	05/12
GO – Região 4																						20/08	10/11
GO – Região 5																						01/11	20/01
MG																						20/09	20/11
SP																						10/07	10/10
PR																						01/09	30/10

Legenda: PA/Sul: microrregiões de Conceição do Araguaia, Redenção, Marabá, São Félix do Xingu, Parauapebas, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão) e de Altamira (Distritos e Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

PA/Nordeste: microrregiões de Paragominas, Bragantina, Guamá, Tomé-Açu, Salgado, Tucuruí, Castanhal, Arari, Salgado, Belém, Cametá, Furos de Breves e de Portel

PA/Noroeste: microrregião de Santarém, Almeirim, Óbidos, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), e de Altamira (com exceção dos Distritos de Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas nesse período evita que o inseto se mantenha ativo e

provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.

Quadro 3 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez		
GO 1													05/09	05/10
GO 2													20/09	20/10
DF													20/09	20/10
MG 3													20/09	20/10

Legenda: GO 1: sudoeste, sul e sudeste;

GO 2: entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiania;

MG 3: noroeste

Fonte: Conab

O descumprimento de qualquer vazio sanitário acarreta multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das propriedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazio sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.

MEYER, M. C. Relato da ferrugem asiática da soja nos Estados do Maranhão e Piauí, na safra 2006/07. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FERRUGEM ASIÁTICA DA SOJA, X., 2007, Londrina. Anais... Londrina: EMBRAPA Soja.

FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Paraná implanta vazio sanitário da soja pela primeira vez. Boletim Informativo, n. 1.008., Curitiba: junho de 2008.





12. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2018/19, atinge o total de R\$ 228,21 bilhões. Esse número é 37,3% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 166,23 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta da produção, pelo valor médio praticado do milho algodão, com crescimento na produção e principalmente nos preços praticados. A cultura da soja apresenta queda na produção, mas valorização do produto. É importante ressaltar que nesse primeiro levantamento são realizadas estimativas para a produção da safra agora iniciada. Isso posto, a estimativa de produção tem um limite superior e um limite inferior em conjunto. Os valores apresentados para a produção da safra 2018/19 fazem referência à média entre o limite inferior e o limite superior.

Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados

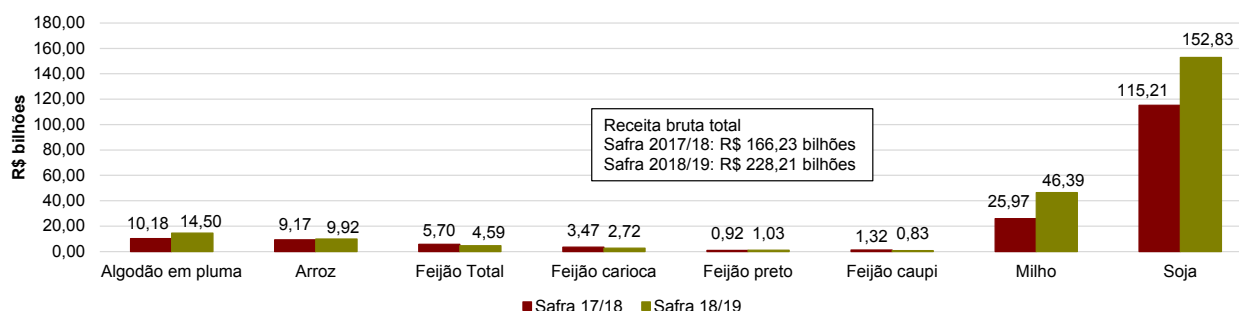
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade			VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões			
	Safra 17/18	Safra 18/19	Variação	Unid.	09/2017	09/2018	Variação	09/2017	09/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	2,01	2,20	9,8%	15	76,12	98,74	29,7%	10,18	14,50	42,4%
Arroz	12,06	11,45	-5,1%	60	45,63	51,96	13,9%	9,17	9,92	8,1%
Feijão Total	3,12	3,17	1,7%	60	109,82	86,77	-21,0%	5,70	4,59	-19,6%
Feijão carioca	1,84	1,88	2,1%	60	113,10	86,98	-23,1%	3,47	2,72	-21,5%
Feijão preto	0,49	0,50	2,8%	60	112,76	122,74	8,9%	0,92	1,03	11,9%
Feijão caupi	0,79	0,79	0,3%	60	100,32	63,33	-36,9%	1,32	0,83	-36,7%
Milho	80,79	90,41	11,9%	60	19,28	30,78	59,6%	25,97	46,39	78,6%
Soja	119,28	118,24	-0,9%	60	57,95	77,55	33,8%	115,21	152,83	32,6%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	166,23	228,21	37,3%

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em outubro/2018 e preços de setembro de 2017 e 2018.

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em junho/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais– produtos selecionados – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

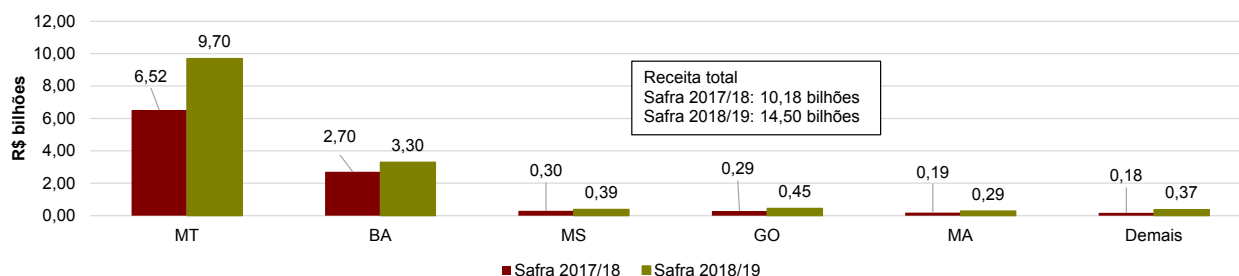
Nota: Safras 2017/18 e 2018/19- a preços de setembro/2017 e setembro/2018. Produtos: algodão em pluma, arroz, feijão, milho e soja

12.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 9,8% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta valorização de 29,7%. Esses dois movimentos culminaram no aumento do valor da receita bruta dos produtores, que

apresenta um valor de R\$ 14,5 bilhões para a safra em questão, um aumento de 42,4% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

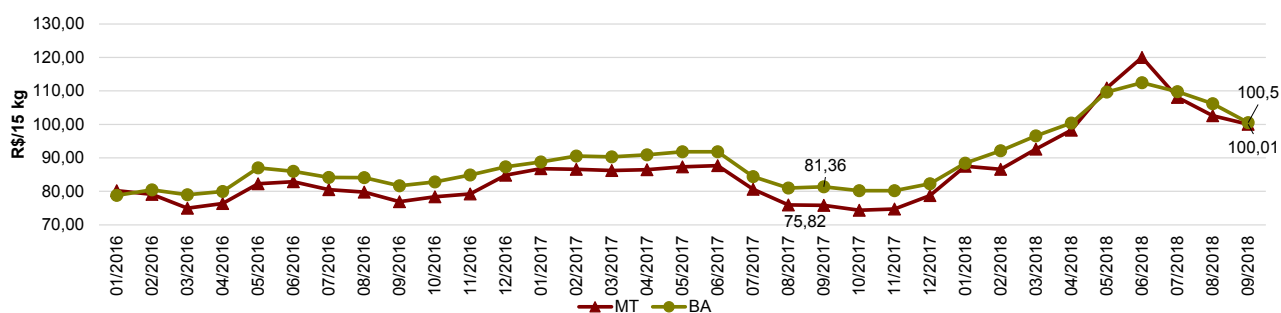
Gráfico 2 – Algodão em pluma – preços recebidos pelo produtor – Setembro/2017 a Setembro/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção de algodão são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 9,7 bilhões e para a Bahia de R\$ 3,3 bilhões,

aumentos de 48,8% e 22,1%, respectivamente. É importante ressaltar os grandes avanços na produção no Mato Grosso, o qual passou de 1.290 mil para 1.488 mil toneladas, aumento de 15,3%.

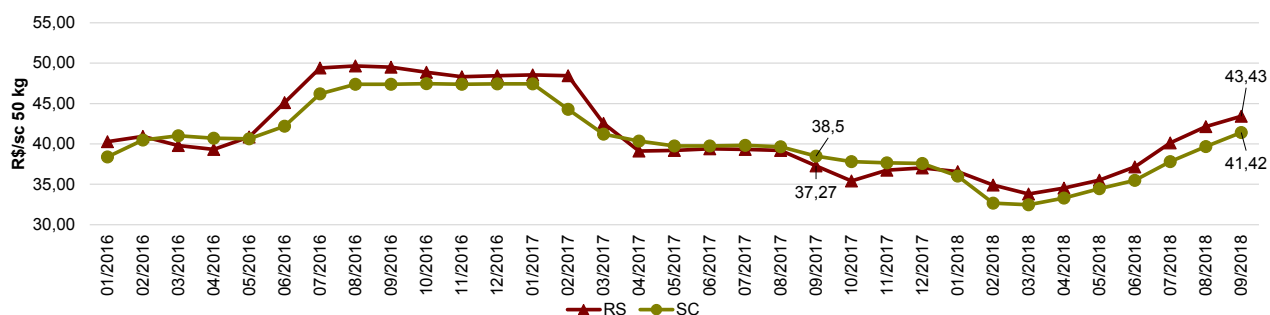
12.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. A Unidade da Federação com maior produção, Rio Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 4,7%

e para Santa Catarina 4,5%.

Além disso, quando comparados os valores de setembro de 2017 a setembro de 2018, verifica-se aumento no valor médio nacional.

Gráfico 4 – Arroz em casca – preços nominais recebidos pelos produtores

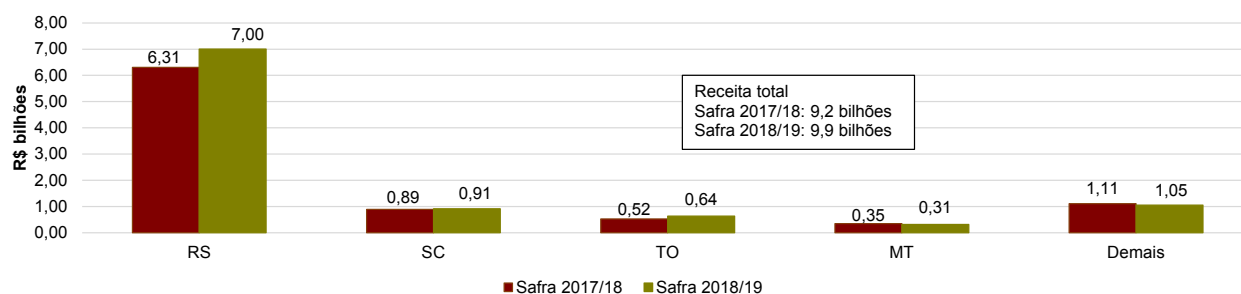


Fonte: Conab.

A queda na quantidade produzida pelo Brasil, com magnitude de 5,4% não foi suficiente para um decréscimo na estimativa da receita bruta. O responsá-

vel pelo aumento da estimativa do valor bruto da produção dos produtores rurais foi o aumento no preço médio praticado no país, de 13,9%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais– arroz – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

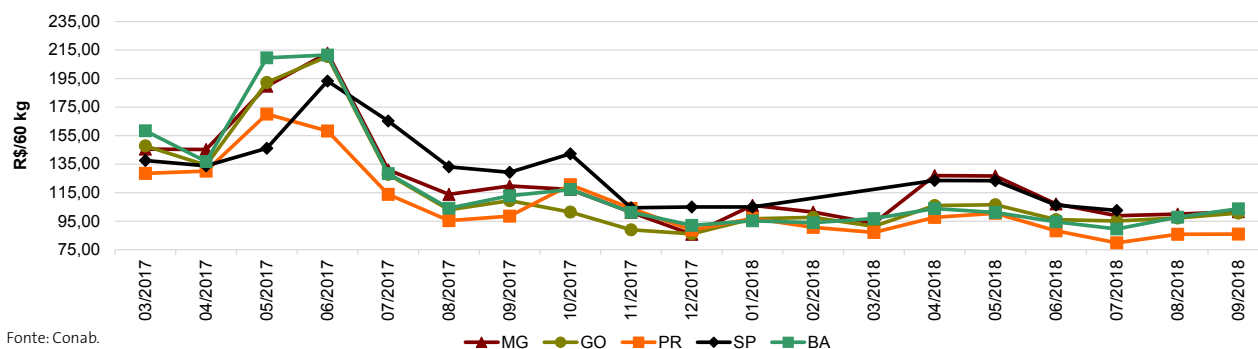


12.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca observa-se decréscimo da produção na Região Centro-Sul e acréscimo

na Região Norte-Nordeste, na safra em análise, até mesmo para São Paulo, com queda de 26,6%. Há queda nos preços recebidos pelos produtores, ao compararmos os valores de setembro de 2017 e setembro de 2018.

Gráfico 6 – Feijão carioca – preços nominais recebidos pelos produtores

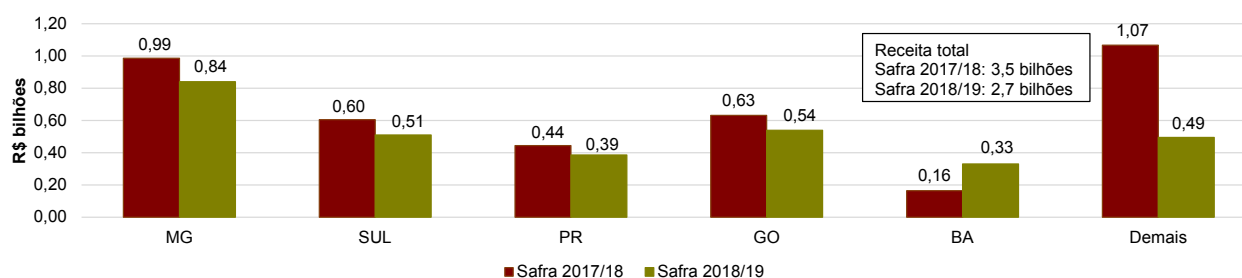


Fonte: Conab.

A diminuição nos preços acarretou na queda na estimativa da receita bruta total para o feijão carioca, apresentando valor de 2,7 bilhões para 2018/2019;

21,5% menor do que o observado na safra anterior de 3,5 bilhões em 2017/2018, conforme apresentado a seguir:

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão carioca – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

12.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

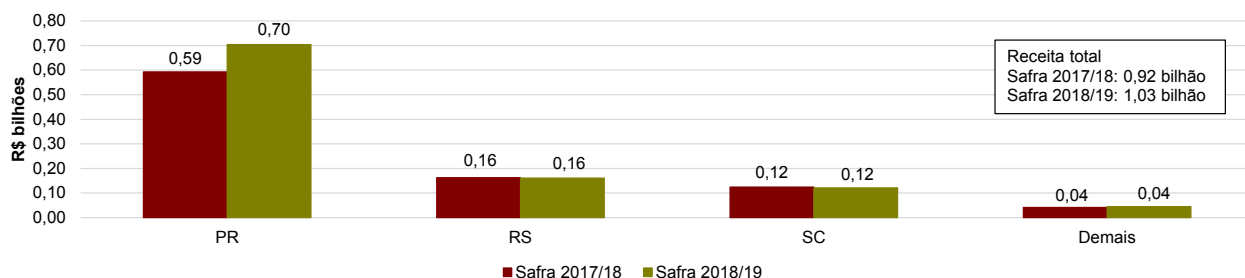
A cultura de feijão-preto é fortemente concentrada nas Regiões Sul e Sudeste. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta incremento na produção e aumento de 11,8% nos preços recebidos pelos produtores. Já para Santa Catarina observa-se um cenário no qual a produção apresenta queda em relação ao ano imediatamente anterior e queda nos preços médios

praticados. Para o Rio Grande do Sul observa-se diminuição na produção de 6,6% e aumento médio no preço de 5,8%.

A partir desse cenário nacional de aumento nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2018/19, foi de R\$ 1,03 bilhão 11,9% maior que o observado na safra 2017/18, de 0,92 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão preto – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

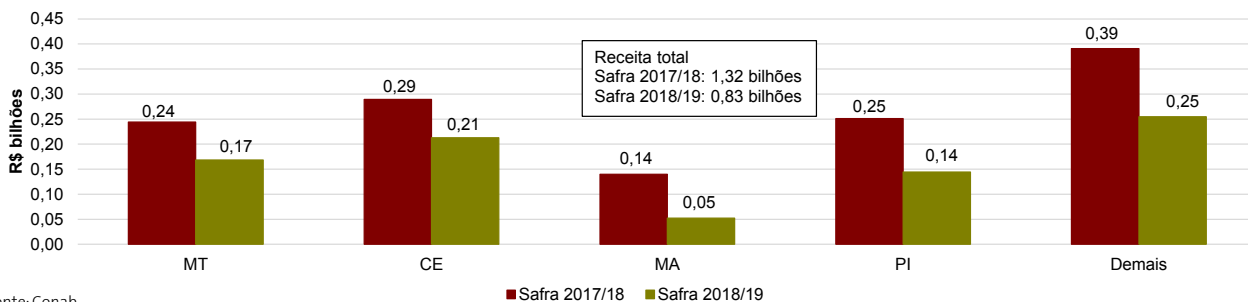
12.5. FEIJÃO CAUPI

O feijão-caupi está concentrado nas regiões Nordeste e Centro-Oeste. Para as regiões supracitadas observa-se as seguintes situações: no Nordeste a produção experimenta acréscimo de 1% e a Região Centro-Oeste a redução foi de 0,9%.

Por outro lado, quando comparados os preços pratica-

dos junto aos produtores de feijão-caupi em setembro de 2017, com os preços de setembro de 2018, para as duas regiões, observa-se decréscimo nos valores pesquisados. Para o Mato Grosso, maior produtor dessa variedade, a queda no preço encontrado é de 34%. Já para o Ceará, maior produtor da variedade no Nordeste, o preço apresenta queda de 27,9%.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão caupi – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

Com base nas informações acima, percebe-se que a manutenção na produção nacional juntamente com a queda no preço médio nacional (36,9%) culminou no decréscimo da receita bruta dos produtores de

feijão caupi. A estimativa nesse levantamento para a safra 2018/19 revela um valor de R\$ 0,83 bilhão. Já para a safra 2017/18 o valor é de R\$ 1,32 bilhão, ou seja, uma diminuição de 36,7%.

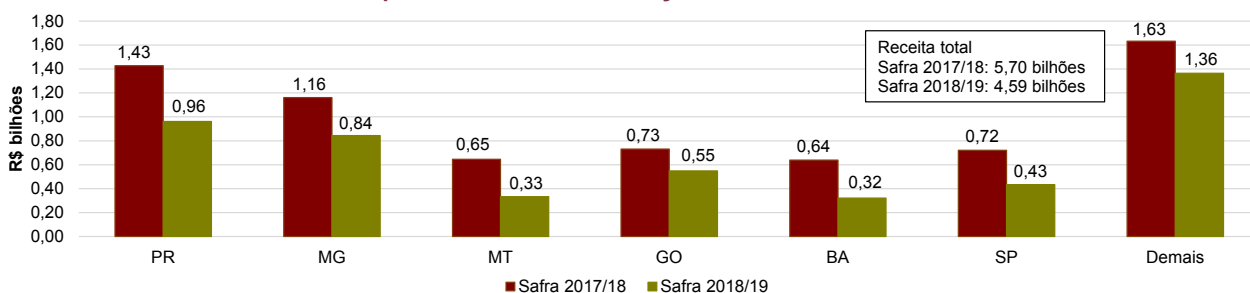
12.6. FEIJÃO (CAUPI, CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, caupi e do preto, obteve-se a receita bruta do total de feijão de R\$ 5,70 bilhões na

temporada 2017/18 e R\$ 4,59 bilhões em 2018/19, queda de 19,6%.



Gráfico 10 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

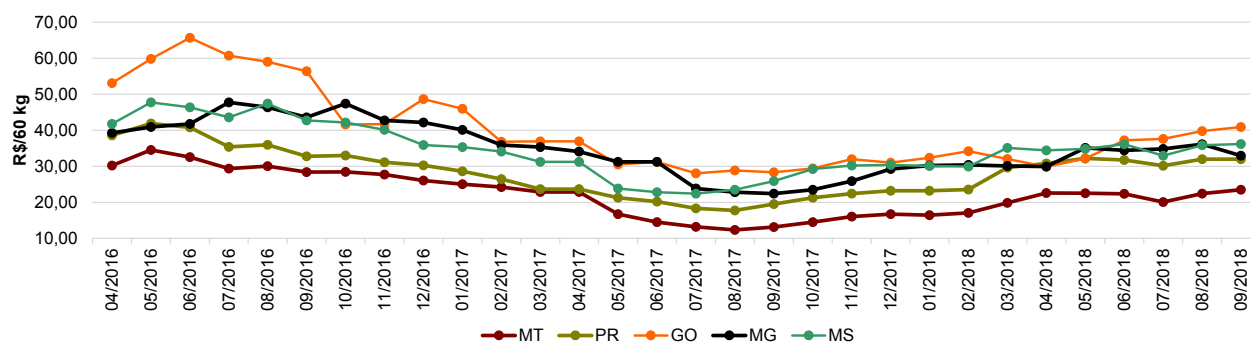
Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

12.7. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação em Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no Paraná ao compararmos setembro de 2018 e agosto de 2018. Isso posto, na comparação de setembro de 2018 e setembro de 2019, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 59,6%.

Gráfico 11 – Milho – preços nominais recebidos pelos produtores

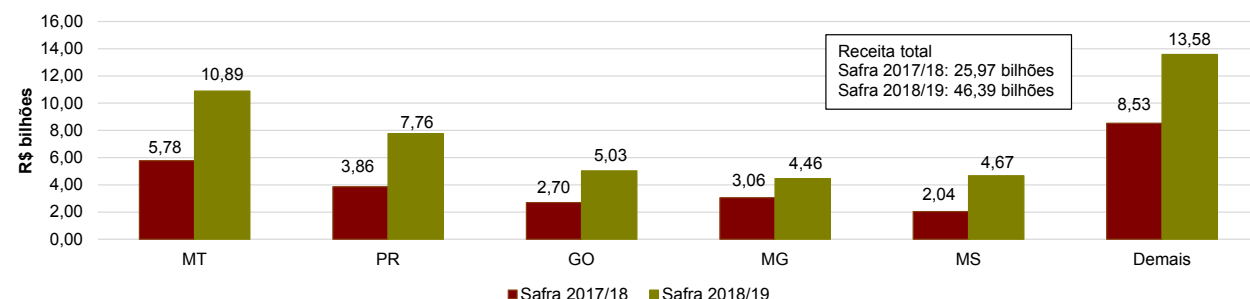


Fonte: Conab.

Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional também apresentou crescimento, mesmo nos maiores estados produtores. A estimativa da receita bruta total para

o milho foi de R\$ 46,39 bilhões para a safra 2018/19, já para a safra de 2017/18 observa-se a estimativa de R\$ 25,97 bilhões, ou seja, um incremento no valor da receita de 78,6%.

Gráfico 12 – Receita bruta dos produtores rurais– milho – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018



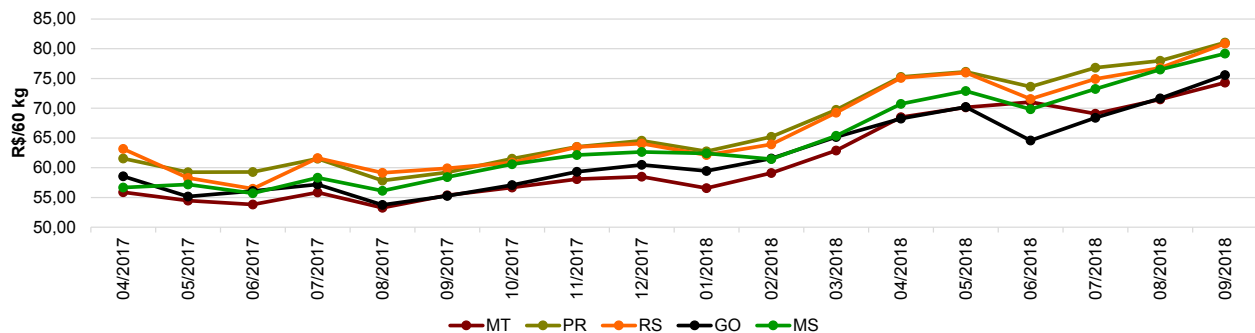
12.8. SOJA

A produção da safra 2017/18 foi calculada em 119,3 milhões de toneladas, já para a safra 2018/2019, a estimativa inicial para a produção é de 118,2 milhões de toneladas, uma queda de 0,9%. Até mesmo as Unidades da Federação, caracterizadas como grandes produtoras, como Paraná e Rio Grande do Sul, apresentam comportamentos distintos no âmbito da produção. No Paraná, a estimativa é de queda de 1,7%, já

no Rio Grande do Sul, a estimativa é de incremento de 5,7%. O maior estado produtor, Mato Grosso, apresenta estimativa de decréscimo de 1,8%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentaram aumento em todos os 16 estados produtores, com incremento médio de 33,8% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 13 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



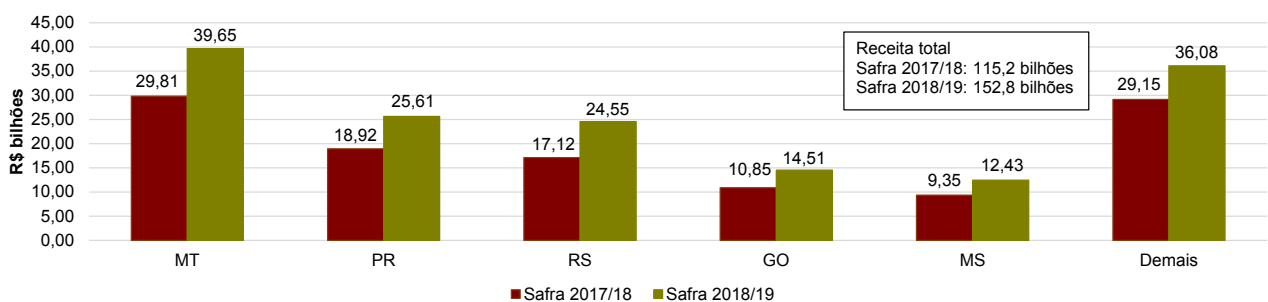
Fonte: Conab.

O movimento de queda na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2018/19. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de R\$ 39,65 bilhões para a temporada 2018/19. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em R\$ 29,81 bilhões, com acréscimo relativo de 33%. A Unidade da Federação produtora que apresentou maior incremento

percentual na receita bruta estimada para a soja foi o Rio Grande do Sul, com 43,4% de aumento, resultado de 6,2% de aumento na produção e 35% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60 quilos.

Portanto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2018/19 foi de R\$ 152,9 bilhões, frente à estimativa de R\$ 115,2 bilhões da safra anterior, um aumento de 32,6%.

Gráfico 14 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018





13. MERCADO DE INSUMOS E CUSTO DE PRODUÇÃO

A escolha do produtor a respeito do plantio deve levar em conta, dentre outros fatores, o custo de produção para o cultivo em questão, uma vez que o pacote tecnológico utilizado e os preços praticados pelo mercado de insumos e serviços refletem diretamente na rentabilidade da atividade agrícola.

A utilização de crédito para o custeio da produção também assume relação próxima com os custos de produção e, por conseguinte, na relação econômica com os fornecedores de máquinas, implementos, sementes, insumos e com o processo de comercialização.

Nesse contexto, na tabela abaixo, são apresentados os resultados dos custos variáveis das principais culturas de primeira safra, tomando como base os preços praticados em setembro de 2017 e setembro de 2018. Tais informações têm origem nos levantamentos de custos elaborados pela Conab nas localidades apresentadas e no acompanhamento mensal dos preços pagos pelos produtores pelos insumos e serviços utilizados na produção.



Tabela 1 - Custos Variáveis de Produção de algodão, arroz, milho e soja em setembro/2017 e setembro/2018

Produto	Município	UF	Unidade de Medida	CV 2017	CV 2018	Var. (%)
Algodão em Pluma	Cristalina	GO	R\$/@	51,35	54,00	5,16%
	Chapadão do Sul	MS		51,11	58,34	14,15%
	Campo Novo do Parecis	MT		64,63	77,70	20,22%
Arroz Irrigado	Pelotas	RS	R\$/50kg	35,26	42,30	19,97%
	Uruguaiana	RS		34,83	42,99	23,43%
Milho	Barreiras	BA	R\$/60kg	21,89	20,62	-5,80%
	Campo Mourão	PR		18,66	19,03	1,98%
	Passo Fundo	RS		20,23	23,95	18,39%
	Unaí	MG		21,20	22,47	5,99%
	Chapadão do Sul	MS		16,28	20,05	23,16%
Soja	Barreiras	BA	R\$/60kg	35,84	38,64	7,39%
	Brasília	DF		42,15	45,19	7,21%
	Rio Verde	GO		35,26	38,83	10,12%
	Unaí	MG		40,17	41,79	4,03%
	Chapadão do Sul	MS		37,82	450,9	19,22%
	Campo Novo do Parecis	MT		42,40	50,53	19,17%
	Campo Mourão	PR		27,93	29,05	4,01%
	Cruz Alta	RS		37,31	43,94	17,77%
Pedro Afonso	TO	42,55	47,41	11,42%		

Fonte: Conab.

Os custos de produção em análise, para o cultivo do algodão, envolvem utilização de alto nível tecnológico, uma vez que os principais itens que compõem esses custos são os agrotóxicos e fertilizantes, porém as operações com máquinas, sementes, beneficiamento da pluma e a receita obtida com a comercialização do caroço de algodão também são fatores que exercem forte influência nos resultados obtidos. Observa-se que, de modo geral, ocorreu aumento dos custos variáveis de produção de algodão durante o período em todas as localidades analisadas. As sementes utilizadas nos plantios modais tiveram incremento médio de 27% em seus preços e o transporte externo da produção teve seu custo majorado em uma média de 27%. Tais fatores, aliados ao acréscimo médio de 6,5% para os custos com as operações com máquinas e com agrotóxicos, 15% para os custos com fertilizantes e para o beneficiamento da pluma, além de uma queda média de 11,46% na receita obtida pelo produtor com a venda do caroço de algodão em relação ao ano passado, contribuíram para um incremento médio de 13,18% no custo variável da produção da pluma no período.

Os custos variáveis de produção do arroz irrigado no Rio Grande do Sul subiram em média 21% ao longo do período analisado. Esse resultado se deve principalmente à elevação média de 231% no preço pago pela energia elétrica, necessária para alimentar os conjuntos de irrigação utilizados na produção do cereal. Os itens mais relevantes quando se trata de custos de produção de arroz, os fertilizantes e agrotóxicos,

também contribuíram fortemente para essa elevação, com aumento médio de 20,2% e 6,7%, respectivamente. Observa-se ainda um aumento nos custos relativos ao transporte externo da produção (17,3% em média), operações com avião (7% em média) e uma redução nos custos com sementes (queda de 4,9% em média). O cultivo do milho primeira safra teve, entre setembro de 2017 e setembro de 2018, elevação dos seus custos variáveis de produção a uma taxa média de 8,74% para as localidades em análise. Observa-se que, de maneira geral, ocorreu elevação dos custos relacionados com as operações com máquinas em quase todas as localidades (média de 18,84%), com exceção de Campo Mourão onde estes gastos se mantiveram estáveis. Os gastos com fertilizantes, agrotóxicos e sementes representam aproximadamente 50% da composição dos custos totais para o cultivo do milho primeira safra, visto que a variação média para esses itens durante o período analisado ficou em 16,06% para as sementes, 9,63% para os fertilizantes e 7,15% para os agrotóxicos.

Observa-se, para a soja, um aumento médio de 11,33% nos custos variáveis durante o período para as localidades analisadas. Os principais itens que compõem os custos totais de produção da leguminosa são as operações com máquinas, sementes, agrotóxicos e fertilizantes que, somados, perfazem uma média de 57% desses custos. A maior variação média foi observada para o item correspondente aos fertilizantes, ficando em 24,84%, seguido das operações com máquinas com 11,91%, sementes com 6,7% e agrotóxicos com 6,3%.



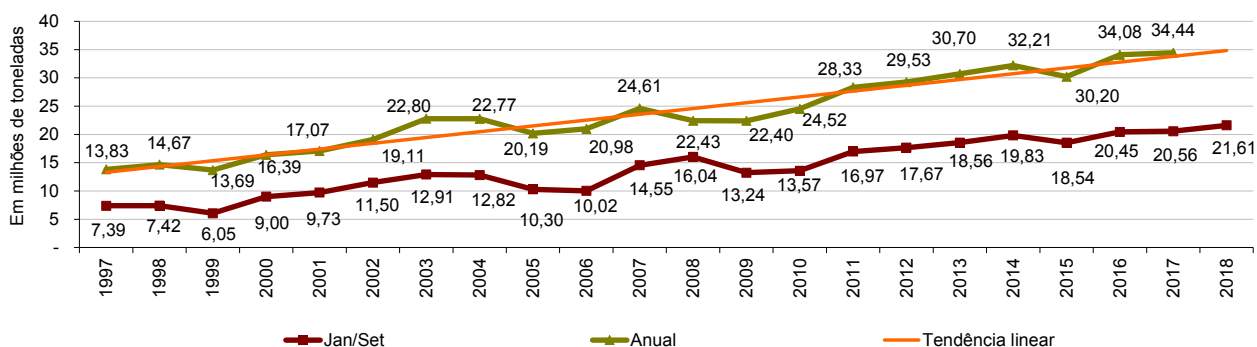
13.1. FERTILIZANTES

Em setembro de 2018, as entregas de fertilizantes ao consumidor final totalizaram 4,24 milhões de toneladas, ou seja, elas foram 11,95% inferiores aos 4,82 milhões de toneladas registradas em agosto e representam um acréscimo de 0,32% em relação ao volume de 4,23 milhões toneladas entregues

em setembro de 2017.

No período de janeiro a setembro de 2018, as entregas somaram 25,85 milhões de toneladas, superior em 4,28% ao volume de igual período de 2017, quando foram comercializados 24,79 milhões de toneladas.

Gráfico 1 - Fertilizantes entregues ao consumidor - 1997 a 2018



Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda).

Segundo informações divulgadas pela Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda). O Mato Grosso concentra o maior volume no período analisado (22%) com 5,686 mil toneladas, seguido pelo Paraná (14,1%)

com 3.646 mil toneladas, Rio Grande do Sul (11,5%) com 2.961 mil toneladas, São Paulo (11,1%) com 2.873 mil toneladas, Goiás (9,5%) com 2.469 mil toneladas e Minas Gerais (9,3%) com 2.417 mil toneladas.

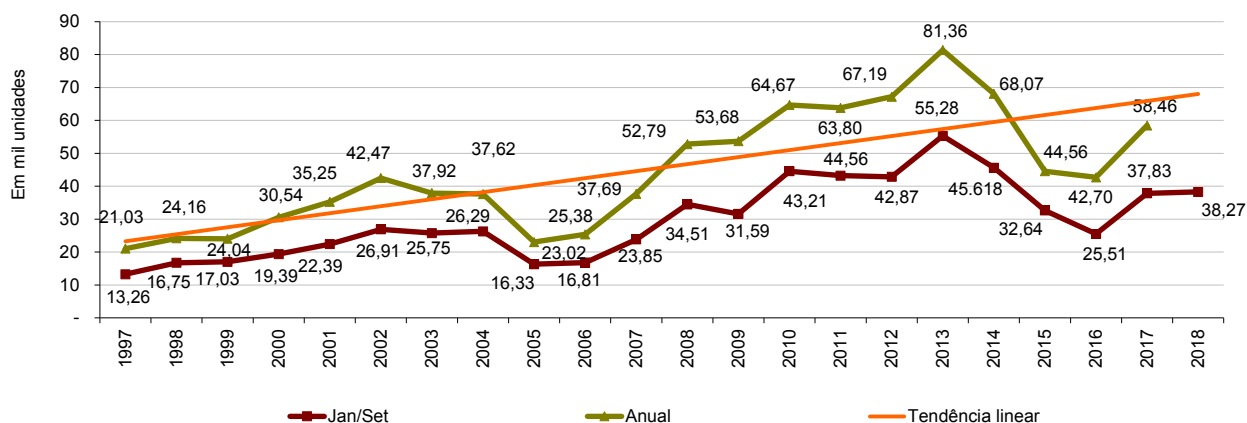
13.2. MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Durante setembro de 2018, as vendas internas no atacado de máquinas agrícolas (tratores de rodas e de esteiras, colhedoras, cultivadores motorizados e retroscavadeiras) atingiram o quantitativo de 4,91 mil unidades, inferior em 2,34% ao volume comercializado em agosto, que foi de 5,03 mil unidades. No acumulado do ano (janeiro a setembro) foram registradas vendas de 34,56 mil máquinas, representando um

acréscimo de 2,94% relativamente ao quantitativo comercializado em igual período do ano anterior, que foi de 33,57 mil unidades.

As vendas externas totalizaram, de janeiro a setembro de 2018, 9,7 mil unidades, volume 3,16% inferior ao observado para igual período de 2017, que foi de 10,03 mil unidades.

Gráfico 2 - Tratores e colheitadeiras entregues ao consumidor - 1997 a 2018



Fonte: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)





14. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

14.1. ALGODÃO

14.1.1. PANORAMA MUDIAL

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em seu relatório de outubro, a produção mundial de pluma na safra 2017/18 deverá fechar em 26,89 milhões de toneladas, já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 26,48 milhões de toneladas. Esse resultado significaria uma queda de 1,52% na produção. As primeiras estimativas eram de que a produção novamente cresceria e ficaria acima do consumo, porém, devido, principalmente, a problemas climáticos vividos por Estados Unidos, China e Índia, hoje o mercado trabalha com um deficit para a próxima safra.

Também de acordo com o Usda, para a safra 2017/18, teremos, depois de dois anos, uma produção maior que o consumo. Já para a safra 2018/19, como já foi dito, o cenário deve se inverter novamente, pois de acordo com a estimativa atual do departamento, o consumo é 5,1% maior que a produção

Para a safra 2018/19, as informações disponíveis apontam para uma sustentação nos preços da pluma. Segundo o relatório de oferta e demanda do Usda de setembro, o deficit projetado hoje para a próxima safra é próximo de 1,3 milhão de toneladas. Ao se analisar os três principais produtores, projeta-se manutenção de produção na China e queda na Índia e nos Estados

Unidos. Já quanto aos principais consumidores, projeta-se aumentos no consumo chinês, indiano e paquistanês. Diante de um cenário mundial de déficit, o produtor brasileiro pôde diminuir suas preocupações

diante da boa safra que está sendo colhida. Também poderá continuar otimista em aumentar a área para a safra 2018/19.

14.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o segundo levantamento de safra da Conab, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2018/19, varia de 2.157 a 2.337 mil toneladas de pluma, isso acarretaria uma variação de 7,6% a 16,5% superior à produzida na safra anterior, que foi de 2.005,8 mil toneladas. A produtividade estimada ainda é conservadora, mas o aumento de área poderá chegar a 21,4% no próximo plantio. Em se confirmando esses números, seria mais um recorde de produção no mercado algodoeiro.

O aumento de área já era esperado pelo mercado.

O cenário do algodão no mundo é otimista, com o consumo devendo superar a produção mais uma vez. Além disso, para o Brasil, tem-se que a guerra comercial entre os Estados Unidos e China, justamente num período no qual o país asiático prevê aumento no seu consumo de pluma, deverá abrir caminho para o produto brasileiro. A demanda externa é fundamental para sustentação do setor algodoeiro do Brasil, visto que a retomada do crescimento econômico interno continua lento e mostra-se incapaz de absorver parte do aumento da produção.

Tabela 1 – Suprimento algodão em pluma Brasil

DISCRIMINAÇÃO	2015	2016	2017	2018	2019 (1)
O F E R T A	2.003,3	1.665,2	1.764,3	2.266,0	2.823,3
Estoque Inicial	438,4	349,0	201,2	245,2	566,0
Produção	1.562,8	1.289,2	1.529,50	2.005,80	2.247,25
- Centro/Sul	1.061,6	996,9	1.129,3	1.447,7	1.661,1
- Norte/Nordeste	501,2	292,3	400,2	558,1	586,2
Importações	2,1	27,0	33,6	15,0	10,0
D E M A N D A	1.654,3	1.464,0	1.519,1	1.700,0	2.080,0
Consumo Interno	820,0	660,0	685,0	700,0	750,0
Exportações	834,3	804,0	834,1	1.000,0	1.330,0
Estoque Final	349,0	201,2	245,2	566,0	743,3
Meses de Uso	2,5	1,6	1,9	4,0	4,3

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.

14.2. ARROZ

Em setembro, o Brasil exportou 160,9 mil toneladas de arroz base casca e importou 54,8 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 456,21 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 33,2 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 340,60 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados da Região Sudeste, com destaque para São Paulo e Minas Gerais. Para o final

da comercialização da safra 2016/17, já consolidada, a importação identificada foi de 1.042 mil toneladas e exportação de 1.064,7 mil toneladas.

Acerca do consumo, este foi consolidado nesta atual publicação em 12 milhões de toneladas para a safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36 mil toneladas no dia 28 de fevereiro de 2018. Para Safra a 2017/18 e 2018/19, projeta-se uma amena retração do consumo interno, ficando em 11,8 milhões de toneladas para ambas as safras.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz



2018/19 deverá ser 5,4% inferior em relação à safra 2017/18, atingindo 11,4 milhões toneladas, volume abaixo da média histórica de 12 milhões de toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão da perspectiva de menor produtividade e de redução de área nos principais estados produtores. Sobre a balança comercial, a expectativa é de superavit de aproximadamente 200 mil toneladas na atual safra em meio a preços nacionais baixos e um real desvalorizado na maior parte do ano. Já para a safra 2018/19, estima-se que ocorrerá uma reversão do superavit para déficit

na balança comercial, pois a expectativa é de um real mais valorizado, menor oferta do grão e, consequentemente, melhores preços internos ao longo de 2019.

Com base no cenário descrito, espera-se estabilidade nos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 775,6 mil toneladas, para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019). Para a safra 2018/19, em meio a uma estimativa de menor produção, a projeção é de redução nos estoques para 583,7 mil toneladas (fevereiro de 2020).

Tabela 2 – Suprimento arroz

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18 (*)	711,6	12.064,2	1.000,0	13.775,8	11.800,0	1.200,0	775,8
2018/19 (**)	775,8	11.407,9	1.200,0	13.383,7	11.800,0	1.000,0	583,7

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

14.3. FEIJÃO

14.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado, em São Paulo, a semana ficou mais curta devido ao feriado do dia 2 (finados), com o mercado se encerrando calmo. A boa demanda verificada na quarta e quinta-feira contribuiu para a manutenção dos preços que vinham em queda, mas a partir de sexta-feira a procura foi fraca e as cotações cederam em média R\$ 4,00 por saca.

A estabilidade dos preços já não agradava o setor. Agora, com a queda das cotações, observou-se certa frustração no mercado em virtude das poucas oportunidades de ganho, especialmente para os produtores e empresas empacotadoras.

Caso o ritmo da demanda no varejo não reaja, dificilmente ocorrerá melhoria nos preços. Algumas empresas de pesquisas constataram que, além da queda nas vendas, está havendo maior participação por marcas mais baratas.

Nota-se que, tanto no mercado atacadista-SP, como nas fontes de produção, as negociações estão fracas,

levando a crer que qualquer valor acima do atualmente praticado poderá travar ainda mais as negociações em razão do comportamento retraído da demanda.

Assim, os corretores continuam indecisos nas negociações, uns se sentem forçados a vender boa parte da mercadoria, acreditando não compensar estocá-la devido à crescente perda da qualidade e as poucas perspectivas para reação dos preços. Outros preferem aguardar um melhor momento para a comercialização, apostando numa expressiva valorização da mercadoria a partir de outubro.

Devido à recente alta dos preços, verifica-se grande dificuldade de repasse dos últimos aumentos para o varejo. Assim, as vendas que já apresentam certa lentidão, forçam o mercado a encontrar um ponto de equilíbrio, ou seja, um valor que o consumidor esteja disposto a pagar.

As indústrias de empacotamento alegam que, devido à morosidade nas vendas no setor varejista, fica invi-



ável qualquer aumento de preços, além disso, a boa oferta de produto comercial e fraco tem aumentado a concorrência entre as indústrias, reduzindo o deságio estabelecido entre os tipos e, conseqüentemente, desvalorizando os produtos de melhor qualidade.

O abastecimento do mercado se encontra normal e o predomínio da oferta continua sendo do tipo comercial. O ingresso da produção oriunda da safra de inverno está sendo suficiente para suprir o mercado, em vista da demanda bastante retraída.

Com a finalização da terceira e última safra em outubro, a expectativa é de uma melhoria nas cotações em

14.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, o produto segue com demanda retraída e preços estáveis, com o mercado sendo abastecido com volumes mais significativos

14.3.3. INTENÇÃO DE PLANTIO - TEMPORADA 2018/19

Apesar do quadro indefinido, a segunda intenção de plantio da safra 2018/19, realizada por técnicos da Conab, no período de 22 a 28 de outubro de 2018, apurou queda de 5,9% na área a ser plantada, em relação à safra anterior. Os principais fatores responsáveis por este comportamento são: os baixos preços recebidos pelos produtores, custos elevados de produção e os riscos climáticos.

Na Região Sul do país a semeadura está bem adian-

14.3.4. SUPRIMENTO

Para a temporada em curso, 2018/19, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em outubro, chega em um volume médio de produção estimado em 3,15 milhões de toneladas, 1% superior à colheita anterior. Esse resultado, somado ao estoque de passagem e às importações projetadas em 130 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3.478,9 mil toneladas.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da

razão da gradativa diminuição de ofertas. No entanto, muitos comerciantes continuam cautelosos nas negociações devido às dificuldades que estão encontrando no repasse de preços, mesmo com o indicativo de uma oferta ainda pequena devido à postura retraída dos compradores.

Contudo, o atual quadro de baixa oferta gradativamente mais enxuto, deverá continuar deixando o produto com preços remuneradores até meados de dezembro, quando começa a entrar no mercado, com maior intensidade, mercadoria da nova safra, procedente do Paraná e São Paulo.

da Argentina. Apesar da pouca oferta do produto, os compradores, a exemplo do carioca, estão demandando apenas o necessário para pronto atendimento.

tada em virtude das boas condições climáticas, ocupando cerca de 85% da área prevista para o cultivo. No Paraná, a área destinada à primeira safra é inferior em 25,3 mil hectares à safra anterior. Deste total, cerca de 18,2 mil hectares ocorrem com a cultivar carioca e 7,1 mil hectares com o comum preto. Muitos produtores estão migrando para as culturas do milho e da soja, por serem mais rentáveis e de menor risco climático.

área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.

Em 2017 houve uma expressiva recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,3 milhões de toneladas. No entanto, neste ano, a significativa queda dos preços no varejo, em relação ao ano passado, não foi suficiente nem para manter o atual consumo que, a princípio, deve recuar cerca de 150.000 toneladas. Dessa forma, e com as exportações estimadas em 120 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 234,8 mil toneladas, aproximadamente um mês de consumo.



Tabela 3 – Suprimento feijão

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18(*)	302,6	3.116,0	80,0	3.498,6	3.150,0	120,0	228,6
2018/19(*)	228,6	3.146,2	130,0	3.504,8	3.150,0	120,0	234,8

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

14.4. MILHO

Tabela 4 – Suprimento milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2000/01	3.590,8	42.289,3	548,8	46.428,9	35.573,2	5.917,7	4.938,0
2001/02	4.938,0	35.280,7	362,3	40.004,6	35.967,4	2.509,0	2.104,6
2002/03	2.104,6	47.410,9	806,2	49.255,3	37.050,1	4.050,3	9.221,3
2003/04	9.221,3	42.128,5	299,4	50.286,0	38.241,1	4.688,4	8.719,7
2004/05	8.719,7	35.006,7	596,1	42.965,1	39.989,8	883,3	3.449,5
2005/06	3.449,5	42.514,9	1.011,3	46.431,8	40.394,1	4.340,3	2.241,3
2006/07	2.241,3	51.369,9	1.164,3	54.693,1	42.126,7	10.862,7	1.786,1
2007/08	1.786,1	58.652,3	652,0	61.090,4	44.474,3	7.368,9	9.247,2
2008/09	9.247,2	51.003,8	1.181,6	61.432,6	46.143,1	7.333,9	7.955,6
2009/10	7.955,6	56.018,1	391,9	64.365,6	47.813,4	10.966,1	5.586,1
2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,3
2012/13	4.005,3	81.505,7	911,4	86.422,4	53.263,8	26.174,1	6.984,6
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	80.786,2	600,0	99.203,1	59.844,8	23.000,0	15.787,7
2018/19	15.787,7	90.484,3	400,0	106.672,0	62.500,0	31.000,0	13.172,0

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

Em novembro há algumas mudanças no quadro de oferta e demanda de milho, sendo este o segundo com informações da safra 2018/19, onde há uma expectativa, ainda que inicial, de 90,5 milhões de toneladas de produção.

No entanto, o estoque inicial de 15,8 milhões para a safra 2018/19, deve-se à situação que está se encerrando para a safra 2017/18, onde houve um ajuste na estimativa de exportação de milho, tendo em vista o ritmo de embarques aquém do que se esperava, no início de plantio.

Isso porque, além da quebra da safra, as dificuldades encontradas ao longo do ano em relação aos fretes, a queda do câmbio, devido à eleição do novo presidente da República e o surpreendente aumento das exportações de soja, devido às relações comerciais entre Estados Unidos e China; foram fundamentais para este cenário.

A queda na taxa de câmbio, que saiu de R\$ 4,00 para 3,70, influenciou na paridade de exportação, uma vez que as cotações de Chicago não conseguem romper o limite de US\$ 3,80/bushel (US\$ 149,60/t), desde junho. Desta feita, a paridade de exportação média de



outubro ficou em R\$ 32,46 a saca de 60 quilos, quase R\$ 1,0046 a saca de 60 quilos abaixo da média do mês passado, o que pressiona as cotações domésticas, desestimulando novos negócios.

Com a soja mais valorizada, o produtor que possui estoque da oleaginosa prefere negociá-la em detrimento do milho, diminuindo assim o volume de milho negociado.

Outubro fechou com uma exportação de 3,2 milhões de toneladas, gerando um acumulado de 15,9 milhões. Como a tendência indica um volume para novembro de 3,4 milhões e não há nenhum movimento forte do

14.5. SOJA

14.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Com a intensificação da guerra comercial entre Estados Unidos e China, os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) continuam em baixa, fechando outubro de 2018 no valor médio de US\$ 8,59/bu, esse valor é 3,12% maior que a média de setembro, que foi de US\$ 8,33/bu.

Esse pequeno ganho no mercado internacional foi apenas ganho técnico, pois as exportações e as vendas para exportações de soja americana, para a safra

14.5.2. MERCADO NACIONAL

Os preços nacionais de outubro de 2018 tiveram uma pequena queda de quase 5% em relação ao estimado em setembro de 2018. Apesar do pequeno aumento dos preços internacionais (3,12%) e nos preços de prêmio de porto (11,41%), o dólar em outubro de 2018 teve uma queda de aproximadamente 9,58% se comparado ao valor de setembro de 2018.

A safra 2018/19 de soja em grãos foi estimada entre os valores de 116,77 milhões de toneladas e 119,26 milhões de toneladas, com um aumento de área que pode variar entre 0,6% e 2,8%. Porém, esse número tem como base uma produtividade média estatística, portanto, há grandes chances que, caso não haja nenhum problema climático no decorrer do desenvolvimento da safra e colheita, o número de produção poderá ser maior.

Com isso, usando o limite superior de 119,26 milhões de toneladas para a safra brasileira 2018/19, as exportações foram calculadas em apenas 76 milhões de toneladas, contudo, provavelmente não será esse valor de exportação, pois, a demanda internacional por soja em grãos, principalmente da China, está cada vez mais aquecida e não deverá diminuir em 2019. A de-

mercado de grandes volumes de negócios para dezembro e janeiro, estima-se um total de embarque de milho de 23 milhões de toneladas de fevereiro a janeiro.

Assim, com este volume de estoque a ser carregado para a safra 2018/19, a expectativa é que o estoque final da referida safra se mantenha confortável nos patamares de 13,2 milhões de toneladas.

Desta feita, os preços internos seguem com tendência de baixa, onde em Mato Grosso, variou de R\$ 17,00 a 22,00 a saca de 60 quilos e no Paraná, de R\$ 26,50 a 29,00 a saca de 60 quilos.

2018/2019 continuam abaixo que no mesmo período de 2017 (safra 2017/18) e, apesar do pequeno aumento no esmagamento para a safra atual americana de 410 mil toneladas, os estoques de passagem estadunidense sofreram um pequeno aumento, passando de 23 milhões de toneladas em setembro para 24,09 milhões de toneladas, esse valor é 102% maior que o valor estimado para a safra 2017/18 e é o maior estoque de passagem historicamente.

manda interna, assim como as exportações, deve ser maior que o valor de 43,5 milhões de toneladas, ficando provavelmente em torno de 45 milhões de toneladas a 45,5 milhões de toneladas.

Independentemente do valor da safra não haverá um estoque de passagem alto e, principalmente, não haverá problemas de abastecimento interno para soja em grãos, farelo e óleo de soja. Os preços para a safra 2018/19 dependerá do andamento da safra brasileira, do valor do dólar frente ao real, prêmio de porto, preços de fretes e, caso não haja nenhuma surpresa os preços praticados internamente, devem ficar no mesmo valor médio de 2018.

Outro fator de grande importância, principalmente até o início da colheita brasileira, é como os americanos devem escoar a soja colhida da safra 2018/19, os estoques atuais americanos são os maiores da história e a guerra comercial entre Estados Unidos e China tem dificultado as exportações, o que pode ocasionar uma maior alta nos estoques, a não ser que sejam estimulados os esmagamentos. Caso isso não aconteça, os preços internacionais devem continuar em baixa, afetando diretamente os preços nacionais.



Tabela 5 – Oferta e demanda - em mil t - soja em grãos

Descrição/ Safra	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	4.522,2	2.734,7	2.469,7	3.675,6	4.540,1	678,3	2.611,1	3.020,4	447,8	744,0	1.551,5	979,4	1.614,2	2.188,7	670,4
Produção	52.304,6	55.027,1	58.391,8	60.017,7	57.165,5	68.688,2	75.324,3	66.383,0	81.499,4	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.281,7	119.266,7
Importação	368,0	48,8	97,9	96,3	99,4	117,8	41,0	266,5	282,8	578,7	324,1	382,1	253,7	700,0	400,0
Suprimento	57.194,8	57.810,6	60.959,4	63.789,6	61.805,0	69.484,3	77.976,4	69.669,9	82.230,0	87.443,5	98.103,6	96.796,1	115.943,2	122.170,4	120.337,1
Esmagamento	29.650,0	28.100,0	31.100,0	32.100,0	30.114,0	34.700,0	38.050,0	33.800,0	35.400,0	36.800,0	39.600,0	40.200,0	41.800,0	41.500,0	40.500,0
Semente e outros	2.375,0	2.283,0	2.450,0	2.650,0	2.450,0	3.100,0	3.920,0	2.954,0	3.294,2	3.400,0	3.200,0	3.400,0	3.800,0	4.000,0	3.000,0
Consumo total	32.025,0	30.383,0	33.550,0	34.750,0	32.564,0	37.800,0	41.970,0	36.754,0	38.694,2	40.200,0	42.800,0	43.600,0	45.600,0	45.500,0	43.500,0
Exportação	22.435,1	24.957,9	23.733,8	24.499,5	28.562,7	29.073,2	32.986,0	32.468,0	42.791,9	45.692,0	54.324,2	51.581,9	68.154,6	76.000,0	76.000,0
Estoque Final	2.734,7	2.469,7	3.675,6	4.540,1	678,3	2.611,1	3.020,4	447,8	744,0	1.551,5	979,4	1.614,2	2.188,7	670,4	837,1

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

Tabela 6 – Oferta e demanda - em mil t - farelo de soja

Descrição/ Safra	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	2.030,6	1.893,2	1.363,4	1.761,0	2.377,2	1.821,1	1.967,0	3.176,7	867,6	445,9	267,3	833,8	1.844,8	2.855,4	911,4
Produção	22.830,5	21.637,0	23.947,0	24.717,0	23.187,8	26.719,0	29.298,5	26.026,0	27.258,0	28.336,0	30.492,0	30.954,0	32.186,0	31.955,0	31.185,0
Importação	188,7	152,4	101,2	117,3	43,4	39,5	24,8	5,0	3,9	1,0	1,1	0,8	1,6	1,0	2,0
Suprimento	25.346,3	23.682,6	25.411,6	26.595,4	25.608,4	28.579,6	31.290,3	29.207,7	28.129,5	28.782,9	30.760,5	31.788,6	34.032,4	34.811,4	32.098,4
Consumo Interno	9.031,4	9.986,8	11.176,4	11.930,3	11.533,3	12.944,0	13.758,4	14.051,1	14.350,0	14.799,3	15.100,0	15.500,0	17.000,0	17.200,0	17.000,0
Exportação	14.421,7	12.332,4	12.474,2	12.287,9	12.254,0	13.668,6	14.355,2	14.289,0	13.333,5	13.716,3	14.826,7	14.443,8	14.177,1	16.700,0	14.000,0
Estoque Final	1.893,2	1.363,4	1.761,0	2.377,2	1.821,1	1.967,0	3.176,7	867,6	445,9	267,3	833,8	1.844,8	2.855,4	911,4	1.098,4

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

Tabela 7 – Oferta e demanda - em mil t - óleo de soja

Descrição/ Safra	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	330,1	307,0	194,5	410,6	381,7	437,7	676,6	988,0	650,5	639,8	579,9	298,1	569,0	635,6	218,1
Produção	5.781,8	5.479,5	6.064,5	6.259,5	5.872,2	6.766,5	7.419,8	6.591,0	6.903,0	7.176,0	7.722,0	7.839,0	8.151,0	8.092,5	7.897,5
Importação	3,2	25,4	44,1	27,4	27,4	16,2	0,1	1,0	5,0	0,1	25,3	66,1	58,1	40,0	41,0
Suprimento	6.115,1	5.811,9	6.303,1	6.697,5	6.281,3	7.220,4	8.096,5	7.580,0	7.558,5	7.815,8	8.327,2	8.203,2	8.778,1	8.768,1	8.156,6
Consumo Interno	3.111,0	3.198,0	3.550,0	4.000,0	4.250,0	4.980,0	5.367,0	5.172,4	5.556,3	5.930,8	6.359,2	6.380,0	6.800,0	7.100,0	6.700,0
Exportação	2.697,1	2.419,4	2.342,5	2.315,8	1.593,6	1.563,8	1.741,4	1.757,1	1.362,5	1.305,1	1.669,9	1.254,2	1.342,5	1.450,0	1.100,0
Estoque Final	307,0	194,5	410,6	381,7	437,7	676,6	988,0	650,5	639,8	579,9	298,1	569,0	635,6	218,1	356,6

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

14.6. TRIGO

O mercado permaneceu observando as condições das lavouras e o avanço da colheita nos principais estados produtores de trigo do Brasil. No Paraná, o clima chuvoso permaneceu afetando as lavouras e impossibilitando a conclusão da colheita. Além de impedir o avanço da colheita, o produto colhido sob clima chuvoso é de qualidade inferior, obrigando os moinhos mais exigentes a comprarem produto gaúcho ou mesmo importar dos vizinhos Argentina, Paraguai e Uruguai, que apresentou aumento produtivo considerável. No

estado, até a data de realização do levantamento, 77% dos 1.097,1 hectares cultivados nesta temporada já haviam sido colhidos.

Conforme dados divulgados pela Emater/RS, ao final de outubro, 48% das lavouras plantadas haviam sido colhidas. Das remanescentes, 1% se encontra em fase de floração, 10% em fase de enchimento de grãos e 41% em maturação. De acordo com os técnicos do órgão, os danos provocados pelos eventos climáticos



preocupam os produtores devido à incidência de doenças fúngicas e possíveis perdas na qualidade dos grãos.

A Conab estimou um aumento anual de 6,3% de área plantada, perfazendo um total de 2.036,7 mil hectares. Ocorreu também um acréscimo na projeção da

safr brasileira de trigo, que deverá atingir um total de 5.531,8 mil toneladas na temporada 2018/19. Esse aumento se deu devido ao incremento na produtividade esperada em Santa Catarina e, principalmente, do Rio Grande do Sul, cujo rendimento passou a corresponder a 2.746 kg/ha.

Tabela 8 – Suprimento trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01/08)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31/07)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	206,2	10.700,0	287,4	10.987,4	1.985,6
2018/19 (*)	1.985,6	5.531,8	6.300,0	13.817,4	300,0	10.700,0	305,5	11.005,5	2.511,9

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.



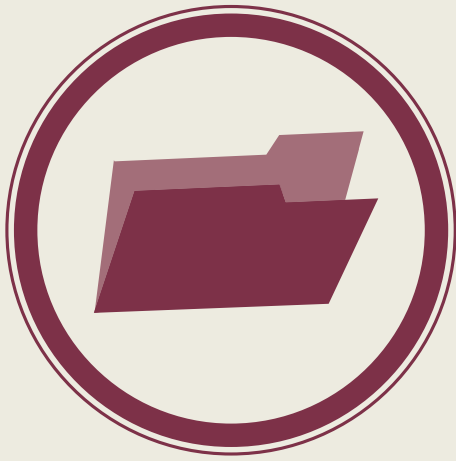
Tabela 9 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	2.005,8	15,0	2.266,1	700,0	1.000,0	566,1
	2018/19	566,1	2.247,3	10,0	2.823,4	750,0	1.330,0	743,3
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	1.000,0	13.908,5	11.800,0	1.200,0	775,8
	2018/19	775,8	11.407,9	1.200,0	13.383,7	11.800,0	1.000,0	583,6
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,0	80,0	3.586,1	3.150,0	120,0	228,6
	2018/19	228,6	3.146,2	130,0	3.504,8	3.150,0	120,0	234,8
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	80.786,0	600,0	98.632,5	59.844,8	23.000,0	15.787,7
	2018/19	15.787,7	90.484,3	400,0	106.672,0	62.500,0	31.000,0	13.172,0
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.800,0	54.324,2	979,4
	2015/16	979,4	95.434,6	382,1	96.796,1	43.600,0	51.581,9	1.614,2
	2016/17	1.614,2	114.075,3	253,7	115.943,2	45.600,0	68.154,6	2.188,6
	2017/18	2.188,6	119.281,7	700,0	127.415,5	45.500,0	76.000,0	670,3
	2018/19	670,3	119.266,7	400,0	120.337,0	43.500,0	76.000,0	836,9
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,6	34.032,4	17.000,0	14.177,1	2.855,3
	2017/18	2.855,3	31.955,0	1,0	36.081,8	17.200,0	16.700,0	911,3
	2018/19	911,3	31.185,0	2,0	32.098,3	17.000,0	14.000,0	1.098,3
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	58,1	8.778,1	6.800,0	1.342,5	635,6
	2017/18	635,6	8.092,5	40,0	8.768,1	7.100,0	1.450,0	218,1
	2018/19	218,1	7.897,5	41,0	8.156,6	6.700,0	1.100,0	356,6
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	10.987,4	206,2	1.985,6
	2018	1.985,6	5.531,8	6.300,0	13.817,4	11.005,5	300,0	2.511,9

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em agosto 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



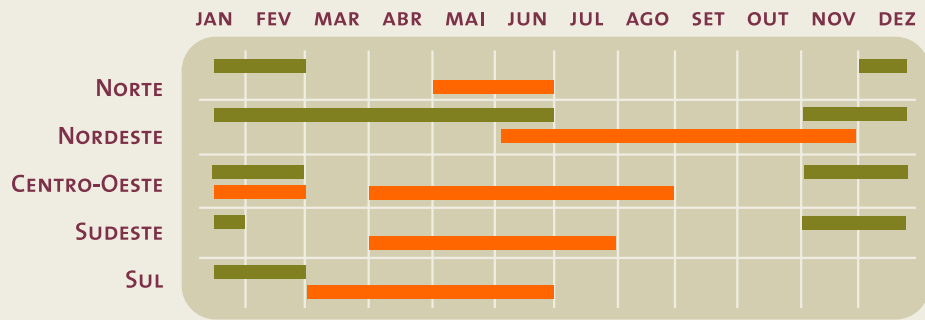


15. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

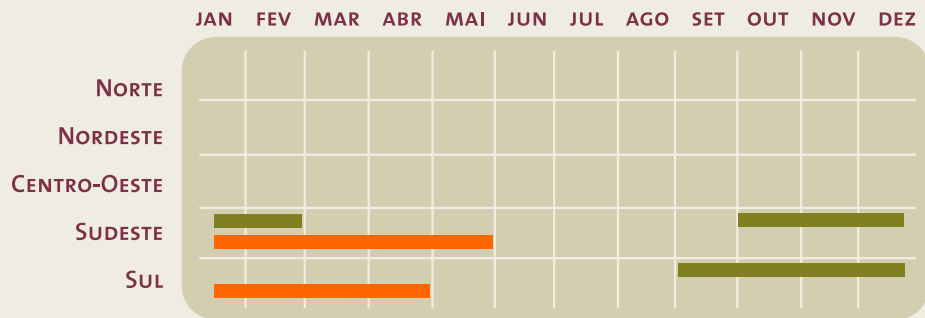
Plantio Colheita



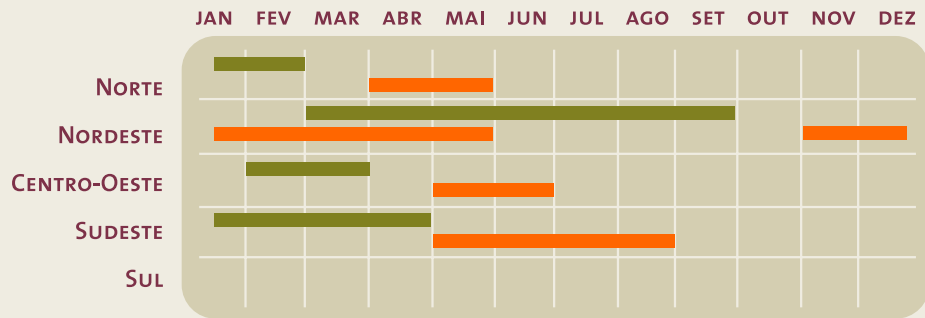
Algodão



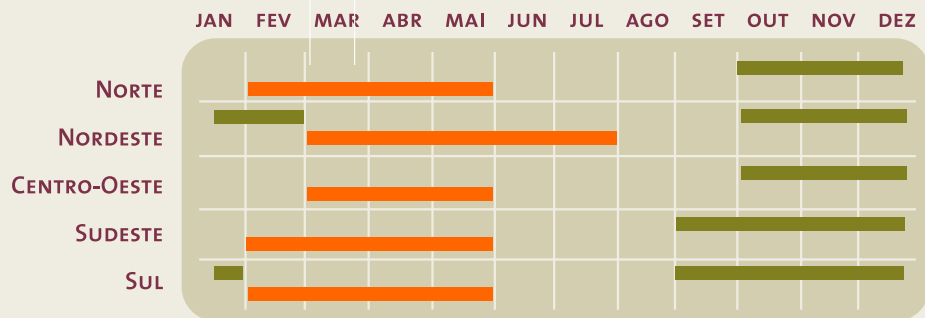
Amendoim 1ª safra



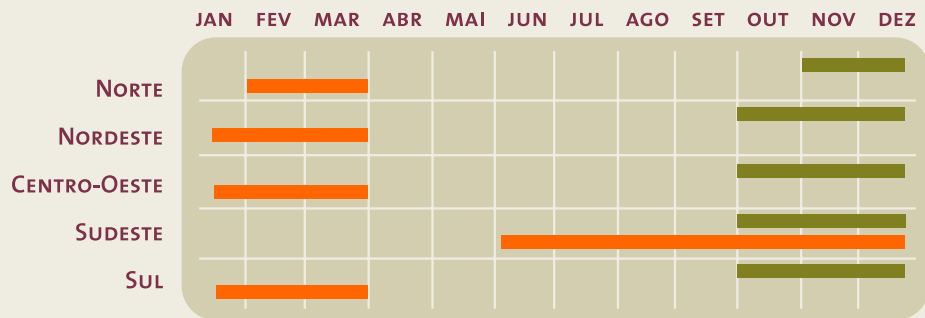
Amendoim 2ª safra



Arroz

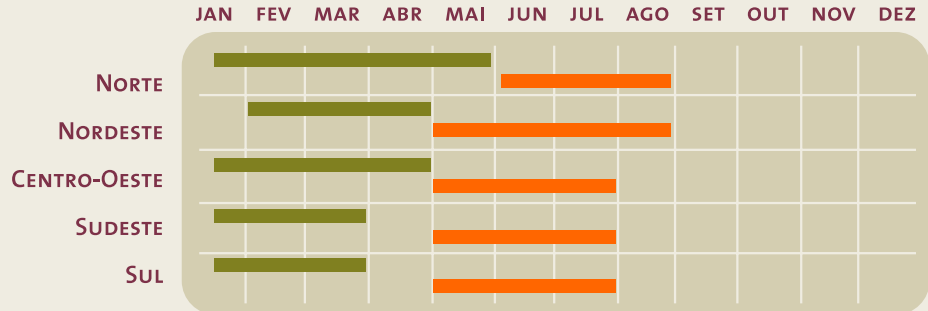


Feijão 1ª safra

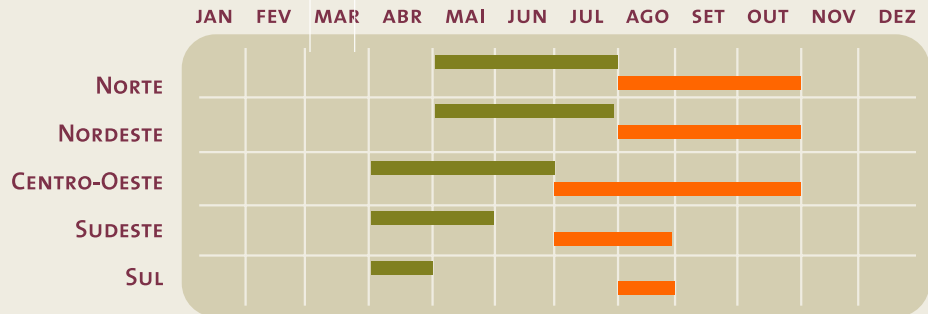




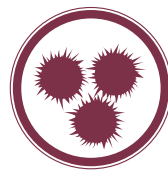
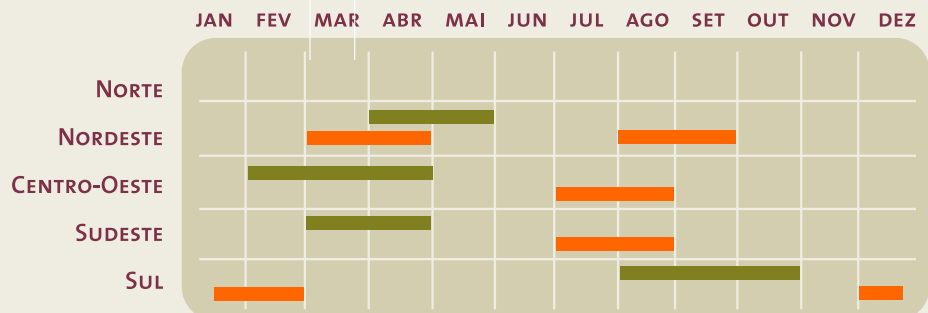
Feijão 2ª safra



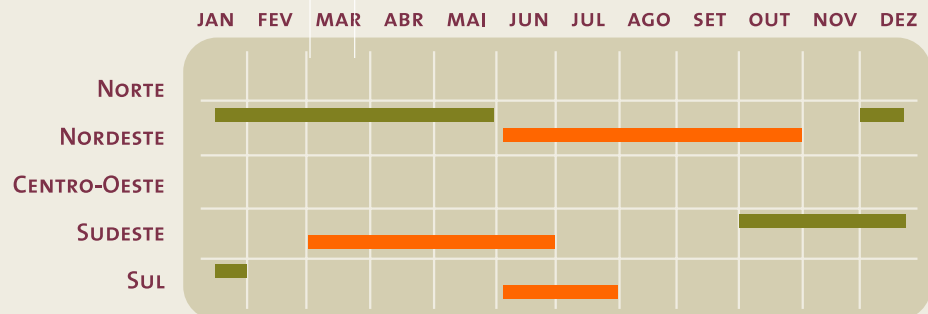
Feijão 3ª safra



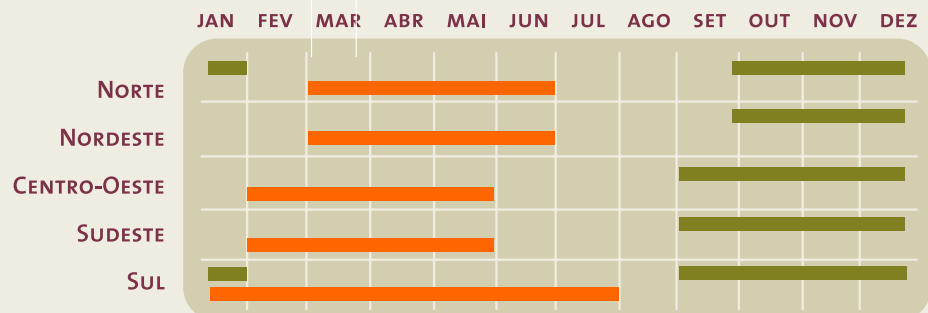
Girassol



Mamona

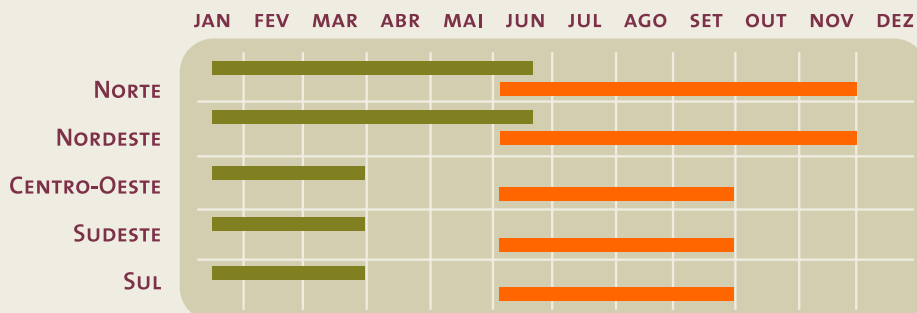


Milho 1ª safra

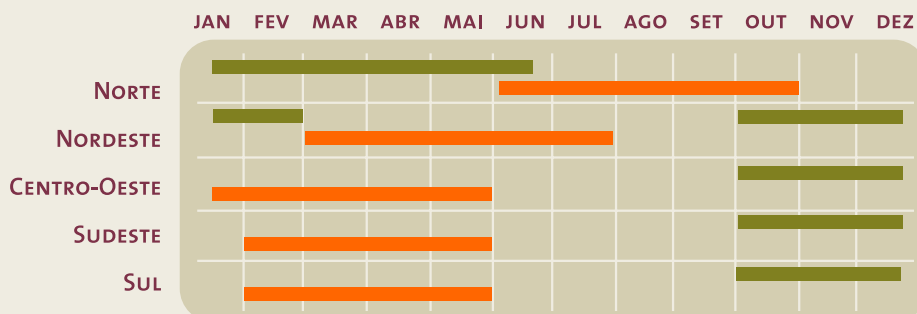




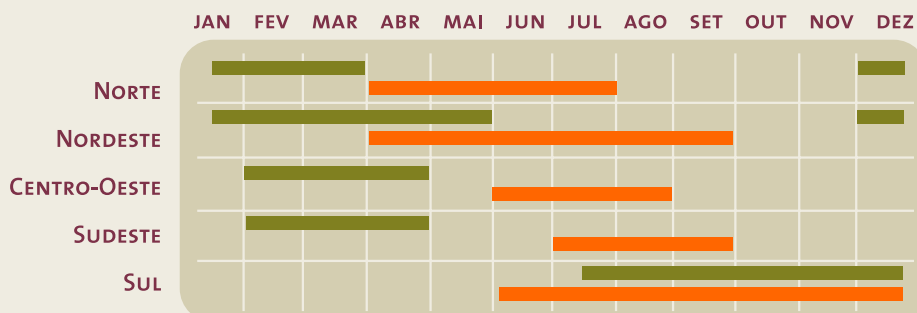
Milho 2ª safra



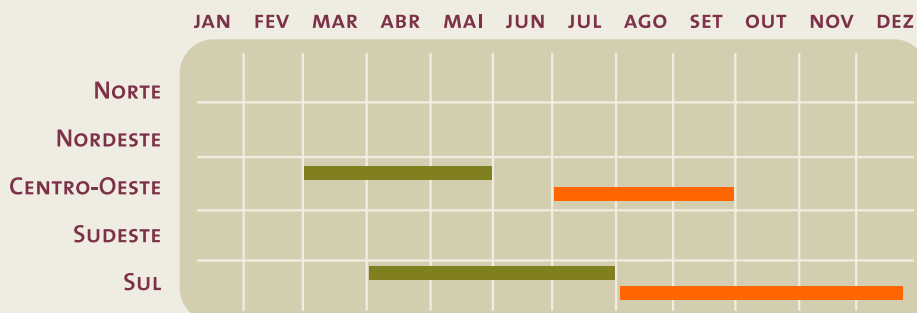
Soja



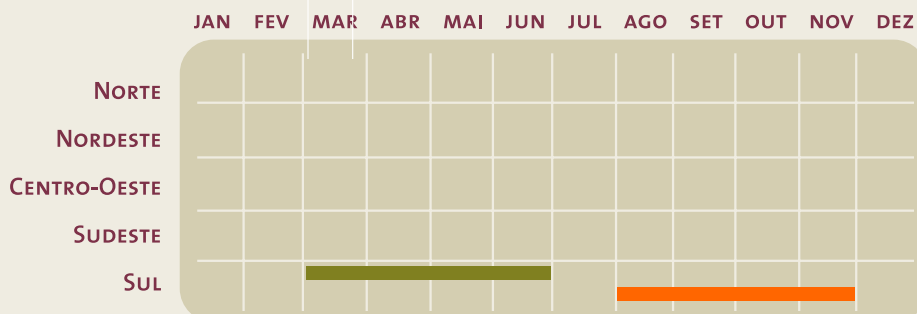
Sorgo



Aveia

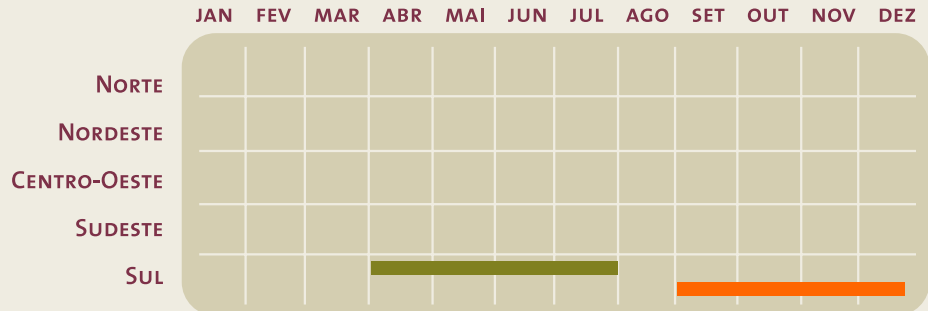


Canola

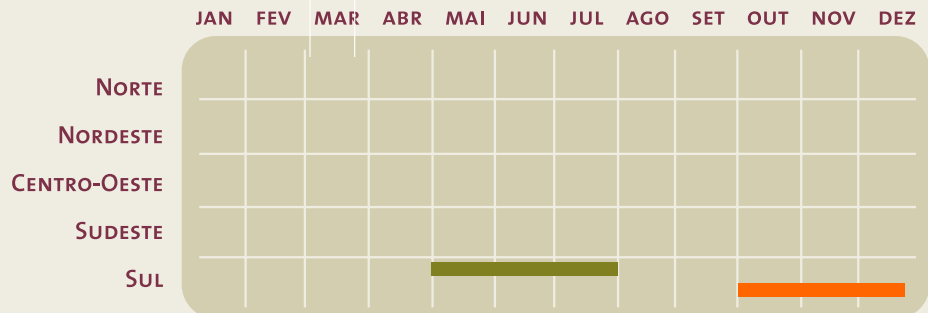




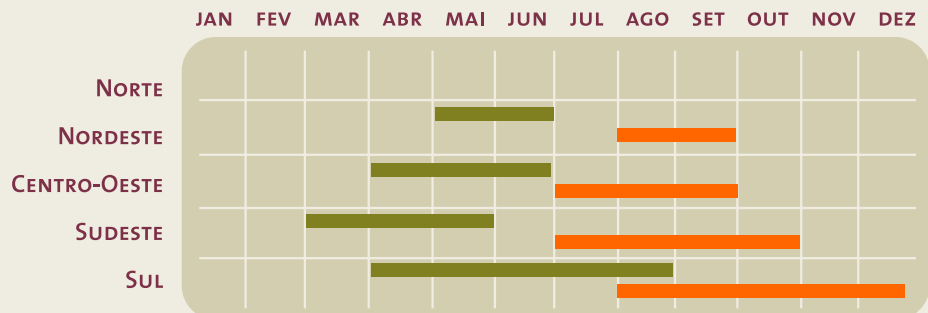
Centeio



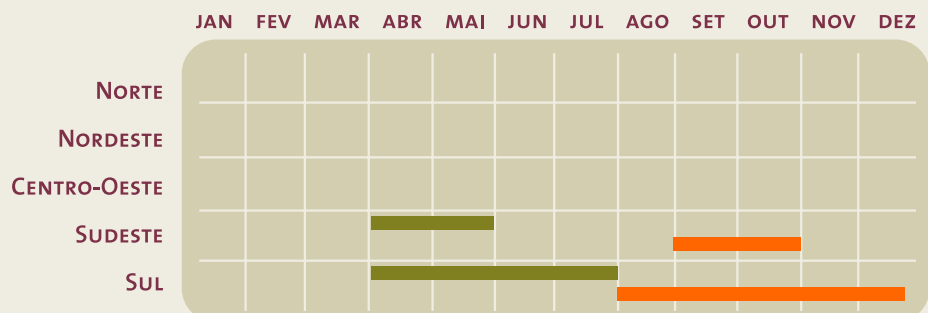
Cevada



Trigo



Triticale





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Conab

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO

GOVERNO
FEDERAL

